



# NORA ROBERTS

*Mentiras  
Cruéis*

*Tradução de Eduardo Fernandes*



CHÁ DA CINCO  
Livros com sexto sentido

*Ao Pat e à Mary Kay:  
Obrigada pelas gargalhadas e pelos almoços*

## PRÓLOGO

De alguma forma, através de uma combinação de orgulho e terror, ela conseguiu manter-se de cabeça erguida e dominar o enjoo. Não se tratava de um pesadelo. Não era uma fantasia obscura que ela pudesse desfazer de madrugada. Contudo, tal como num sonho, tudo sucedia em câmara lenta. Esforçava-se por emergir por uma densa cortina de água, para além da qual conseguia divisar os rostos de todas as pessoas que a rodeavam. Os olhares eram ávidos; as bocas abriam-se e fechavam-se como se prontas a engoli-la de vez. As suas vozes fluíam e chocalhavam como as ondas do mar a embater nos rochedos. Mais forte, mais persistente era o bater desenfreado do seu coração, um tango feroz que lhe agitava o corpo gelado.

*Continua, continua*, ordenava o cérebro às suas pernas trémulas, à medida que umas mãos firmes a empurravam pela multidão, para fora do edifício, em direcção aos degraus do tribunal. O reverberar da luz do Sol fazia-a lacrimejar, por isso, procurou aflita pelos seus óculos de sol. Pensariam que chorava. Não podia permitir-lhes tamanho vislumbre das suas emoções. O silêncio seria o seu único escudo.

Tropeçou e sentiu-se entrar em pânico. Não podia cair. Se caísse, os repórteres e os curiosos saltariam por cima dela, exibindo as presas, puxando e repuxando como feras na presença de uma lebre em fuga. Tinha de se manter de pé, protegida pelo seu silêncio por alguns metros apenas. Eve ensinara-lhe precisamente isso.

— Dê-lhes a sua inteligência, menina, nunca a sua coragem.

Eve. Só lhe apetecia gritar. Levar as mãos ao rosto e gritar, gritar até que toda a fúria, todo o medo, toda a dor se esvaíssem do seu corpo.

Algumas perguntas gritadas assustaram-na. Os microfones espetavam-se-lhe na cara como pequenos dardos fatais, agora que as equipas televisivas gravavam o grande final da acusação de crime contra Julia Summers.

— Cabra! — gritou alguém, cuja voz vibrava de ódio e lágrimas. — Cabra cruel.

Queria parar e gritar também. *Como sabem o que sou? Como sabem o que sinto?*

Mas a porta da limusina estava aberta. Entrou na viatura para se deixar acolher pelo ar fresco e proteger pelos vidros fumados. A multidão inclinava-se para a frente, empurrando as barricadas dispostas pela estrada. Estava rodeada por rostos furiosos, abutres que fitavam uma carcaça ainda fresca. À medida que o carro avançava, ela olhava em frente, com as mãos cerradas em punhos e os olhos surpreendentemente secos.

Nada disse quando o seu acompanhante lhe preparou uma bebida. Dois dedos de brandy. Quando bebeu o primeiro gole, ele perguntou-lhe calmamente, quase de forma casual, com a voz que aprendera a amar:

— Então, Julia, mataste-a?

## 1.

Ela era uma lenda. Um produto da sua época, de puro talento e uma ambição inabalável. Eve Benedict. Homens trinta anos mais novos desejavam-na. As mulheres invejavam-na. Os directores dos estúdios cortejavam-na, sabendo que naquela era em que os filmes eram pensados por contabilistas, o nome dela valia o seu peso em ouro. Numa carreira de quase cinquenta anos, Eve Benedict conhecera triunfos e derrotas e usara toda a sua experiência para ser tudo o que ambicionara ser.

Fazia o que queria, tanto ao nível pessoal como profissional. Se tinha um interesse particular por uma determinada personagem, corria atrás dela com a mesma ferocidade e determinação com que obtivera o primeiro papel da sua vida. Se desejava um homem, abocanhava-o, dispensando-o apenas quando estivesse saciada e — como gostava de se gabar — sem ponta de malícia. Todos os seus amantes — e não eram poucos — mantinham-se seus amigos. Ou, pelo menos, tinham o bom senso de fingir que o eram.

Aos sessenta e sete anos, Eve conseguira conservar o seu belo corpo graças a muita disciplina e às mãos artísticas dos cirurgiões. Por mais de meio século transformara-se numa lâmina afiada. Usara as decepções e os triunfos da vida para temperar o aço dessa lâmina, convertendo-a numa arma temida e respeitada por todo o reino de Hollywood.

Fora uma deusa. Agora era uma rainha com uma língua e mente astutas. Poucos a conheciam verdadeiramente. Ninguém partilhava os seus segredos.

— É uma merda. — Eve atirou o argumento para o chão de tijoleira do seu solário, deu-lhe um pontapé e afastou-se. Movia-se como sempre se movera, com uma camada fina de dignidade sobre uma tempestade de sensualidade. — Tudo o que li nos passados dois meses é uma merda.

A sua agente, uma mulher redonda e de aspecto afável com uma vontade de ferro, encolheu os ombros e bebeu o seu cocktail vespertino.

— Eu disse-te que era lixo, Eve, mas quiseste lê-lo.

— Disseste que era lixo. — Eve pegou num cigarro pousado numa taça de Lalique e procurou nos bolsos uma carteira de fósforos. — Há sempre algo que se pode aproveitar no lixo. Já fiz muito lixo brilhar. Isto — voltou a pontapear o argumento com requinte — é merda.

Margaret Castle bebeu mais um gole do seu sumo de toranja com vodka.

— Tens toda a razão. As mini-séries...

Eve interrompeu-a com um repente de cabeça e um olhar afiado como um bisturi.

— Sabes que detesto essa palavra.

Maggie pegou num biscoito de maçapão e levou-o à boca.

— O que quer que lhe queiras chamar, mas o papel da Marilou era perfeito para ti. Nunca mais apareceu uma bela do Sul riija e fascinante como a Scarlett O'Hara.

Eve sabia-o e tinha já decidido aceitar o convite. Mas não queria ceder demasiado depressa. Não se tratava de orgulho, mas de imagem.

— Três semanas de filmagens na Geórgia — murmurou. — Enrolada com mosquitos e aligátors.

— Querida, tu é que escolhes os teus parceiros. — E com isto conquistou uma gargalhada rápida. — Escolheram o Peter Jackson para o papel de Robert.

Os olhos verdes de Eve estreitaram-se.

— Quando soubeste disso?

— Ao pequeno-almoço. — Maggie sorriu e aconchegou-se nas almofadas pastel do cadeirão de verga branca. — Imaginei que te interessasse.

Calculando, ainda em movimento, Eve exalou uma longa baforada.

— Parece o borracho da semana, mas trabalha muito bem. Quase vale a pena andar a patinhar num pântano por uns tempos.

Agora que sentia que o isco tinha sido mordido, Maggie deleitava-se com a sua pescaria.

— Estão a pensar em escolher a Justine Hunter para Marilou.

— Essa flausina? — Eve começou a fumar e a caminhar mais nervosamente. — Vai dar cabo do filme. Não tem o talento nem a inteligência necessários para interpretar a Marilou. Viste-a no *Midnight*? A única coisa que tinha algum relevo na interpretação era o peito. Credo!

A reacção de Eve fora tal qual Maggie esperara.

— Esteve muito bem no *Right of Way*.

— Porque fazia dela própria, uma ordinária desmiolada. Meu Deus, Maggie, ela é um desastre.

— O público televisivo conhece o nome dela e... — Maggie escolheu outro pedaço de maçapão, estudou-o e sorriu. — Tem a idade certa para o papel. A Marilou tem quarenta e poucos.

Eve deu meia volta. Parou numa zona iluminada pelo Sol, com o cigarro em riste como uma arma. *Magnífica*, pensava Maggie, à espera da explosão. Eve Benedict era magnífica, com o seu rosto angulado, aqueles lá-

bios cheios e vermelhos, o cabelo negro e liso impecavelmente cortado. O corpo dela era a fantasia de qualquer homem: esguio e elegante, de seios fartos. Estava coberto por uma túnica de seda da cor de uma pedra preciosa — a sua imagem de marca.

E então sorriu, exibindo o famoso sorriso rápido como um relâmpago que deixava quem o recebia sem reacção. Atirando para trás o cabelo, deu uma gargalhada longa e sentida.

— Em cheio, Maggie. Caramba, conheces-me demasiado bem.

Maggie cruzou as suas pernas rechonchudas.

— Tenho essa obrigação, ao fim de vinte e cinco anos.

Eve dirigiu-se para o bar para se servir de um copo alto de sumo de laranjas acabadas de colher do seu quintal. Acrescentou-lhe uma dose generosa de champanhe.

— Começa a trabalhar no acordo.

— Já comecei. Este projecto vai fazer de ti uma mulher rica.

— Eu já *sou* uma mulher rica. — Com um encolher de ombros, Eve apagou o cigarro. — Somos ambas.

— Então, seremos ainda mais. — Brindou com Eve, bebeu e agitou os cubos de gelo. — Agora, porque não me dizes o verdadeiro motivo por que me pediste que viesse?

Recostando-se contra o bar, Eve bebeu mais um pouco. Nas suas orelhas cintilavam diamantes; estava descalça.

— Conheces-me demasiado bem. Tenho outro projecto em mente. Algo em que tenho vindo a pensar há algum tempo. Vou precisar da tua ajuda para o concretizar.

Maggie arqueou uma sobrancelha loira e fina.

— A minha ajuda e não a minha opinião?

— As tuas opiniões são sempre bem-vindas, Maggie. Poucas o são. — Sentou-se num cadeirão de verga, com almofadas vermelhas. Dali conseguia ver os jardins, com as suas flores meticulosamente cuidadas e os arbustos bem podados. Uma fonte de mármore branco jorrava um jacto de água cristalina que caía cintilando na pia. Mais além ficava a piscina, a casa de hóspedes — uma reprodução exacta de uma casa da época dos Tudors, construída para um dos seus filmes mais bem-sucedidos. Por trás de um agrupamento de palmeiras ficavam os cortes de ténis que ela frequentava pelo menos duas vezes por semana, um campo de golfe que deixara de a captivar, um campo de tiro que ela mandara construir imediatamente a seguir aos homicídios dos Manson, vinte anos antes<sup>1</sup>. Havia ainda um laranjal,

---

<sup>1</sup> Referência aos homicídios rituais perpetrados por Charles Manson e seus acólitos em 1969, entre cujas vítimas se contou Sharon Tate, actriz e mulher de Roman Polanski, grávida à data. (N. do T.)

uma garagem com dez carros, uma lagoa artificial e um muro de pedra com seis metros de altura a circundar todo o terreno.

Cada centímetro quadrado da sua propriedade em Beverly Hills era fruto do seu trabalho. Tal como fora a transformação de *sex symbol* de voz grave para actriz respeitada. Fizera alguns sacrifícios, mas raramente se recordava deles. Sofrera também. E isso jamais esqueceria. Subira com garra os degraus carregados de suor e sangue e estivera no topo por muito tempo. Mas sempre sozinha.

— Fala-me desse projecto — insistiu Maggie. — Dou-te a minha opinião e, depois, a minha ajuda.

— Que projecto?

Ambas as mulheres olharam em direcção à porta, ao escutarem a voz do homem. Denunciava um leve sotaque inglês, como verniz sobre madeira requintada, embora não tivesse morado em Inglaterra por mais de dez anos nos seus trinta e cinco de vida. O lar de Paul Winthrop era na Califórnia.

— Estás atrasado — disse Eve, embora sorrindo afavelmente e abrindo-lhe os braços.

— Estou? — Beijou-lhe as mãos e depois o rosto, tão suaves como pétalas de rosas. — Olá, linda. — Pegou no copo dela e sorriu. — As melhores laranjas do país. Olá, Maggie.

— Credo, Paul. Estás cada vez mais parecido com o teu pai. Arranja-te uma audição num piscar de olhos.

Paul bebeu novamente antes de devolver o copo a Eve.

— Qualquer dia aceito... quando as galinhas tiverem dentes.

Atravessou a sala em direcção ao bar, revelando um corpo masculino esguio e tonificado, insinuando apenas os contornos dos músculos sobre a camisa larga. O seu cabelo era da cor do mogno envelhecido e estava arrepanhado para trás por ter conduzido a alta velocidade com a capota do carro recolhida. O rosto, que em criança tinha sido quase belo de mais, estava finalmente maduro. Eve estudava-o — o seu nariz fino e recto, as maçãs do rosto cinzeladas, os olhos azuis e as rugas que os rodeavam e se tornavam o pesadelo de uma mulher, mas a personalidade de um homem. A boca desenhava um sorriso e era forte e bonita. Era a mesma boca por que se tinha apaixonado vinte e cinco anos atrás. A boca do pai dele.

— Como está esse malandro? — perguntou ela, carinhosamente.

— A divertir-se com a quinta mulher e as roletas de Monte Carlo.

— Não aprende mesmo. As mulheres e o jogo sempre foram a grande fraqueza do Rory.

Porque planeava trabalhar essa noite, Paul bebeu o sumo sem aditivos. Interrompera a agenda por Eve, embora não o fizesse por mais ninguém.

— Felizmente, tem tido muita sorte nas duas áreas.

Eve tamborilava os dedos no braço da cadeira. Fora casada com Rory Winthrop durante dois anos breves e tumultuosos, vinte e cinco anos antes, e não sabia se poderia concordar com o veredicto do filho dele.

— Quantos anos tem esta? Trinta?

— De acordo com os comunicados oficiais. — Divertido, Paul inclinou a cabeça, observando Eve a pegar noutra cigarro. — Ora, linda, não me digas que tens ciúmes.

Se o comentário tivesse vindo de outra pessoa, ela arrancar-lhe-ia a carne com os dentes. Mas, assim, Eve limitou-se a encolher os ombros.

— Detesto vê-lo a fazer figura de parvo. Além disso, sempre que ele casa, passam a lista das suas “ex” a pente fino. — Uma nuvem de fumo encobriu-a por segundos, desfeita de imediato pela corrente gerada pela ventoinha no tecto. — Odeio ver o meu nome associado às suas escolhas menos felizes.

— Ah, mas o teu nome brilha mais. — Paul ergueu o copo num brinde. — Como deve ser.

— Sempre a palavra certa no momento certo. — Agradada, Eve recostou-se novamente. Mas os seus dedos agitavam-se inquietos no braço da cadeira. — A característica do romancista bem-sucedido. E esse foi um dos motivos por que te chamei cá hoje.

— Um dos?

— O outro é não te ver vezes suficientes, Paul, quando andas perdido num dos teus livros. — Uma vez mais, estendeu-lhe a mão. — Posso ter sido tua madrasta apenas por algum tempo, mas continuas a ser o meu único filho.

Comovido, Paul beijou-lhe a mão.

— E continuas a ser a única mulher que amo.

— Porque és esquisito. — Mas Eve apertou-lhe os dedos, libertando-os de seguida. — Não vos chamei aqui para lamechices. Preciso de aconselhamento profissional. — Deu uma longa passa no seu cigarro, reconhecendo o valor do *timing* dramático. — Decidi escrever as minhas memórias.

— Oh, meu Deus — foi a primeira reacção de Maggie, enquanto Paul se limitou a arquear a sobrancelha.

— Porquê?

Apenas os ouvidos mais atentos detectariam a hesitação que se seguiria. Eve sempre soubera proferir as suas deixas de forma fria.

— Ter conquistado um prémio de carreira fez-me pensar no assunto.  
— Mas isso foi uma distinção — comentou Maggie. — Não uma chamada de atenção.

— Foram as duas coisas — respondeu Eve. — Foi mais do que justo ver o meu trabalho premiado, mas a minha vida e o meu trabalho ainda não terminaram. Fez-me pensar que os cinquenta anos da minha vida dedicados a esta arte foram tudo menos aborrecidos. Acho que nem alguém com a criatividade do Paul seria capaz de imaginar uma história tão interessante e com personagens tão variadas. — Os seus lábios curvaram-se revelando malícia e humor. — Sei de muita gente que não vai gostar de ver os seus nomes e segredinhos obscuros esparramados num livro.

— E ninguém melhor do que tu para agitar as águas — murmurou Paul.

— Ninguém — concordou Eve. — E porque não? As águas estagnam e ganham bichos se ninguém as agitar de vez em quando. Tenciono ser brutalmente franca. Não perderei tempo com uma biografia de celebridade que mais parece uma nota de imprensa ou uma carta aos fãs. Preciso de um escritor que não atenuie as minhas palavras nem as explore. Alguém capaz de montar a minha história tal como se desenrolou e não como alguns gostariam que se tivesse desenrolado. — Eve percebeu a expressão no rosto de Paul e riu-se. — Não te preocupes, querido, não quero que sejas tu a fazê-lo.

— Imagino que tenhas alguém em mente. — Pegou no copo dela para o reabastecer de bebida. — Foi por isso que me enviaste a biografia do Robert Chambers na semana passada?

Eve aceitou o copo e sorriu.

— Que te pareceu?

— Estava bem feita, dentro do género.

— Não sejas arrogante, querido. — Divertida, gesticulou com o cigarro. — Como certamente saberás, o livro recebeu críticas excelentes e figurou na lista do *New York Times* por vinte semanas.

— Vinte e duas — corrigiu Paul, fazendo-a sorrir.

— É um trabalho interessante, se gostarmos das proezas do Robert e do seu machismo, mas o que me pareceu mais fascinante foi a forma como a autora conseguiu encaixar algumas verdades num chorrilho de mentiras bem elaboradas.

— Julia Summers — contribuiu Maggie, tentando decidir com dificuldade se devia comer mais um doce. — Vi-a no *Today* quando estava a promover o livro, na Primavera passada. Muito calma, muito bonita. Diz-se que ela e o Robert foram amantes.

— Se foram, ela soube manter a sua objectividade. — Eve desenhou

um círculo no ar com o cigarro, apagando-o de seguida. — A vida pessoal dela não é importante.

— Mas a tua sim — lembrou-a Paul. Depois de pousar o copo, aproximou-se dela. — Eve, não me agrada a ideia de te expores dessa maneira. Digam o que disserem sobre as palavras e o vento, o que dizemos, fica, sobretudo quando é registado por um escritor com talento.

— Tens toda a razão. É por isso que quero que grande parte das palavras sejam minhas. — Impediu o protesto de Paul com um aceno de mão. — Paul, deixando de parte as tuas tendências literárias, o que pensas da Julia Summers do ponto de vista profissional?

— Ela faz o que faz com qualidade. Talvez de mais. — A ideia deixava-o desconfortável. — Não precisas de te expor à curiosidade do público desta forma, Eve. Não precisas de dinheiro nem de promoção.

— Meu caro rapaz, não vou fazer isto pelo dinheiro ou pela promoção. Vou fazer isto pelos motivos por que sempre fiz tudo na vida: por prazer. — Eve olhou para a agente. Conhecia Maggie suficientemente bem para saber que estava já a maquinar o próximo passo. — Telefona ao agente dela — ordenou Eve decididamente. — Faz uma oferta. Vou dar-te uma lista das minhas exigências. — Levantou-se para beijar Paul no rosto. — Não amues. Tens de acreditar que sei o que estou a fazer.

Avançou numa pose perfeita para o bar e serviu-se de mais champã, rezando para que não tivesse lançado um dado que acabasse por ditar a sua sorte.

Julia não sabia ao certo se tinha acabado de receber o presente de Natal mais fascinante do mundo ou uma enorme batata quente. Estava diante da grande janela da sua casa no Connecticut, observando o vento a levantar a neve numa misteriosa dança branca. Do outro lado da sala, os troncos estalavam e crepitavam na enorme lareira de pedra e havia uma meia vermelha pendurada em cada extremidade. Indolentemente, fez girar uma estrela, deixando-a a rodopiar no seu eixo, na ponta de um ramo do pinheiro.

A árvore estava no centro da janela, precisamente onde Brandon a quisera colocar. Tinham escolhido o pinheiro juntos, tinham-no transportado até à sala, bufando e gemendo de esforço, passando a noite inteira a decorá-lo. Brandon escolhera a localização de cada enfeite. Se ela atirasse as fitas aos molhos, ele insistia em recolocá-las tira por tira.

Tinha, aliás, escolhido o local onde plantariam a árvore no dia de Ano Novo, iniciando uma tradição nova, na casa nova, num ano novo.

Com dez anos de idade, Brandon vivia uma intensa paixão pela tradição. Talvez por nunca ter conhecido um verdadeiro lar, concluíra ela. Pensando no seu filho, Julia olhou para os presentes apinhados debaixo da

árvore. Ali também havia ordem. Brandon tinha a necessidade típica de uma criança de dez anos de abanar, cheirar e agitar os embrulhos cuidadosamente dispostos. Possuía a curiosidade e a inteligência necessárias para adivinhar o que estaria em cada caixa. Mas quando trocava de embrulho, o anterior voltava rigorosamente para o seu lugar.

Daí a poucas horas, começaria a implorar à mãe que o deixasse abrir uma prenda — apenas uma — na véspera de Natal. Isso também era uma tradição. A mãe recusaria. Ele insistiria. Ela fingiria hesitar. Ele conseguiria convencê-la. E este ano, pensava, passariam o Natal num lar a sério. Não um apartamento na baixa de Manhattan, mas uma casa, um lar, com um jardim feito para bonecos de neve, uma cozinha enorme para preparar biscoitos. Sentira sempre uma grande necessidade de lhe proporcionar essa experiência. Esperava que isso ajudasse a compensar o facto de não lhe poder dar um pai.

Afastando-se da janela, começou a passear pela divisão. Era uma mulher pequena, de aspecto delicado, e vestia uma camisa de flanela e calças de ganga largas. Vestia-se sempre de forma confortável em privado e para descansar, como oposição ao aspecto profissional e frio que a sua vida pública exigia. Julia Summers orgulhava-se da imagem que dava aos editores, ao público televisivo, às celebridades que entrevistava. Apreciava a capacidade natural de entrevistar, de descobrir o que precisava de saber sobre os outros, sem que eles soubessem muito sobre si mesma.

A informação oficial sobre a sua pessoa dava conta de que tinha crescido em Filadélfia e que era filha única de dois advogados bem-sucedidos. Dizia também que se licenciara pela Brown University e que era mãe solteira. Listava os sucessos profissionais e os prémios. Mas não mencionava o inferno que testemunhara durante os três anos que tinham antecedido o divórcio dos pais, ou o facto de ter trazido ao mundo o filho, completamente sozinha, com apenas dezoito anos. Não havia referência ao sofrimento que sentira quando perdera a mãe e depois o pai, com apenas dois anos de diferença, tendo ela pouco mais de vinte anos.

Embora nunca tivesse feito segredo disso, era sabido que tinha sido adoptada aos seis anos e que tinha sido mãe com dezoito anos incompletos de um rapaz, com um homem não identificado na certidão de nascimento.

Julia não considerava as omissões mentiras — embora, é claro, soubesse o nome do pai de Brandon. Mas, na verdade, era demasiado boa a entrevistar para permitir que se revelasse o que ela não desejava revelar.

E, satisfeita por conseguir fazer cair qualquer máscara, apreciava ser a Menina Summers, figura pública, que usava o seu cabelo loiro-escuro numa banana elegante, que escolhia fatos elegantes e bem talhados em tons que lembravam pedras preciosas, que podia aparecer no *Donahue* ou no

*Carson* ou na *Oprah* para promover o seu novo livro sem demonstrar um vislumbre sequer dos nervos que se escondiam sob aquela personagem pública.

Quando estava em casa, desejava ser apenas Julia. A mãe de Brandon. Uma mulher que gostava de fazer o jantar para o filho, limpar o pó, planejar um jardim. Construir um lar era o seu trabalho mais importante e a escrita tornava-o possível.

Agora, enquanto aguardava que o filho entrasse a correr pela porta para lhe contar as suas aventuras no trenó com os vizinhos, ponderava na proposta que a agente acabara de lhe comunicar. Fora completamente inesperada.

Eve Benedict.

Ainda caminhando nervosamente, Julia pegava e trocava os bibelôs de uns sítios para os outros, ajeitava as almofadas do sofá, reorganizava as revistas. A sala de estar era uma confusão criada mais por ela do que por Brandon. Enquanto tentava decidir a posição de um jarro com flores secas ou o ângulo de um prato de porcelana, passava por cima de sapatos esquecidos no chão, ignorava um cesto de roupa lavada por arrumar. E pensava.

Eve Benedict. O nome passeava-lhe pela cabeça como magia. Não se tratava de uma mera celebridade, mas de uma mulher que conquistara o direito de ser tida como uma estrela. O seu talento e temperamento eram tão notórios e respeitados como o seu rosto. Um rosto, pensava Julia, que agraciara os ecrãs dos cinemas durante mais de cinquenta anos, em mais de cem filmes. Dois Óscares, um Tony, quatro maridos — apenas alguns dos prémios que se alinhavam na montra de troféus. Conhecera a Hollywood de Bogart e Gable; sobrevivera e triunfara nos dias em que o sistema dos estúdios passara a ser gerido por gestores.

Depois de quase cinquenta anos sob as luzes da ribalta, esta seria a sua primeira biografia autorizada. Seria certamente a primeira vez que a estrela contactara um escritor e lhe propusera completa cooperação. Com algumas exigências, recordava Julia, afundando-se no sofá. E essas exigências tinham-na feito pedir ao agente que lhe desse tempo para responder.

Ouvira a porta da cozinha bater e sorriu. Não, havia apenas um motivo que a fazia hesitar em aceitar aquele presente inesperado. E tinha acabado de entrar em casa.

— Mamã!

— Já vou. — Seguiu para o corredor, pensando se havia de mencionar a oferta de trabalho naquele momento ou esperar até ao final das festas. Nunca lhe passara pela cabeça tomar uma decisão e depois comunicá-la a Brandon. Entrou na cozinha e ali ficou, a sorrir. A apenas um passo da

porta estava um monte de neve com olhos escuros e animados. — Vieste a pé ou a rebolar?

— Foi um espectáculo. — Brandon debatia-se como um homenzinho para desenrolar o cachecol axadrezado que tinha ao pescoço. — Ficámos com o tobogã e o irmão mais velho do Will deu-lhe um grande empurrão. A Lisa Cohen fartou-se de gritar o caminho todo. Quando caímos do trenó, chorou. E ficou com o ranho congelado.

— Que bonito.

Julia agachou-se para ajudar a desapertar o nó cego.

— E eu, pumba!, mesmo no meio de um monte de neve. — Flocos de neve gelada saltaram das suas luvas enquanto exemplificava o embate com as mãos. — Foi fixe.

Não podia insultá-lo perguntando-lhe se se tinha magoado. Era evidente que estava óptimo. Mas não lhe agradava a imagem do filho a ser projectado de um tobogã e a aterrar num monte de neve. Sabendo que provavelmente também apreciaria a sensação, conteve-se para não pronunciar os ruídos maternos que se acumulavam na garganta. Julia conseguiu desfazer o nó e depois foi pôr uma cafeteira ao lume para preparar chocolate quente, enquanto Brandon despiu a parka com esforço.

Quando olhou para trás, ele tinha já pendurado o casaco. Era mais rápido a desempenhar as tarefas do que ela e tinha já tirado um biscoito do cesto de verga pousado no balcão da cozinha. Trazia o cabelo molhado, um cabelo loiro-escuro como o dela. E, tal como a mãe, possuía uma estrutura pequena, algo que ela sabia incomodá-lo bastante. A carinha era estreita e perdera muito cedo a gordura de bebé. Era uma criança teimosa — bem filho da sua mãe. Mas os olhos, ao contrário dos cinzentos de Julia, eram de um castanho rico e denso. A única herança visível do seu pai.

— Só dois — disse ela automaticamente. — Jantamos daqui a pouco.

Brandon arrancou a cabeça de uma rena à dentada, perguntando-se se seria capaz de a convencer a deixá-lo abrir uma prenda. Sentia já o aroma do esparguete que fervia no fogão. O odor rico e adocicado agradava-lhe, quase tanto como lambe os vestígios de açúcar dos lábios. Comiam *sempre* esparguete na véspera de Natal. Porque era o seu prato favorito.

Este ano passariam o Natal na casa nova, mas ele sabia exactamente o que aconteceria e quando. Jantariam — na sala de jantar porque era uma noite especial — e depois lavariam a loiça. A mãe poria um pouco de música e fariam jogos em frente à lareira. Depois encheriam as meias com presentes, à vez cada um.

Sabia bem que o Pai Natal não existia e isso não o incomodava muito. Era divertido fazer de conta que era *ele* o Pai Natal. Quando as meias ficassem cheias, convenceria a mãe a deixá-lo abrir um presente. E sabia exacta-

mente o presente que escolheria esta noite. Aquele que estava embrulhado em papel prateado e verde e que fazia barulho. Desejava desesperadamente que fosse uma grua de brincar.

Começou a sonhar com a manhã, com o momento em que acordaria a mãe mesmo antes de o Sol nascer. E como desceriam até à sala, acenderiam as luzes da árvore, ligariam a música e abririam os presentes.

— Ainda falta tanto tempo para de manhã — começou ele a dizer quando Julia pousou a caneca de chocolate em cima do balcão. — Talvez devêssemos abrir os nossos presentes esta noite. Há muita gente a fazê-lo, e assim não nos levantávamos tão cedo.

— Ora, não me importo de me levantar cedo. — Julia apoiou os cotovelos no balcão e sorriu. O sorriso era intencional e desafiador. O jogo tinha começado. — Mas se preferires, podes dormir até mais tarde e abrimos os presentes ao meio-dia.

— Sabe melhor quando está escuro. E está a ficar de noite.

— É verdade. — Inclinando-se para a frente, afastou-lhe o cabelo dos olhos. — Adoro-te, Brandon.

Moveu-se no lugar. Não era assim que se fazia o jogo.

— Está bem.

Julia tinha de se rir. Contornando o balcão, sentou-se no banco ao lado do dele e apoiou os pés calçados com meias nas travessas do banco. — Precisamos de falar sobre um assunto. Recebi um telefonema da Ann há pouco.

Brandon sabia que Ann era a agente da mãe e que a conversa só podia ser sobre trabalho.

— Vamos viajar outra vez?

— Não. Para já não. É sobre um livro novo. Há uma senhora na Califórnia, uma estrela muito famosa, que quer que eu escreva a sua biografia autorizada.

Brandon encolheu os ombros. A sua mãe tinha já escrito dois livros sobre estrelas de cinema. Velhos. Nunca daqueles fixes como o Arnold Schwarzenegger ou o Harrison Ford.

— Está bem.

— Mas é um pouco complicado. A mulher, a Eve Benedict, é uma estrela famosa. Tenho filmes dela gravados.

O nome não lhe dizia nada. Continuou a beber o chocolate. Ficou com uma linha de espuma castanha por cima do lábio. O primeiro bigode de um rapaz.

— Aqueles esquisitos a preto e branco?

— Alguns são a preto e branco, mas nem todos. A questão é que, para escrever o livro, vou ter de ir para a Califórnia.

Então, ele ergueu o olhar, apreensivo.

— Vamos mudar-nos?

— Não. — Séria, pousou as mãos nos ombros dele. Compreendia o que aquela casa significava para ele. Tinha sido desenraizado vezes suficientes nos seus dez anos e ela não voltaria a fazê-lo. — Não, não nos vamos mudar, mas teríamos de ir para lá e ficar alguns meses.

— Como uma visita?

— Uma visita grande. É por isso que temos de pensar no assunto. Terias de ir à escola lá e eu sei que já te habituaste a estar aqui. É por isso que temos de pensar os dois no assunto.

— Porque não pode ela vir para cá?

Julia sorriu.

— Porque é uma estrela e eu não, filho. Ela quer que eu vá ter com ela e fique a morar lá até terminar o primeiro rascunho. Não sei se quero fazer isso. — Desviou o olhar, fitando pela janela da cozinha. A neve tinha parado e a noite começava a cair. — A Califórnia é muito longe daqui.

— Mas depois voltávamos?

Que giro que era, a resumir assim o assunto.

— Sim, depois voltávamos. Este é o nosso lar. Para sempre.

— Podemos ir à Disneylândia?

Surpresa e divertida, olhou para o filho.

— Claro.

— Posso conhecer o Arnold Schwarzenegger?

Rindo-se, Julia encostou a testa à do filho.

— Não sei. Mas podemos perguntar.

— Está bem.

Satisfeito, Brandon terminou o seu chocolate.

## 2.

Estava tudo bem, pensava Julia quando o avião se aproximou do LAX. A casa estava fechada, ficara tudo tratado. A sua agente e a de Eve Benedict tinham trocado faxes e telefonemas continuamente nas últimas três semanas. E agora Brandon saltava no lugar, ansioso por que o avião aterrasse.

Não havia nada com que se preocupar. Mas, é claro, tinha um doutoramento na área da preocupação. Voltara a roer as unhas e estava irritadíssima por ter estragado a manicura, precisamente porque detestava todo esse processo, o deixar de molho, o pintar, a escolha agonizante do tom certo de verniz. *Lilás Luxuoso* ou *Deleite de Fúchsia*. Como sempre,

contentara-se com duas camadas de verniz transparente. Aborrecido, mas descomprometedor.

Deu consigo a esgaravatar o que restava da unha do polegar e cruzou os dedos no colo. Meu Deus, agora pensava no verniz como vinho. Um tom sedutor mas substancial.

Quando aterrariam?

Arregaçou as mangas do casaco e voltou a endireitá-las enquanto Brandon olhava ansiosamente pela janela. Pelo menos, conseguira não deixar perceber o medo que tinha de voar.

Exalou um longo e silencioso suspiro e os dedos descontraíram lentamente quando o avião aterrou. *Sobreviveste a mais um, Jules*, pensava ela, para depois deixar cair a cabeça no apoio da cadeira. Agora apenas tinha de sobreviver à primeira entrevista com Eve Benedict, preparar um lar provisório na casa de hóspedes da atriz, ver se Brandon se adaptava ao novo lar e ganhar a vida.

Não era nada de mais, pensava, abrindo o estojo de base para verificar se ainda tinha cor no rosto. Retocou o batom e polvilhou o nariz com pó-de-arroz. Se havia coisa em que era boa, era em disfarçar o nervosismo. Eve Benedict não veria mais do que autoconfiança.

Quando o avião travou na entrada, Julia tirou um pacote de pastilhas do bolso do casaco.

— Aqui vamos nós, filho — disse ela a Brandon, piscando o olho. — Prontos ou não.

Ele pegou na mochila e ela na pasta. De mãos dadas, saíram do avião e mesmo antes de atravessarem a porta, um homem vestido com um uniforme escuro e usando um chapéu aproximou-se.

— Menina Summers?

Julia puxou Brandon para si.

— Sim?

— Chamo-me Lyle e sou o motorista da Menina Benedict. Vou levá-la de imediato para a propriedade. A sua bagagem será entregue posteriormente.

O homem não teria mais de trinta anos, concluía Julia, assentindo. E possuía a estrutura de um carregador. Tinha imponência suficiente na postura para tornar o uniforme ridículo. Acompanhou-os pelo terminal, enquanto Brandon se arrastava e travava a qualquer momento, ansioso por absorver tudo de uma vez.

O carro aguardava-os no passeio. Mas “carro” era um termo algo pobre para a limusina cintilante e enorme.

— Ena — disse Brandon em voz baixa. Mãe e filho arregalaram os olhos entre si e riram-se ao entrarem na viatura. O interior cheirava a rosas,

a couro, a perfume. — Até tem uma televisão e tudo — sussurrou Brandon. — Espera só até contar isto aos rapazes.

— Bem-vindos a Hollywood — disse Julia e, ignorando o champagne gelado, serviu uma Pepsi a ambos. Fez um brinde sério com Brandon e sorriu. — Tens uma remela no canto do olho.

Brandon falou o caminho todo, sobre as árvores, os skaters, a viagem à Disneylândia. A conversa ajudava-a a acalmar-se. Deixou-o ligar a televisão, mas não gostou da ideia de usar o telefone. Quando entraram em Beverly Hills, Brandon decidiu que ser motorista era um trabalho excelente.

— Há quem diga que ter um é ainda melhor.

— Nah... porque assim não podes conduzir.

E era isso, afinal, pensava ela. O trabalho dela com as celebridades mostrara-lhe que a fama acarretava um preço elevado. Parte incluía ter um motorista com o corpo de um guarda-costas, ponderava ela, descalçando um sapato para afundar o pé no tapete macio.

A outra parte tornou-se evidente quando seguiram paralelamente a um muro alto de pedra, em direcção a um portão de ferro trabalhado e muito pesado, onde um guarda também vestido de uniforme espreitou pela janela de uma pequena cabana de pedra. Depois de um ruído prolongado, o portão abriu lentamente, de forma majestosa. E as fechaduras trancaram-se de imediato. Fechados por dentro e por fora, pensou Julia.

A propriedade era lindíssima, coberta de árvores ancestrais e arbustos bem podados que floririam assim que o clima o permitisse. Um pavão passeava-se no relvado e a sua fêmea lançava um grito semelhante ao de uma mulher. Julia riu-se quando viu Brandon boquiaberto.

Havia um lago pontilhado com nenúfares. Por cima dele pairava uma bonita ponte pedonal. Tinham deixado para trás, horas antes, os ventos de neve do nordeste e acabavam de entrar no paraíso. O Éden de Eve. Julia tinha saído de um poster Currier and Ives para entrar num quadro de Dali.

Então, surgiu a casa, e ela ficou tão sem palavras quanto o seu filho. Tal como o carro, era branca e brilhante, com três andares elegantes em forma de “E” e pequenos jardins ensombrados entre as reentrâncias. A casa era feminina, atemporal e elaborada como a mulher que a habitava. As janelas e pérgulas em arco atenuavam as linhas austeras do edifício sem lhe retirar a aura de imponência. As varandas, com ferro forjado trabalhado como renda branca delicada, decoravam o piso superior. Em contraste, as flores de tons exuberantes de vermelho, safira, púrpura e açafião enroscavam-se nas grades, escalando arrogantemente as paredes completamente brancas.

Quando Lyle abriu a porta, Julia sentiu o silêncio. Nenhum ruído do mundo exterior penetrava as paredes. Os motores dos carros, os travões dos autocarros ou os guinchos dos pneus não se atreviam a invadir o espa-

ço. Escutava-se apenas o chilreio das aves e o sussurro sedutor da brisa que corria pelas folhas aromáticas, o jorrar da água por uma fonte no centro do jardim. Por cima, o céu era de um azul onírico, pontilhado por algumas nuvens de algodão-doce.

E, uma vez mais, Julia sentiu a sensação incómoda de ter entrado para um quadro.

— A sua bagagem será entregue na casa de hóspedes, Menina Summers — explicou-lhe Lyle. Tinha-a observado através do espelho retrovisor durante a longa viagem, ponderando a melhor forma de a convencer a dar umas cambalhotas rápidas no seu quarto por cima da garagem. — A Menina Benedict pediu-me que a trouxesse aqui primeiro.

Julia não encorajou nem contestou o brilho no olhar do homem.

— Obrigada.

Olhou para a cascata de degraus em mármore branco e depois agarrou bem na mão do filho.

Dentro de casa, Eve afastou-se da janela. Queria vê-los primeiro. Precisava de o fazer. Julia era bem mais delicada do que esperara depois das fotografias que vira. A jovem usava roupa com muito bom gosto. O fato vermelho bem talhado e a jóia subtil mereciam a aprovação de Eve. Assim como a sua postura.

E o rapaz... possuía um rosto meigo e uma aura de energia reprimida. Serviria, pensava ela cerrando os olhos. Ambos serviriam muito bem.

Abrindo novamente os olhos, aproximou-se da mesa-de-cabeceira. Na gaveta guardava os comprimidos que apenas ela e o seu médico sabiam que precisava. Havia também um pedaço de papel barato com uma anotação.

## NÃO FAÇAS ONDAS.

Como ameaça, era simplesmente ridícula para Eve. E desafiadora. Ainda não tinha começado a escrever o livro e as pessoas já estavam nervosas. O facto de haver muitas possibilidades para a origem da mensagem apenas tornava o jogo interessante. As regras eram dela, concluía. Ela detinha o poder. Era mais do que altura de o usar.

Serviu-se de água da garrafa de Baccarat e engoliu a medicação, porque detestava demonstrações de fraqueza. Depois de repor os comprimidos, dirigiu-se a um espelho comprido com moldura de prata. Tinha de parar de se perguntar se estaria a cometer um erro. Não gostava de duvidar de uma decisão que tinha tomado. Nunca gostara. Jamais.

Com olhos cuidadosos e brutalmente honestos, observou o seu reflexo. O fato-de-treino de seda esmeralda realçava-lhe a figura. Maquilhara-se

sozinha e arranjara o cabelo uma hora antes. Nas orelhas, pescoço e dedos cintilavam apontamentos de ouro. Certa de que teria toda a aparência de uma celebridade, começou a descer as escadas. Faria, como sempre, uma entrada grandiosa.

Uma empregada de olhos frios e postura rígida que se apresentara como Travers acompanhara Julia e Brandon ao salão. Fora-lhes dito que o chá seria servido em breve. E que se pusessem à vontade.

Julia não sabia como seria possível estar à vontade numa sala daquelas, numa casa daquelas. A cor jorrava por cima da cor, derramando-se pelas paredes brancas, tapete branco e sofás brancos. As almofadas e os quadros, as flores e as porcelanas eram apontamentos dramáticos num cenário uniforme. O tecto alto exibia pormenores de gesso trabalhado. As janelas estavam tapadas por reposteiros cor de tília.

Mas o quadro, o retrato imenso e interminável que pairava sobre a lareira branca em mármore, era a peça central. Apesar do dramatismo da sala, o quadro dominava... e exigia.

Ainda agarrada à mão de Brandon, Julia fitou-o demoradamente. Eve Benedict, quase quarenta anos antes, de uma beleza incomparável, de um poder insuperável. Um vestido de seda carmim deslizava-lhe pelos ombros, drapejando-se-lhe pelo corpo luxuriante, enquanto ela se mantinha de pé, rindo-se do público, não com humor mas com conhecimento. O cabelo dela fluía simplesmente, escuro como ébano. Não usava jóias. Não precisava.

— Quem é? — perguntou Brandon. — É uma rainha?

— Sim. — Julia inclinou-se para lhe beijar o topo da cabeça. — É a Eve Benedict e é quase uma rainha.

— Carlotta — acrescentou Eve, com a sua voz densa e sedutora ao entrar. — Do *No Tomorrows*.

Julia voltou-se e enfrentou a mulher.

— MGM, 1951 — respondeu Julia. — Contracenou com o Montgomery Clift. Foi o seu primeiro Óscar.

— Muito bem. — Eve manteve o olhar fixo em Julia ao atravessar a divisão, oferecendo-lhe a mão de seguida. — Bem-vinda à Califórnia, Menina Summers.

— Obrigada.

Julia sentiu o aperto forte da mão de Eve que ainda a estudava. Sabendo que os primeiros momentos deste tipo de relação podiam ser cruciais, retribuiu o olhar com a mesma intensidade. Sabia que tanto o poder como a beleza tinham envelhecido, tornando-se mais fortes.

Com os seus pensamentos bem disfarçados, Eve olhou para Brandon.

— E tu deves ser o Sr. Summers.

Ele riu-se com o comentário e olhou para a mãe.

— Acho que sim. Mas pode chamar-me Brandon.

— Obrigada. — Sentiu um desejo imenso de lhe afagar a cabeça, mas conteve-se. — Podes chamar-me... Menina B., à falta de melhor. Ah, Travers, sempre pontual. — Assentiu ao ver a empregada trazer o carrinho de chá. — Por favor, sente-se. Não me demorarei. Certamente quererá instalar-se. — Escolheu uma cadeira branca de costas altas e esperou que Julia e o rapaz se sentassem no sofá. — Jantamos às sete, mas como imagino que a comida no avião tenha sido terrível, ocorreu-me que talvez quisessem alguma coisa.

Brandon, que nunca gostara muito de chá, reparou que essa “alguma coisa” eram bolos com cobertura, mini-sanduíches e um frasco de limonada. Sorriu.

— É muito simpático da sua parte — agradeceu Julia.

— Vamos passar muito tempo juntas e há-de perceber que raramente sou simpática. Não é assim, Travers?

Travers resmungou algo e pousou os pratos de porcelana delicada na mesinha de café, para depois sair da sala, no seu andar decidido.

— Mas tentarei proporcionar-vos todo o conforto possível, porque me interessa que faça um bom trabalho.

— Farei um bom trabalho, com ou sem conforto. Um — disse Julia a Brandon quando ele se preparava para pegar no segundo bolo. — Mas agradeço-lhe a sua hospitalidade, Menina Benedict.

— Posso comer dois se comer duas sanduíches?

Julia olhou para Brandon. Eve reparou que o seu sorriso era fácil e que o olhar se amenizava.

— Come as sanduíches primeiro. — Voltando a atenção novamente para Eve, o sorriso era formal. — Espero que não se sinta obrigada a receber-nos enquanto estamos aqui. Sabemos que a sua agenda deve ser muito preenchida. Assim que lhe for conveniente, podemos acordar as horas para as entrevistas.

— Ansiosa por começar a trabalhar?

— Claro.

Então, sempre acertara na sua avaliação, pensava Eve. Aquela mulher fora ensinada ou aprendera a seguir sempre em frente. Eve bebia o chá e reflectia.

— Muito bem, então, a minha assistente dar-lhe-á um calendário. Semana a semana.

— Precisaréi desta segunda de manhã para levar o Brandon à escola. E preciso de alugar um carro.

— Não haverá necessidade disso. — Acenou com a mão para encerrar o assunto. — Há meia dúzia na garagem. Um há-de servir. O Lyle, o meu motorista, levará o rapaz à escola.

— No carro grande e branco? — perguntou Brandon de boca cheia e olhos arregalados.

Eve riu-se antes de beber mais chá.

— Acho que não. Mas darei ordens para que te deixem passear nele de vez em quando. — Reparou que ele fitava o tabuleiro novamente. — Em tempos vivi com um rapazinho da tua idade. Gostava muito de miniaturas.

— Há meninos aqui?

— Não. — Uma sombra atravessou rapidamente o olhar de Eve. Levantou-se, esboçando uma despedida casual. — Imagino que queiram descansar antes do jantar. Se saírem pelas portas do terraço e seguirem pelo caminho da piscina, encontram a casa de hóspedes mesmo à direita. Quer que um dos empregados a acompanhe?

— Não, nós encontramos-la. — Julia levantou-se e pousou a mão no ombro de Brandon. — Obrigada.

Na entrada, Eve parou e voltou-se.

— Brandon, se fosse a ti, embrulhava esses bolinhos num guardanapo e levava-os comigo. A tua barriga ainda está com os horários trocados.

Ela tinha razão. O voo de costa a costa tinha alterado o sistema a Brandon. Às cinco tinha tanta fome que Julia precisou de lhe preparar uma refeição leve com os ingredientes da cozinha minúscula mas bem abastecida da casa de hóspedes. Às seis, irritadiço com a exaustão, adormeceu no sofá, diante da televisão. Julia levou-o para o quarto dele, onde um dos empregados muito eficientes de Eve tinha já arrumado as malas.

Era uma cama estranha num quarto estranho, apesar de ter lá a sua grua de brincar, os livros e os brinquedos preferidos que tinham seguido viagem com eles. Ainda assim, como sempre, dormiu como uma pedra, sem se mover enquanto ela lhe retirava os sapatos e as calças. Quando terminou, Julia telefonou para a casa principal para transmitir a Travers as suas desculpas pela ausência no jantar daquela noite.

Ela própria estava suficientemente cansada para ponderar se haveria de tomar um banho de imersão na banheira de hidromassagem ou se seguiria directamente para a enorme cama na suite principal. Mas a mente recusava-se a desligar. A casa de hóspedes era luxuosa e bem decorada, uma estrutura de dois andares com madeiras claras e paredes em tons pastel. As escadas em caracol e a varanda davam um toque informal e espaçoso ao edifício. Preferia aquele chão de carvalho envernizado com tapetes coloridos aos quilómetros de alcatifa branca da casa principal.

Julia especulava sobre quem poderia ter ficado instalado naquela casa, apreciando o jardim inglês privado e as brisas quentes e aromatizadas. Olivier fora um dos amigos de Eve. Teria o grande actor fervido chá na encantadora cozinha ao estilo do campo inglês com o seu trem de cobre bem polido e lareira de tijolo? Teria Katherine Hepburn tratado do jardim? Teriam Peck ou Fonda dormido uma soneca no sofá carregado de almofadas?

Desde a sua infância, Julia vivia fascinada com as pessoas que subiam aos palcos ou ecrãs de cinema. Chegara mesmo a sonhar, quando era adolescente, em juntar-se a elas. A derrotar a timidez que a atrapalhara em todas as audições para peças no liceu. O desejo desesperado e a determinação tinham-na feito conquistar alguns papéis e alimentar o sonho... e depois nascera Brandon. Mãe aos dezoito, Julia mudara o seu rumo. E sobrevivera à traição, ao medo e ao desespero. Parecia que alguns estavam destinados a crescer cedo e depressa.

Sonhos diferentes, pensava ela, enquanto vestia um roupão de feltro. Agora escrevia sobre actores, embora nunca viesse a ser um deles. Saber que o seu filho dormia em segurança e satisfeito no quarto ao lado não lhe deixava espaço para arrependimentos. E conhecer a força e competência que possuía ajudá-la-ia a proporcionar ao filho uma infância longa e feliz.

Ergueu os braços para retirar os ganchos do cabelo quando ouviu alguém bater à porta. Julia olhou para o roupão gasto e encolheu os ombros. Se ali ia ser o seu lar por uns tempos, teria de aprender a descontraír.

Julia abriu a porta a uma jovem loira muito bonita com olhos azuis cristalinos e um sorriso enorme.

— Olá, sou a CeeCee. Trabalho para a Menina Benedict. Vim tomar conta do seu filho enquanto janta.

Julia arqueou a sobrancelha.

— Agradeço-lhe muito, mas telefonei há minutos para dizer que não ia.

— A Menina Benedict disse que o menino... Brandon, certo?... estava cansado. Eu tomo conta dele enquanto janta na casa principal.

Julia abriu a boca para recusar, mas CeeCee já tinha entrado porta dentro. Vestia calças de ganga e uma t-shirt, com o seu cabelo loiro de californiana a varrer-lhe os ombros e os braços carregados de revistas.

— Não é uma casa bonita? — continuou a falar, com a sua voz animada. — Adoro arrumá-la e serei eu a fazê-lo enquanto aqui estiver. Depois diga-me se quer alguma coisa em especial.

— Está tudo perfeito — Julia sorriu. A jovem transmitia uma energia e entusiasmo enormes. — Mas não acho boa ideia deixar o Brandon na sua primeira noite aqui com alguém que não conhece.

— Não precisa de se preocupar. Tenho dois irmãos pequenos e faço

babby-sitting desde os doze anos. Dustin, o mais novo, foi um bebé tardio. Acabou de fazer dez anos e é um monstrinho. — Sorriu novamente para Julia, com os dentes ainda mais brancos do que os de um anúncio para pastas dos dentes. — Ele fica bem comigo, Menina Summers. Se ele acordar e chamar por si, telefone para casa. Só está a dois minutos daqui.

Julia hesitou. Sabia que Brandon ia dormir a noite toda. E aquela loira enérgica seria precisamente o tipo de baby-sitter que ela escolheria para o filho. Estava a ser cuidadosa e protectora de mais — duas características que tentava derrotar.

— Muito bem, CeeCee. Vou arranjar-me e vou lá ter em poucos minutos.

Quando Julia voltou cinco minutos depois, CeeCee estava sentada no sofá a ler uma revista de moda. A televisão estava sintonizada numa daquelas comédias de sábado à noite. CeeCee olhou para cima e observou Julia.

— Essa cor fica-lhe muito bem, Menina Summers. Quero ser designer de moda, por isso, reparo nessas coisas, sabe? Tons, cortes e tecidos. Nem toda a gente pode usar uma cor forte como esse vermelho-tomate.

Julia alisou o casaco que coordenara com umas calças pretas de noite. Escolhera aquela combinação porque a fazia sentir-se confiante.

— Obrigada. A Menina Benedict disse que era informal.

— É perfeito. Armani?

— Tem olho.

CeeCee ajeitou para trás o seu cabelo comprido e liso.

— Talvez um dia use um McKenna. É esse o meu último nome. Embora eu tencione usar apenas o primeiro. Como a Cher ou a Madonna.

Julia deu consigo a sorrir, até que olhou para cima, para as escadas.

— Se o Brandon acordar...

— Vamos dar-nos lindamente — garantiu CeeCee. — E se ficar nervoso, ligo de imediato.

Julia assentiu, embora girasse a bolsa preta de noite vezes sem conta nas mãos.

— Não devo demorar muito.

— Divirta-se. Os jantares da Menina Benedict são excelentes.

Julia admoestou-se durante o curto caminho até à casa. Brandon não era uma criança tímida ou carente. Se ele acordasse, não só ia dar-se bem com a baby-sitter como ia gostar dela. E, afinal, ela tinha um trabalho para fazer. Parte desse trabalho — a parte mais complicada para ela — era socializar. Quanto mais cedo começasse, melhor.

A luz começava a suavizar e ela conseguia sentir o aroma das rosas, do jasmim e o perfume húmido e fresco da relva recém-regada. A piscina

formava uma meia-lua azul-clara, alimentada por uma fonte enorme a um canto. Esperava poder usar a piscina, caso contrário, não conseguiria aturar Brandon.

Hesitou no terraço e decidiu que era mais correcto dar a volta e entrar pela porta da frente. Passou por outra fonte animada, uma sebe com oliveira-do-paráíso fantásticamente perfumada e depois viu dois carros estacionados à entrada. Um era um Porsche de último modelo, vermelho vibrante, o outro um Studebaker antigo, completamente remodelado num clássico tom creme. Ambos eram sinónimo de dinheiro.

O comprimido de antiácido já se tinha dissolvido na língua quando tocou à campainha da porta da frente. Travers atendeu, assentiu secamente e acompanhou Julia ao salão.

A hora dos cocktails já estava em curso. Debussy soava agradavelmente no espaço e o aroma nocturno dos jardins tinha ficado retido no interior, graças ao enorme ramo de rosas vermelhas. A luz era subtil e lisonjeadora. O palco estava montado.

Da porta, Julia examinou rapidamente as pessoas presentes na sala. Havia uma ruiva de peito generoso com um vestido preto, pequeno e brilhante, que parecia incrivelmente aborrecida. A seu lado estava um Adónis bronzeado com o cabelo desbotado pelo Sol — o Porsche.

Vestia um facto cinza-pérola muito correcto e caro, apoiando-se na lareira enquanto murmurava algo à ruiva. Uma mulher impecavelmente vestida com uma chita azul-clara e o cabelo ruivo cortado serviu um copo de champanhe a Eve. A dona da casa ficava esplêndida com um fato confortável tipo pijama de um azul régio e apontamentos verdes. E sorria para o homem a seu lado.

Julia reconheceu Paul Winthrop instantaneamente. Em primeiro lugar, pela sua parecença com o pai. E em segundo, pela imagem da sobrecapa dos seus livros. Como o pai, atraía as atenções de todos e dava azo a muitas fantasias. O aspecto dele não era tão polido como o de muitos homens na sala, mas era certamente o mais perigoso.

Parecia-lhe mais sério, em pessoa. Menos académico e mais acessível. E, pelo menos, tinha levado a sério a regra do informal, vestindo calças de sarja e sapatilhas Nike a condizer com o casaco. Sorria ao acender o cigarro de Eve. Então, voltou-se, olhou para Julia e o sorriso desapareceu.

— Parece que a tua última convidada chegou.

— Ah, Menina Summers. — Eve deslizou pela sala, num rumorejar de seda. — Vejo que a CeeCee tratou de tudo.

— Sim. É encantadora.

— É cansativa, mas os jovens são assim. Quer tomar alguma coisa?

— Só uma água.

Se bebesse algo mais forte, sabia que o *jet-lag* a enterraria num coma irreversível.

— Nina, querida — chamou Eve, — temos uma convidada que quer uma Perrier. Julia, deixe-me apresentar-lhe algumas pessoas. O meu sobrinho, Drake Morrison.

— Estava ansioso por conhecê-la. — Pegou na mão de Julia e sorriu. A palma da sua mão era suave e quente, e os olhos uma atraente versão mais calma do verde intenso de Eve. — É você que vai desenterrar os segredos todos da Eve. Nem a família o conseguiu.

— Porque ninguém tem nada a ver com isso até eu dizer que sim. — Eve exalou uma longa baforada de fumo. — E esta é... como te chamavas, querida? Carla?

— Darla — corrigiu a ruiva num tom amuado. — Darla Rose.

— Tão querida. — O tom de voz de Eve tinha um toque de agressivo divertimento que alertou Julia. Se tivesse sido mais agudo, era capaz de arrancar a pele. — A nossa Darla é uma atriz-modelo. Que expressão fascinante. Mais digna do que o termo *starlet* que costumávamos usar. E esta é a Nina Soloman, o meu braço-direito e esquerdo.

— Mula de carga e capataz — acrescentou a loira elegante, oferecendo um copo a Julia. Sentia-se a boa disposição na voz e a confiança tranquila no porte. Quando se aproximou, Julia notou que a mulher era mais velha do que lhe parecera. Mais próxima dos cinquenta do que dos quarenta, mas com uma leveza que a idade não conseguia contrariar. — Aviso-a que vai precisar de mais do que água mineral, se tiver de trabalhar com a Menina B. por muito tempo.

— Se a Menina Summers fez o trabalho de casa, já deve saber que sou uma cabra profissional. E este é o meu verdadeiro amor, Paul Winthrop. — Eve era toda ternura ao acariciá-lo no braço. — Foi uma pena ter-me casado com o pai quando podia ter esperado pelo filho.

— Quando quiseres experimentar, linda. — A voz dele era carinhosa quando falava com Eve. O olhar era frio quando se voltou para Julia. Não lhe ofereceu a mão. — Fez o seu trabalho de casa, Menina Summers?

— Sim. Mas levo sempre algum tempo para formar a minha opinião.

Paul ergueu o copo e observou a rapidez com que Julia entrava na conversa casual. Era mais pequena do que imaginara, de construção mais delicada. Apesar do aparato de Darla e da elegância de Nina, ela era a única mulher que poderia verdadeiramente competir com a beleza de Eve. Ainda assim, preferia o espectáculo sedutor de caprichos e amuos da ruiva à compostura fria de Julia. Um homem não precisaria de procurar muito para sa-

ber o que havia para saber sobre Darla Rose. A superior Menina Summers já era diferente. Mas, porque Eve assim o pedia, Paul tencionava descobrir tudo o que pudesse sobre Julia.

Julia não conseguia descontraír. Mesmo quando seguiram para a sala de jantar, onde ela aceitou um copo de vinho, não conseguia obrigar os músculos do pescoço e do estômago a descontraírem. Dizia a si mesma que eram os seus nervos que lhe apontavam a hostilidade. Não havia qualquer motivo para aquele pequeno grupo a receber mal. Aliás, Drake fazia o que podia para ser simpático. Darla parara de amuar e abocanhava a truta recheada com arroz selvagem. Eve continuava com o seu champanhe e Nina ria-se de um comentário qualquer que Paul tecera sobre um conhecimento comum.

— O Curt Dryfuss? — contribuiu Eve, apanhando o final da conversa. — Seria melhor realizador se soubesse ficar com as calças vestidas. Se não tivesse a protagonista a saltar-lhe com tanta vontade para cima no seu último projecto, talvez lhe tivesse conseguido arrancar um desempenho melhor. No ecrã.

— Ele até podia ser um eunuco, mas não conseguiria arrancar-lhe desempenho algum — Paul corrigiu Eve. — No ecrã.

— Hoje em dia é tudo mamas e rabos. — Eve lançou um olhar para Darla. Julia só podia rezar nunca estar do lado que merecia aquele olhar friamente divertido. — Diga-me, Menina Summers, o que pensa do nosso actual portefólio de actrizes?

— Diria que é o mesmo agora como em todas as gerações. O melhor vence sempre. Como a senhora.

— Se eu quisesse vir ao de cima, tinha feito filmes B com realizadores de segunda. — Gesticulou com o copo. — Eu subi com unhas e dentes até ao topo e passei a maior parte da minha vida numa luta sangrenta para me manter lá.

— Então, suponho que a questão que se impõe é se valeu a pena.

O olhar de Eve estreitou-se e cintilou.

— Pode ter a certeza de que valeu a pena.

Julia inclinou-se para a frente.

— Se tivesse de fazer tudo outra vez, mudaria alguma coisa?

— Não. Nada. — Deu um gole rápido e substancial. Por trás dos olhos começava a formar-se uma dor de cabeça e o latejar persistente enfurecia-a. — Mudar uma coisa é mudar tudo.

Paul pousou a mão no braço de Eve, mas o olhar estava em Julia. Porque não se deu ao trabalho de o disfarçar, Julia conseguiu perceber finalmente a fonte da hostilidade que sentira.

— Porque não deixamos a entrevista para outra altura?

— Não sejas chato, Paul — disse Eve suavemente. Com uma gargalhada, deu-lhe uma palmadinha na mão. Voltou-se para Julia. — Ele não gosta da ideia. Acho que tem medo que eu revele os segredos dele no meio dos meus.

— Não conheces os meus.

Desta vez, a gargalhada de Eve assumiu um tom estridente.

— Meu caro rapaz, não há segredo, mentira ou escândalo que eu desconheça. Em tempos pensou-se que a Parsons e a Hopper<sup>2</sup> eram motivo de medo. Mas não sabiam guardar um segredo até ao momento certo. — Voltou a beber, como se brindando a um triunfo conhecido apenas por si. — Quantas chamadas recebeste nas últimas duas semanas, Nina, de amigos preocupados?

Nina exalou um suspiro.

— Dezenas.

— Exactamente. — Agradada, Eve recostou-se. Iluminados pelas velas, os seus olhos cintilavam como as jóias nas orelhas e no pescoço. — É tremendamente satisfatório ser a que atira as bocas desta vez. E tu, Drake, como meu assessor de comunicação, o que tens a dizer sobre o meu projecto?

— Que vais fazer muitos inimigos. E muito dinheiro.

— Passei cinquenta anos a fazer exactamente o mesmo. E você, Menina Summers? O que pensa conseguir com isto?

Julia pousou o copo.

— Um bom livro. — Percebeu o olhar de troça de Paul e ficou tensa. Teria preferido atirar-lhe com um copo à cara, mas confiou no poder da sua dignidade. — É claro que já estou habituada a ouvir que escrever sobre celebridades é muito abaixo da boa literatura. — Deslocou o olhar para fitar o dele. — Como também há muitos que consideram que a ficção comercial é um filho bastardo da escrita.

Eve atirou a cabeça para trás, rindo-se. Paul pegou no garfo para brincar com o resto da comida. O seu olhar azul cristalino tinha ficado subitamente denso, mas a voz era suave quando perguntou:

— Como classifica o seu trabalho, Menina Summers?

— Entretenimento — respondeu ela sem hesitar. — Como classifica o seu? Ele ignorou a pergunta e atacou a resposta dela.

— Então considera que é entretenimento explorar o nome e a vida de uma figura pública?

---

<sup>2</sup> Louella Parsons e Hedda Hopper eram duas comentadoras sociais muito famosas em Hollywood, responsáveis pela revelação de muitos escândalos entre as celebridades. Inicialmente amigas, rapidamente se tornaram concorrentes no mesmo ofício e a disputa entre ambas é lendária nos EUA. (N. do T.)

Julia já não sentia vontade de roer as unhas mas de arregaçar as mangas.

— Duvido que Sandburg tenha pensado assim quando escreveu sobre Lincoln. E duvido seriamente que uma biografia *autorizada* implique exploração, já agora!

— Não está a comparar o seu trabalho ao de Sandburg?

— O seu foi comparado ao de Steinbeck. — Moveu os ombros descontraidamente, embora sentisse a fúria escalar violentamente. — Você conta uma história com base na imaginação... ou em mentiras. Eu conto uma história com base em factos e memórias. O resultado de ambas as técnicas é que o produto final é lido e apreciado.

— Eu li e apreciei obras escritas por ambos — disse Nina, entrando com a missão de apaziguar o ambiente. — Os escritores sempre me impressionaram. Eu só escrevo cartas formais. E, claro, o Drake tem sempre aqueles comunicados aparatosos.

— Que são uma mistura de verdades e mentiras — disse ele. Voltou-se para Julia com um sorriso. — Suponho que queira entrevistar mais pessoas além de Eve, para um panorama mais geral.

— Costuma ser esse o processo.

— Estou disponível. Quando quiser.

— Parece que a Darla está pronta para a sobremesa — comentou Eve secamente, tocando a campainha para fazer entrar o prato seguinte. — O cozinheiro fez *trifle* de amoras. Depois, leve um pouco para o Brandon.

— Oh, sim, o seu menino. — Feliz por a conversa ter baixado de tom, Nina serviu mais vinho. — Estávamos a contar com ele hoje.

— Ele estava exausto. — Julia espreitou o relógio. Apenas serviu para lhe lembrar que o seu corpo acusava a meia-noite. — Imagino que acorde lá para as quatro da manhã, sem saber por que motivo o Sol ainda não se levantou.

— Tem dez anos? — perguntou Nina. — Parece muito jovem para ter um filho dessa idade.

O sorriso de Julia foi o seu único comentário. Voltou-se para Eve quando o último prato de sobremesa foi servido.

— Gostaria de saber que partes da propriedade nos estão vedadas.

— O rapaz pode andar por onde quiser. Ele nada?

— Sim, muito bem.

— Então, a piscina não será um problema. A Nina avisa quando eu organizar algum tipo de festa.

Conhecendo o seu dever, Julia fez um esforço por se manter atenta depois de a refeição terminar. Até o único copo de vinho ao jantar tinha sido um erro. Desesperada por se deitar, pediu licença, agradecendo à anfitriã. Não gostou da insistência de Paul em acompanhá-la até casa.

— Eu sei o caminho.

— A Lua não está grande coisa esta noite. — Tomou-a pelo cotovelo e acompanhou-a até ao terraço. — É fácil perdermo-nos no escuro. Ou pode simplesmente adormecer de pé e aterrar na piscina.

Julia afastou-se dele automaticamente.

— Eu também nado muito bem.

— Até pode ser, mas o cloro não faz nada bem à seda. — Tirou um cigarro fino do bolso e acendeu-o, com as mãos em concha. Reparara em várias coisas sobre ela durante a noite, sobretudo que ela não permitira que o filho se tornasse tema de conversa ao jantar. — Podia ter dito à Eve que estava tão cansada como o seu filho.

— Estou bem. — Inclinou a cabeça para estudar o perfil dele enquanto caminhavam. — Não gosta muito do que faço, pois não, Sr. Winthrop?

— Não. Se bem que esta biografia é assunto da Eve e não meu.

— Goste ou não, espero poder contar com uma entrevista.

— E consegue sempre o que espera?

— Não, mas consigo o que procuro. Sempre. — Parou na entrada da casa de hóspedes. — Obrigada por me ter acompanhado.

Muito fria, pensou. Muito controlada e elegante. Até podia ter acreditado na aparência se não tivesse reparado na unha roída até ao sabugo. Num teste intencional, aproximou-se ligeiramente. Embora ela não se movesse, accionou uma espécie de parede invisível. Seria interessante, decidiu, descobrir se ela fazia o mesmo com todos os homens ou só com ele. Naquele momento tinha apenas uma prioridade.

— A Eve Benedict é a pessoa mais importante da minha vida. — A sua voz era grave, perigosa. — Tenha cuidado, Menina Summers. Tenha muito cuidado. Não me queira como inimigo.

Julia sentiu as palmas humedecerem, o que a deixou furiosa. Cobriu a fúria com gelo.

— Parece que já o tenho. E eu apenas terei muito rigor no que fizer, Sr. Winthrop. Muito rigor. Boa noite.

### 3.

Às dez horas da manhã, Julia estava pronta. Passara o fim-de-semana inteiro com o filho, aproveitando o tempo ameno para cumprir a promessa de o levar à Disneylândia e ainda lhe fazer a surpresa de uma visita aos estúdios da Universal. Adaptara-se rapidamente — bem mais do que ela — à mudança horária.

Sabia que ambos estavam nervosos quando o deixara de manhã na

nova escola. Tinham tido a entrevista com o director e Brandon, parecendo ainda mais pequenino, mas corajoso, tinha seguido para a sua primeira aula. Julia preencherá dezenas de formulários, apertara a mão ao director e mantivera-se calma durante a viagem até casa.

E então deixou-se chorar por algum tempo. Agora, com o rosto cuidadosamente limpo e maquilhado, o gravador e o bloco de notas na pasta, tocou à campainha da porta principal da mansão. Momentos depois, Travers abriu a porta e resfolegou, como se desaprovasse.

— A Menina Benedict está no gabinete. Está à sua espera.

Tendo dito isto, deu meia volta e indicou o caminho até ao piso superior.

O gabinete ficava na extremidade esquerda do “E”, com uma janela em meia-lua a servir de parede dianteira. As outras três janelas eram laterais por prateleiras que exibiam os prémios da longa carreira de Eve. As estatuetas e placas comemorativas alternavam com fotografias, posters e outras recordações relacionadas com os seus filmes.

Julia reconheceu o leque de renda branca que servira de adereço num filme passado na época anterior à Guerra Civil norte-americana, os sensuais sapatos de tacão alto vermelhos que Eve usara quando interpretara uma cantora de *saloon* igualmente escarlate, a boneca de trapos a que se agarrara quando fizera de mãe em busca de um filho perdido.

Reparou também que o gabinete não era tão organizado como o resto da casa. Estava bem mobilado com uma variedade luxuosa de antiguidades e muitas cores. O papel de parede era na verdade seda, a tapete fofo e suave. Mas ao lado da secretária de pau-rosa onde Eve trabalhava estavam pilhas e pilhas de argumentos. Uma máquina de café, com a cafeteira já meio vazia, aguardava numa mesa do estilo Rainha Anne. Vários exemplares da *Variety* cobriam o chão e o cinzeiro ao lado do telefone ao qual Eve berrava estava a transbordar completamente.

— Podem pegar no certificado de honra e enfiá-lo num sítio que eu cá sei. — Convidou Julia a entrar com um aceno de cigarro e fumou. — Não quero saber se essa porra é boa publicidade ou não, Drake. Não vou de avião para o Cu de Judas para comer frango de churrasco com um monte de republicanos da treta. Pode até ser a capital deste nosso amado país, mas continua a ser o Cu de Judas para mim. Nem sequer votei nele, por isso, não vou jantar com ele. — Riu-se e esmagou o cigarro, mal o apagando, ao lado dos cadáveres dos outros. — Resolve tu. É para isso que te pago. — Desligando, acenou para que Julia se sentasse. — Política. É para idiotas e maus actores.

Julia pousou a pasta ao lado da cadeira.

— Posso citá-la?

Eve sorriu, simplesmente.

— Suponho que esteja pronta para começar. Ocorreu-me que tivéssemos a nossa primeira sessão num ambiente de empresário.

— Onde estiver mais confortável. — Julia olhou para o monte de argumentos. — Para rejeitar?

— Metade quer que eu faça de avó de alguém, outra metade quer que eu me dispa. — Levantou um pé calçado com uma sapatilha vermelha e deu um bom empurrão ao monte. Os argumentos caíram em cascata, qual avalanche de sonhos. — Um bom argumentista vale o seu peso em ouro.

— E um bom actor?

Eve riu-se.

— Sabe como transformar palha em ouro, como qualquer ilusionista. — Arqueou a sobrancelha quando Julia ligou o gravador e o colocou na mesa de café. — Eu decido o que é e o que não é para registar.

— Naturalmente. — Queria apenas certificar-se de que tinha tudo o que queria nas gravações. — Não traio a confiança de ninguém, Menina Benedict.

— Toda a gente acaba por fazê-lo. — Acenou com a mão longa e decorada por um rubi solitário e cintilante. — Mas antes de começar, quero saber um pouco mais sobre si e não apenas o que vem na porcaria do comunicado. Os seus pais?

Mais impaciente do que irritada, Julia cruzou as mãos no colo.

— Morreram ambos.

— Irmãos?

— Sou filha única.

— Nunca se casou.

— Não.

— Porquê?

Embora sentisse uma leve fisgada de dor, a voz de Julia manteve-se constante e calma.

— Nunca o quis.

— Tendo entrado e saído dessa instituição quatro vezes, não posso recomendá-lo, mas parece-me que criar um filho sozinha não é nada fácil.

— Tem os seus desafios e as suas recompensas.

— Tais como?

A questão fora tão inusitada que Julia precisou de um momento para se controlar.

— Tais como confiar apenas nos nossos sentimentos quando se trata de tomar uma decisão importante.

— E isso é um desafio ou uma recompensa?

Os lábios de Julia desenharam um leve sorriso.

— Ambos. — Tirou o bloco e o lápis que trazia na pasta. — Uma vez que só me vai proporcionar duas horas de conversa hoje, gostaria de começar. Naturalmente, conheço a informação que veio a público. Nasceu no Omaha e é a segunda de três filhas. O seu pai era vendedor.

Muito bem, decidiu Eve, começariam, então. O que precisava de saber, descobriria pelo caminho.

— Um caixeiro-viajante — acrescentou Eve, quando Julia premiu o botão de gravação. — Sempre supus ter uma série de irmãos espalhados pelas planícies centrais. Aliás, fui abordada inúmeras vezes por pessoas que reivindicavam qualquer tipo de parentesco e esperavam ajudas de qualquer espécie.

— O que pensa disso?

— Era um problema do meu pai, não meu. Um acidente de nascença não dá direito às mesmas coisas. — Cruzando os dedos, recostou-se. — Eu construí o meu sucesso. Às minhas custas. Se eu ainda fosse a Betty Berenski de Omaha, acha que as pessoas se davam ao trabalho de virem à minha procura? Já a Eve Benedict é outro caso. Eu deixei a Betty e os campos de milho para trás quando tinha dezoito anos. Não acredito em olhar para trás.

Aquela era uma filosofia que Julia compreendia e respeitava. Começou a sentir um frémito de emoção — o nascimento da intimidade que fazia do seu trabalho uma empreitada de sucesso.

— Fale-me da sua família. Como foi o crescimento da Betty?

Com a cabeça inclinada para trás, Eve riu-se.

— Oh, a minha irmã mais velha ficaria abismada por ler num livro que o nosso pai era um mulherengo. Mas a verdade tem de ser dita. Ele fazia-se à estrada para vender panelas e sertãs, e sempre conseguia o suficiente para não passarmos fome. Depois voltava com uns presentinhos para as suas meninas. Chocolates e lenços ou fitas. Havia sempre presentes do papá. Ele era um homem bonito e grande, com cabelo preto, bigode e bochechas coradas. Adorávamo-lo. E vivíamos sem ele cinco dias por semana.

Pegou num cigarro e acendeu-o.

— Lavávamos a roupa dele aos sábados. As camisas dele tresandavam a perfume. Aos sábados a nossa mãe perdia sempre o olfacto. Nunca lhe ouvi uma pergunta, uma acusação ou um queixume. Não era uma covarde. Era... conformada, aceitando a sua cruz na vida e a infidelidade do marido. Acho que sabia que era a única mulher que ele amava. Quando ela morreu, bastante inesperadamente, tinha eu dezasseis anos, o meu pai ficou completamente perdido. Chorou-a até morrer, cinco anos depois. — Fez uma pausa, inclinando-se novamente para a frente. — O que está para aí a escrever?

— Observações — explicou Julia. — Opiniões.

— E o que observa?

— Que gostava muito do seu pai e que ele a desiludiu.

— E se eu lhe disser que isso é treta?

Julia bateu com o lápis no bloco. Sim, seria necessária muita compreensão, pensou, e muito poder.

— Então, estamos ambas a perder o nosso tempo.

Após um momento de silêncio, Eve pegou no telefone.

— Preciso de café fresco.

Depois de Eve ter dado as instruções à cozinha, Julia decidiu desviar a conversa da família. Quando entendesse Eve um pouco melhor, voltaria a abordar o assunto.

— Tinha dezoito anos quando chegou a Hollywood — começou. — Sozinha. Saída da aldeia, por assim dizer. Estou interessada em conhecer as suas primeiras impressões e sensações. Como se sentiu a menina de Omaha ao sair do autocarro em Los Angeles?

— Animada.

— Não sentiu medo?

— Era demasiado jovem para sentir medo. Demasiado arrogante para ponderar falhar. — Eve levantou-se e começou a caminhar pelo espaço. — Estávamos em guerra e os rapazes estavam a ser enviados para a Europa para lutar e morrer. Eu tinha um primo, um rapaz engraçado que se alistou na Marinha e partiu para o Pacífico Sul. Voltou num caixão. O funeral foi em Junho. Em Julho fiz as malas. Tinha aprendido subitamente que a vida podia ser muito curta e muito cruel. Não ia desperdiçar um segundo que fosse.

Travers entrou com o café.

— Pousa-o aqui — ordenou Eve com um gesto que apontava para a mesa baixa diante de Julia. — Deixa a jovem servir-se.

Eve serviu o seu café sem nada e depois encostou-se ao canto da mesa. Julia anotava as suas observações: as forças de Eve, evidentes no rosto, na voz, na postura do corpo.

— Era ingénua — disse Eve de rompante. — Mas não era estúpida. E sabia que tinha dado um passo que mudaria a minha vida. E compreendi que teria de fazer sacrifícios e enfrentar dificuldades. A solidão. Compreende?

Julia lembrou-se de estar deitada numa cama de hospital aos dezoito anos, com um bebé pequeno e indefeso nos braços.

— Sim, compreendo.

— Tinha trinta e cinco dólares quando saí do autocarro, mas não tencionava passar fome. Tinha um portefólio carregado de fotografias e recortes.

— Já tinha feito trabalhos de modelo.

— Sim e um pouco de teatro. Naqueles tempos, o estúdio mandava batedores de talentos, mais para obter publicidade do que para procurar talentos novos. Mas percebi que seria difícil que um batedor me encontrasse num teatro no Omaha. Por isso, decidi partir para Hollywood. E foi assim. Arranjei emprego num restaurante, arranjei uns trabalhos como figurante na Warner Bros. O truque era aparecer no meio da multidão, destacar-me no cenário, na cantina. Fui voluntária da Cantina de Hollywood. Não por solidariedade ou pelos soldados, mas porque sabia que ia andar de braço dado com as estrelas. As boas causas e as boas acções não eram uma prioridade para mim. Estava completamente preocupada comigo. Acha isso frio, Menina Summers?

Julia não sabia por que motivo a sua opinião podia importar, mas pensou antes de responder.

— Sim. Mas também acho pragmático.

— Sim. — A boca de Eve estava firme. — A ambição exige pragmatismo. E era uma experiência dos diabos ver a Bette Davies a servir café ou a Rita Hayworth a distribuir sanduíches. E eu fiz parte disso. Foi então que conheci o Charlie Gray.

A pista de dança estava cheia de soldados e meninas bonitas. Os aromas a perfume, *aftershave*, fumo e café preenchiam o ar. Harry James tocava e a música era quente. Eve gostava de ouvir o trompete a soar sobre o barulho e as gargalhadas. Depois de um turno completo no restaurante e as horas passadas a seduzir agentes, doía-lhe imenso os pés. Não ajudava o facto de os sapatos que calçava, em segunda mão, serem um número abaixo do seu.

Fazia os possíveis para que a fadiga não se revelasse no rosto. Não se sabia quem podia aparecer de repente e reparar. E sabia que precisava de ser vista apenas uma vez para começar a subir.

O fumo pairava em direcção ao tecto, rodopiando em torno das luzes enormes. A música era agora mais lenta. Os uniformes e os vestidos vagueavam juntos, baloiçavam.

Pensando em quanto demoraria até ter a sua primeira grande oportunidade, Eve serviu mais um café a outro soldado encantado com as estrelas e sorriu.

— Tem estado aqui todas as noites, esta semana.

Eve ergueu o olhar e estudou o homem alto e magro. Em vez de encontrar um uniforme, viu um fato de flanela cinzenta que não disfarçava os seus ombros magros. Usava o cabelo loiro penteado para trás, o que realçava as maçãs do rosto ossudas. Tinha uns olhos castanhos grandes que lembravam os de um basset-hound.

Eve reconheceu-o e acentuou levemente o sorriso. Não era um nome importante. Charlie Gray interpretava consistentemente o amigo do herói. Mas era um nome. E tinha reparado nela.

— Todos damos o nosso contributo para a guerra, Sr. Gray. — Ergueu a mão para afastar uma longa madeixa de cabelo dos olhos. — Café?

— Claro. — Apoiou-se no bar, enquanto ela servia. Observando-a a trabalhar, tirou um pacote de Luckies e acendeu um cigarro. — Acabei o meu turno agora a servir às mesas, e lembrei-me de vir falar com a menina mais bonita da sala.

Ela não corou. Podia tê-lo feito, se quisesse, mas optou pelo caminho mais sofisticado.

— A Menina Hayworth está na cozinha.

— Gosto mais de morenas.

— A sua primeira mulher era loira.

Ele sorriu.

— E a segunda também. Por isso prefiro as morenas. Como te chamas, querida?

Ela já tinha escolhido o nome, com cuidado e deliberação.

— Eve — respondeu. — Eve Benedict.

Ele achava que lhe tinha tirado a pinta. Jovem, cheia de ilusões, à espera de uma oportunidade para ser descoberta.

— E queres fazer filmes?

— Não. — Com o olhar fixo no dele, tirou-lhe o cigarro da mão, fumou e expeliu fumo, depois devolveu-o. — Eu *vou* fazer filmes.

A forma como ela o disse e o olhar que lhe deu ao dizê-lo fê-lo rever a sua primeira impressão. Intrigado, levou o cigarro aos lábios e sentiu o rasto do sabor dela.

— Há quanto tempo estás cá?

— Há cinco meses, duas semanas e três dias. E o senhor?

— Há demasiado tempo. — Interessado, como sempre, numa mulher que falasse agilmente e tivesse aquele aspecto perigoso, olhou-a de alto a baixo. Vestia um fato azul muito simples que rapidamente se tornara explosivo pelas formas do corpo que escondia tão discretamente. Sentiu o sangue correr um pouco mais depressa. Quando o olhar dele se cruzou com o dela, detectou o frio divertimento da sua expressão, e ali soube que a desejava. — E que tal uma dança?

— Vou estar a servir café durante mais uma hora.

— Eu espero.

Quando ele se afastou, Eve ficou a pensar se não teria exagerado, ou se teria feito o suficiente. Reviu cada palavra e cada gesto na cabeça, simu-

lando outros tantos. E enquanto servia café, namoriscava com soldados jovens e lavadinhos. Os nervos agitavam-se por trás de cada sorriso amarelo. Quando o turno terminou, saiu com aparente indiferença de trás do bar.

— Mas que andar que tens aí — disse Charlie, acompanhando-a, e Eve exalou um leve suspiro de alívio.

— Leva-me do ponto a ao ponto b.

Entraram na pista de dança e ele envolveu-a nos braços. Assim ficaram durante quase uma hora.

— Donde vieste? — murmurou ele.

— De lado nenhum. Nasci há cinco meses, duas semanas e três dias. Ele riu-se, esfregando o rosto no cabelo dela.

— Já és demasiado nova para mim. Não piores as coisas. — Meu Deus, era como ter sexo, puro e vibrante, nas mãos. — Está muito quente aqui.

— Gosto do calor. — Atirou a cabeça para trás e sorriu para ele. Estava a experimentar um olhar novo, com meio sorriso, lábios semicerrados e olhos estreitados sob pálpebras parcialmente fechadas. Pela forma como os dedos dele apertavam os dela, deduziu que estava a resultar. — Mas podemos ir dar uma volta, se te apetecer apanhar ar.

Ele conduzia depressa e até incautamente, o que a fazia rir. De vez em quando, abria uma pequena garrafa achatada de prata com uísque, donde bebia, para depois lhe oferecer, mas ela recusava. Aos poucos, deixou-o saber mais coisas sobre ela — coisas que ela queria que ele soubesse. Ainda não tinha conseguido encontrar um agente, mas tinha conseguido entrar num estúdio e arranjar um papel de figurante no *The Hard Way* com Ida Lupino e Dennis Morgan. Grande parte do dinheiro que ganhava a servir às mesas ia para as aulas de representação. Era um investimento: queria ser uma profissional e tencionava ser uma estrela.

Ela perguntou-lhe pelo trabalho — não pelas estrelas glamorosas com quem ele trabalhava, mas pelo trabalho propriamente dito. Ele tinha já bebido o suficiente para se sentir lisonjeado e atencioso. Quando a deixou à porta da pensão, estava completamente apaixonado.

— Querida, és uma menina perdida no bosque. Há muito lobo por aí que dava tudo para te dar uma dentada.

Com os olhos ensonados, ela encostou a cabeça ao assento.

— Ninguém me dá dentadas... a não ser que eu o deixe. — Quando ele se inclinou para a beijar, ela esperou até que a boca roçasse a sua, mas depois afastou-se e abriu a porta do carro. — Obrigada pela boleia. — Depois de passar a mão pelo cabelo, avançou para a porta da frente do velho edifício cinzento. Voltando-se, sorriu em despedida. — Vemo-nos por aí, Charlie.

As flores chegaram no dia seguinte, uma dúzia de rosas verme-

lhas que deixaram as outras mulheres na pensão a tremer de inveja. Ao colocá-las numa jarra emprestada, Eve não pensou nelas como flores, mas como o seu primeiro triunfo.

Charlie levou-a às festas. Eve colecionava cupões de desconto, comprava tecidos e costurava os seus próprios vestidos. As roupas eram outro investimento. Fazia os vestidos de noite ligeiramente abaixo da sua medida. Não se importava de usar o corpo para conseguir o que queria. Afinal, era seu.

As grandes casas, os exércitos de criados não a impressionavam; as mulheres elegantes vestidas de seda e peles não a impressionavam. Não podia permitir-se essa reacção. As noites em locais modernos não a intimidavam. Descobriu que podia aprender muito no quarto de banho do Ciro's — o papel que estava para ser atribuído, quem dormia com quem, que actriz tinha sido suspensa e porquê. Ela observava, escutava e fixava.

A primeira vez que viu o seu retrato em papel, tirado quando ela e Charlie tinham ido jantar ao Romanoff's, passou uma hora a criticar o cabelo, a expressão facial, a postura.

Não pedia nada a Charlie e mantinha-o à distância, embora se tornasse cada vez mais difícil fazer ambas as coisas. Sabia que bastaria insinuar que queria ir a uma audição para ele a providenciar. Assim como sabia que ele a queria levar para a cama. Ela queria a audição e ele queria-a como sua amante — mas Eve conhecia a importância do sentido de oportunidade.

Na véspera de Natal, Charlie fez uma festa. A seu pedido, ela chegou mais cedo à enorme mansão em Beverly Hills. O cetim vermelho que usava custara a Eve uma semana sem comer, mas acreditava que valera a pena. Deslizava-lhe pelo corpo, com um decote acentuado e prendia-lhe na cintura. Tinha ousado alterar o corte abrindo uma enorme racha lateral e ousara ainda mais ao acrescentar uma pedra de vidro no cimo da abertura para chamar a atenção.

— Estás com um aspecto delicioso. — Charlie passou as mãos pelos braços despidos de Eve, na entrada da casa. — Não tens uma écharpe?

O seu dinheiro não lhe permitira adquirir uma que se adequasse ao efeito.

— Tenho sangue quente — respondeu ela, oferecendo-lhe um embrulho pequeno, com uma fita vermelha no cimo. — Feliz Natal.

No interior estava um livro de poesia de Byron, já muito lido. Pela primeira vez desde que se conheceram, Eve sentia-se nervosa e um pouco tola.

— Quis dar-te algo meu — explicou. — Algo que tivesse algum significado para mim. — Atrapalhada, procurou por um cigarro na bolsa. — Sei que não é muito, mas...

Ele pousou a mão nas dela para as acalmar.

— É muito, sim. — Inacreditavelmente comovido, libertou-lhe as mãos para a acariciar no rosto. — É a primeira vez que me dás algo verdadeiramente teu.

Quando ele baixou o rosto em direcção ao dela para a beijar, ela sentiu o calor e a ânsia dele. Desta vez, não resistiu quando ele intensificou o beijo, demorando-se na sua boca. Ela deixou-se levar pelo momento, abraçando-o, saboreando-o com a língua. Até à data, apenas fora beijada por rapazes. Agora era um homem, experiente e faminto, que sabia bem o que fazer para satisfazer os seus desejos. Conseguia sentir os dedos dele deslizando pelo cetim do vestido, escaudando a pele coberta pelo tecido.

Oh, sim, também o desejava. Fosse ou não a altura mais indicada, o desejo de ambos não esperaria muito mais tempo. Com cuidado, afastou-se.

— As festividades deixam-me nostálgica — conseguiu dizer. Sorrindo, limpou o batom que marcara os lábios do homem. Ele tomou-lhe o pulso e beijou-lhe a palma da mão.

— Vem comigo lá para cima.

Ela sentiu o coração acelerar, com surpresa.

— Não estou assim tão nostálgica. — Esforçou-se por retomar o equilíbrio. — Os teus convidados devem estar prestes a chegar.

— Que se lixem os convidados.

Ela riu-se e deu-lhe o braço.

— Vamos, Charlie, eu sei que queres ir para a cama comigo. Mas por agora vais servir-me uma taça de champanhe.

— E depois?

— Só existe o “agora”, Charlie. O grande “agora”.

Atravessou as duas portas de correr e entrou na divisão seguinte, uma sala de estar com uma árvore de três metros de altura, carregada de luzes e bolas coloridas. Era claramente a sala de um homem e isso bastava-lhe para o saber apreciar. A mobília tinha linhas simples, as cadeiras eram fundas e confortáveis. O fogo crepitava numa lareira enorme que protagonizava no fundo da sala, espelhada pelo bar de mogno, no extremo oposto da divisão. Eve subiu para um dos bancos altos revestidos a pele e tirou um cigarro.

— Empregado — chamou, — a senhora precisa de uma bebida. — Charlie abriu a garrafa de champanhe e serviu-lhe uma taça, enquanto Eve o observava. Usava um *smoking*, um visual formal que lhe assentava bem. Jamais competiria com os protagonistas da moda. Charlie Gray não era o Gable nem o Grant, mas apresentava solidez, doçura e apreço pela sua arte. — És um homem bom, Charlie. — Eve ergueu a taça num brinde. — À tua, o meu primeiro amigo no cinema.

— Ao “agora” — retribuiu, brindando — e ao que conseguirmos fa-

zer com ele. — Saiu de trás do bar e pegou num presente pousado por baixo da árvore. — Não é tão pessoal como Byron, mas quando o vi, pensei em ti.

Eve pousou o cigarro para abrir a caixa. O colar de diamantes cintilava violentamente em contraste com o leito de veludo negro. No centro, pendia um enorme e intenso rubi, pendendo como uma gota de sangue. Os diamantes tinham a forma de estrelas, o rubi a de uma lágrima.

— Oh. Oh, Charlie.

— Não me digas que não devia ter-me dado ao trabalho.

Ela abanou a cabeça.

— Jamais te diria um cliché desses. — Mas os olhos lacrimejavam e sentia um aperto no peito. — Ia dizer que tens muito bom gosto. Bolas, não me ocorre nenhuma tirada inteligente. É maravilhoso.

— Como tu. — Pegou no colar e sentiu-o nas mãos. — Quando almejamos as estrelas, Eve, perdemos sangue e lágrimas. Lembra-te sempre disso. — Colocou-lho no pescoço e apertou-o. — Há mulheres que nasceram para usar diamantes.

— Tenho a certeza de que sou uma delas. E agora vou fazer algo muito típico. — Rindo-se, procurou o estojo da base. Depois de abrir, estudou o colar no seu pequeno espelho quadrado. — Meu Deus. Caramba, é lindo. — Deu meia volta para o beijar. — Sinto-me como uma rainha.

— Quero que sejas feliz. — Tomou-lhe o rosto nas mãos. — Amo-te, Eve. — Ao dizê-lo, notou a expressão de surpresa no rosto dela, seguida de absoluta aflição. Contendo-se para não comentar, baixou os braços. — Tenho outra coisa para ti.

— Mais? — Ela tentou controlar o tom de emoção. Sabia que ele a desejava, que gostava dela. Mas amor? Não queria que ele a amasse, quando não se sentia capaz de o retribuir. E não queria sequer sentir-se tentada a experimentar. A mão ainda lhe tremia quando pegou na taça de champanhê. — Vai ser difícil superares o colar.

— Se te conheço tão bem como penso que conheço, este presente supera-o facilmente.

Charlie tirou um pedaço de papel do bolso do casaco, pousando-o no bar.

— 12 de Janeiro, 10 da manhã, palco 15. — Intrigada, arqueou a sobrancelha. — O que é isto? Uma pista para uma caça ao tesouro?

— A tua audição. — Viu o rosto dela empalidecer e o seu olhar tornar-se mais profundo. Os lábios dela abriram-se tremulamente, mas ela apenas conseguiu abanar a cabeça. Compreendendo perfeitamente, ele fez um sorriso que não se espelhava no seu olhar. — Sim, bem me parecia que isto significaria mais para ti do que os diamantes.

E sabia que assim que ela começasse o seu percurso, ela o ultrapassaria com rapidez.

Com muito cuidado, ela dobrou o papel e guardou-o na bolsa.  
— Obrigada, Charlie. Jamais o esquecerei.

— Nessa noite, fui para a cama com ele — comentou Eve, em voz baixa. O tom era triste, mas não havia lágrimas. Já não lhe restavam lágrimas, senão no ecrã. — Foi meigo, insuportavelmente doce e comoveu-se muito quando percebeu que era a minha primeira vez. Uma mulher nunca esquece a primeira vez. E essa memória é particularmente querida quando a primeira vez é carinhosa. Deixei-me estar com o colar enquanto fazíamos amor. — Ela riu-se e pegou no café frio. — Depois, bebemos mais champanhe e fizemos amor novamente. Gosto de pensar que lhe dei um pouco mais do que sexo naquela noite e nas outras noites das poucas semanas em que fomos amantes. Ele tinha trinta e dois anos. O gabinete de comunicação tinha eliminado quatro, mas ele disse-me. O Charlie Gray não mentia.

Com um suspiro, pousou novamente o café e olhou para as mãos.

— Preparou-me para a audição. Era um excelente actor, sistematicamente menosprezado. Passados dois meses, consegui um papel num filme dele.

Quando o silêncio se prolongou, Julia pousou o bloco de notas. Não precisava. Jamais esqueceria qualquer detalhe daquela manhã.

— *Desperate Lives*, com Michael Torrent e Gloria Mitchell. Interpretou Cecily, a vilã caprichosa que seduzia e traía o jovem advogado idealista interpretado por Torrent. Um dos momentos mais eróticos desse filme, na altura ou actualmente, foi quando entrou no gabinete dele, sentou-se na sua secretária e lhe arrancou a gravata.

— Tinha apenas dezoito minutos no filme e tentei tirar o melhor partido deles. Disseram-me para vender sexo e eu vendi toneladas de sexo. — Encolheu os ombros. — O filme não arrebatou o mundo. Hoje passa de madrugada no canal três. Ainda assim, consegui impressionar o estúdio o suficiente para me atribuírem um novo papel de rameira. Eu era a *sex symbol* mais recente de Hollywood, dando-lhes a ganhar muito dinheiro porque recebia um vencimento muito baixo. Mas não me arrependo, mesmo hoje. Consegui muito através desse meu primeiro filme.

— Incluindo um marido.

— Sim, e o meu primeiro erro. — Encolheu os ombros desinteressadamente e sorriu com suavidade. — Meu Deus, o Michael tinha um rosto lindo. Mas era burro como tudo. Quando estávamos na cama, corria tudo bem. Mas conversar? Bolas. — Começou a tamborilar na mesa de pau-rosa. — O Charlie tinha muito mais enquanto actor, mas o Michael tinha o rosto, a presença. Ainda me irrita pensar que fui estúpida ao ponto de acreditar

que aquele idiota tinha qualquer tipo de relação com os homens com que contracenava.

— E o Charlie Gray? — Julia observou o rosto de Eve, cuidadosamente. — Suicidou-se.

— As finanças dele eram uma confusão, e a sua carreira ficou empastada. Ainda assim, não deve ter sido coincidência ele ter-se suicidado no dia em que eu me casei com o Michael Torrent. — O tom de voz mantinha-se neutro, assim como o olhar, quando se cruzou com o de Julia. — Se tenho pena? Sim. Não havia ninguém como o Charlie e eu amava-o. Nunca da forma como ele me amou, mas amava-o. Se me culpo pelo que aconteceu? Não. Todos fazemos as nossas escolhas, incluindo o Charlie e eu. Os sobreviventes sabem viver com as suas escolhas. — Inclinou a cabeça. — Não é assim, Julia?

#### 4.

Sim, sabiam viver, pensava Julia, depois da entrevista. Para sobreviver, era preciso lidar com as escolhas e pagar por elas. Perguntava-se como Eve teria pago pelas suas.

Do lugar onde estava sentada, a uma mesa de vidro coberta por um guarda-sol, no terraço da casa de visitas, ocorria-lhe que Eve colhera apenas benefícios das suas. Estudava os seus apontamentos, rodeada por árvores altas e o aroma do jasmim. O ar parecia cantar, com o eco distante de um cortador de relva somado ao de um aglomerado de palmeiras, o zumbido monótono das abelhas saciadas de néctar, o bater das asas de um beija-flor que se alimentava de um hibisco ali perto.

Ali só havia luxo e privilégio. Mas ocorria a Julia que as pessoas que o partilhavam eram pagas por Eve. Uma mulher que escalara montanha atrás de montanha para acabar sozinha. Era um preço alto pelo sucesso.

Contudo, Julia não via Eve como uma mulher afectada por arrependimentos, e sim uma mulher que os cobria de sucesso. Julia anotara todas as pessoas que queria entrevistar — ex-maridos, amantes casuais, antigos empregados. Eve apenas encolhera os ombros quando lhe pedira autorização. Pensativamente, Julia sublinhou o nome de Charlie Gray duas vezes. Queria conversar com as pessoas que o tinham conhecido, com aqueles que podiam falar da sua relação com Eve sob outro ponto de vista.

Julia bebeu um pouco de sumo gelado e começou a escrever.

*Não é perfeita, claro. Onde existe generosidade, há também egoísmo. Onde existe a amabilidade, surge também uma indiferen-*

*ça assumida pelos sentimentos. Consegue ser um ser humano abrupto, frio, seco e indelicado. Esses defeitos tornam a mulher por trás dos bastidores tão fascinante e vital como qualquer mulher que ela tenha interpretado nos filmes. A sua força é incrível. Emana dos seus olhos, da sua voz, de qualquer gesto do seu corpo disciplinado. Parece que a sua vida é um desafio, um papel que concordou em interpretar com grande verve — e para o qual não aceita orientação de nenhum realizador. Qualquer deixa perdida ou cena mal feita são da sua responsabilidade. Não culpa ninguém. Para além do talento, da beleza, da voz rica e profunda ou da inteligência astuta, terá de ser admirada pelo conhecimento que tem de si própria.*

— Não gosta de perder tempo.

Julia assustou-se e depois voltou-se rapidamente para ver quem surgia por trás dela. Não tinha percebido que Paul se aproximara e não fazia ideia de quanto tempo teria estado atrás dela a ler o que escrevia. Deliberadamente, fechou o bloco de notas. O arame da encadernação bateu suavemente no vidro.

— Diga-me, Sr. Winthrop, o que faria a alguém que lesse o seu trabalho sem ser convidado a fazê-lo?

Ele sorriu e sentou-se confortavelmente na cadeira diante dela.

— Cortava-lhe os dedos curiosos. Mas, na verdade, sou conhecido pelo meu temperamento intempestivo. — Pegou no copo dela e bebeu. — E você?

— As pessoas parecem pensar que sou de brandos costumes. Costuma ser uma má percepção. — Não gostava de o ter ali. Interrompera o trabalho e a concentração. Ela estava vestida com calções curtos e uma t-shirt gasta, estava descalça e tinha o cabelo apertado num rabo-de-cavalo descuidado. Acabara de lançar às urtigas a sua imagem cuidada e não gostava da ideia de ter sido surpreendida como ela própria. Mirou irritadamente o copo donde ele bebia novamente. — Quer que vá buscar um para si?

— Não, este serve. — O desconforto que ela sentia deixava-o visivelmente divertido e agradava-lhe o facto de ela ser tão facilmente abalável. — Então, já teve a sua primeira entrevista com a Eve.

— Ontem.

Ele tirou um charuto, deixando bem claro que tencionava demorar-se. Julia notou que as mãos dele eram largas nas palmas e os dedos compridos. Prontas para baloiçarem o berço de ouro em que tinha nascido,

concluía, e depois para congeminarem os crimes complexos e sobejamente sinistros que preenchiam as páginas dos seus livros.

— Sei que não estou colada a uma cadeira de escritório com as persianas fechadas — explicou Julia — mas estou a trabalhar.

— Sim, deu para perceber. — Ele sorriu apazivelmente. Ela não podia limitar-se a insinuar, se quisesse que ele se fosse embora. — Importa-se de partilhar comigo as suas primeiras impressões sobre a entrevista inaugural?

— Importo.

Pouco impressionado, acendeu o charuto e apoiou o braço nas costas da cadeira de ferro forjado.

— Para alguém que deseja a minha colaboração, parece-me pouco receptiva.

— Para alguém que não aprecia o meu trabalho, parece-me muito insistente.

— Não é o seu trabalho. — De pernas esticadas e pés confortavelmente cruzados, fumou demoradamente, expelindo o fumo. O aroma do charuto pairava no ar, de forma intensamente masculina. Insinuou-se no perfume das flores como um braço de um homem convence uma mulher hesitante. — Apenas não concordo com o seu projecto mais recente. São os meus interesses em jogo.

Julia concluiu que eram os seus olhos que o tornavam tão atraente, logo eram eles o maior problema. Não se tratava da cor, embora algumas mulheres certamente suspirassem ao vislumbrarem aquele azul profundo e vital. Era a expressão deles, a sua concentração incrível que faziam com que Julia sentisse que não estava apenas a ser observada, mas perscrutada.

Tinha o olhar de um caçador, pensava, mas ela recusava-se a ser presa de um homem.

— Se está preocupado que eu escreva algo menos abonatório da sua pessoa, não fique. O seu papel na biografia da Eve não deve ocupar mais do que um pequeno excerto de um capítulo.

De escritor para escritor, o comentário de Julia teria sido um insulto perfeito, se estivesse em causa o ego dele. Mas ele riu-se, gostando ainda mais dela pelo que lhe dissera.

— Diga-me, Jules, é assim comigo apenas ou com todos os homens?

O uso da sua alcunha afectara-a tanto como a pergunta. Como se lhe tivesse dado um beijo em vez de um aperto de mãos.

— Não entendo o que quer dizer.

— É claro que entende. — O seu sorriso era simpático, mas o olhar continuava a desafia-la. — Ainda não consegui arrancar os dardos que me atirou na primeira vez que falámos.

Julia brincou com a caneta, desejando que ele simplesmente desapa-

recesse. Parecia-lhe demasiado descontraído, o que a deixava ainda mais tensa. Homens com aquele tipo de autoconfiança deixavam-na sempre às aranhas para não perder a sua.

— Se bem me lembro, foi o Paul que lançou o primeiro ataque.

— Talvez.

Recostou-se na cadeira, observando-a. Não, ainda não estava à altura dela, mas havia de estar.

Ela franziu o sobrolho quando o viu levantar-se e enterrar a beata do charuto num balde de areia, no canto do terraço. Reparou que o corpo dele era perigoso, bem talhado de músculos e graciosidade. Um corpo de esgrimista. E como era do tipo que não se deixaria engaiolar, uma mulher inteligente teria de lidar com ele através da sua imaginação, dentro de portas bem trancadas. Julia considerava-se uma mulher inteligente.

— Teremos de acordar uma trégua, para o bem da Eve.

— Não vejo porquê. Uma vez que vai estar ocupado, e eu também, duvido que nos cruzemos vezes suficientes para precisarmos de bandeiras brancas.

— Está errada. — Voltou para a mesa, mas não se sentou. Em vez disso, manteve-se ao lado dela, com os polegares entalados nos bolsos das calças. — Terei de estar de olho em si, por causa da Eve. E, penso, que por minha causa também.

Julia tamborilava com a caneta no tampo de vidro. Pousou-a e entrecruzou os dedos nervosos.

— Se isso é uma espécie de engate indirecto...

— Gosto de si desta forma — interrompeu. — Descalça e atrapalhada. A mulher que conheci na outra noite era intrigante e intimidadora.

Começava a sentir apertos no estômago a que pensava ser imune. Mas acreditava que era possível sentir atracção sexual por um homem de quem não gostasse. Assim como era possível resistir-lhe.

— Sou a mesma pessoa, com ou sem sapatos.

— De forma alguma. — Sentou-se novamente, apoiando os cotovelos na mesa e pousando a cabeça nas mãos, enquanto a observava. — Não acha que seria tremendamente aborrecido acordar todos os dias da sua vida sendo exactamente a mesma pessoa?

Era exactamente o tipo de pergunta que ela apreciava, o tipo a que gostaria de responder e explorar. Mas sabia com toda a certeza que com ele qualquer exploração terminaria em terrenos pantanosos. Voltou a abrir o bloco e virou as páginas até encontrar uma em branco.

— Já que está aqui e com vontade de conversar, talvez me possa dar a tal entrevista.

— Não. Teremos de esperar por isso, dependendo do rumo das coisas.

Ele sabia que estava a ser teimoso e gostava disso.

— Que coisas?

Sorriu.

— Todo o tipo de coisas, Julia.

Julia escutou o som de uma porta a bater e um gritinho alegre.

— É o meu filho. — Julia reuniu as suas coisas rapidamente e levantou-se. — Se não se importa, tenho de...

Mas Brandon já estava a correr pela porta das traseiras em direcção ao terraço. Usava um boné cor-de-laranja fluorescente com a pala para trás, calças de ganga largas, uma t-shirt do rato Mickey e sapatilhas coçadas. O sorriso era enorme.

— Fiz dois cestos em ginástica — anunciou.

— O meu herói.

Correu para o filho, enquanto Paul a observava a mudar novamente. Não havia lugar para uma elegância fria nem vulnerabilidade nervosa, mas apenas puro carinho. Emanava dos seus olhos e do sorriso quando colocou o braço nos ombros do filho. Aproximou-o de si. A subtil linguagem corporal era bastante clara: *É meu*.

— Brandon, este é o Sr. Winthrop.

— Olá.

Brandon sorriu novamente, revelando dois espaços entre os dentes.

— Em que posição jogaste?

O olhar de Brandon iluminou-se ao escutar aquela pergunta.

— Base. Não sou muito alto, mas sou rápido.

— Tenho um cesto em casa. Tens de ir lá mostrar-me os teus passes um dia destes.

— A sério? — Brandon pulou de alegria, aguardando o olhar de aprovação da mãe. — Posso?

— Depois vemos isso. — Endireitou-lhe o chapéu. — Trabalho de casa?

— Só vocabulário e uma conta enorme. — O pequeno sentia quase a obrigação de adiar o trabalho até ao último minuto possível. — Posso beber qualquer coisa?

— Eu vou buscar.

— Isto é para ti. — Brandon tirou um envelope do bolso e depois voltou-se para Paul. — Costuma ver os Lakers e assim?

— De vez em quando.

Julia deixou-os a falar de pontos marcados e jogos perdidos. Encheu o copo com gelo, tal como Brandon gostava, e acrescentou sumo. Embora a irritasse, encheu um segundo copo para Paul e preparou um prato de biscoitos. A indelicadeza que tinha intenção de mostrar não seria um bom exemplo para o filho.

Depois de pousar tudo num tabuleiro, olhou para o envelope que colocara no balcão. O seu nome estava impresso em maiúsculas garrafais. Intrigada, pegou no sobrescrito. Pensara que se trataria de uma avaliação do filho. Depois de o abrir, leu a curta mensagem e sentiu-se empalidecer.

#### A CURIOSIDADE MATOU O GATO.

Era uma estupidez. Voltou a ler as palavras, dizendo a si mesma que eram uma estupidez, mas a simples folha de papel tremia-lhe nas mãos. Quem lhe enviaria tal mensagem e porquê? Seria alguma espécie de aviso ou ameaça? Enfiou o papel no bolso. Não havia motivo para permitir que aquele tipo de cliché tolo a assustasse.

Tentando acalmar-se, pegou no tabuleiro e saiu para o terraço, onde Paul estava novamente sentado, entretendo Brandon com relatos jogada a jogada dos Lakers.

— Uma vez fomos ver os Knicks — disse-lhe Brandon. — Mas a mamã não compreende. É muito boa no basebol — acrescentou, como forma de desculpa.

Paul olhou para cima e o seu sorriso desapareceu quando viu o rosto de Julia.

— Algum problema?

— Não. Dois biscoitos apenas, menino — disse, quando Brandon se atirou ao prato.

— O Sr. Winthrop foi a montes de jogos — explicou-lhe ele, enquanto enfiava o primeiro biscoito na boca. — Até conheceu o Larry Bird e tudo.

— Que bom.

— Ela não sabe quem ele é — disse Brandon num sussurro. Sorriu, de homem para homem, e empurrou o biscoito com o sumo. — Gosta mais de coisas de rapariga.

As crianças eram bastante honestas, pensou Paul. Brandon podia dar-lhe algumas respostas.

— Tais como?

— Bem. — Brandon escolheu outro biscoito enquanto reflectia. — Sabe, daqueles filmes antigos em que as pessoas ficam a olhar muito tempo umas para as outras. E flores. Adora flores.

Julia sorriu suavemente.

— Deixo os cavalheiros com o vinho do Porto e os charutos?

— Não faz mal gostares de flores se fores rapariga — explicou-lhe Brandon.

— O meu querido chauvinista. — Esperou que o filho bebesse o resto do sumo. — Trabalho de casa.

— Mas não posso...

— Não.

— Detesto os exercícios de vocabulário.

— E eu detesto matemática. — Acariciou-lhe com carinho o nariz.

— Faz isso primeiro que eu ajudo-te com o vocabulário.

— Está bem. — Ele sabia que se a convencesse a deixar os trabalhos para depois do jantar, perderia tempo de televisão. Não tinha hipótese. — Tchau — disse a Paul.

— Tchau. — Paul esperou que a porta se fechasse. — Miúdo simpático.

— Sim, é. Desculpe, mas tenho de ir tomar conta dele.

— Não a demoro muito mais. — Levantou-se. — O que se passou, Julia?

— Não sei a que se refere.

Ele ergueu-lhe o queixo para o manter quieto. Os seus dedos eram quentes, firmes, com as pontas ásperas do trabalho ou qualquer tipo de actividade masculina. Julia teve de fazer um esforço para não se desviar abruptamente.

— Há pessoas em que tudo o que sentem se manifesta no olhar. O seu está assustado. O que se passou?

Julia não gostava nada do facto de lhe querer contar, de querer partilhar. Estava habituada a lidar com os seus problemas há mais de uma década.

— Contas de dividir — respondeu ela, indiferente. — Metem-me um medo dos diabos.

Paul ficou surpreendido por se sentir tão desiludido, mas tirou a mão.

— Muito bem. Suponho que não tenha muitos motivos para confiar em mim neste momento. Telefone-me para marcarmos a tal entrevista.

— Assim farei.

Quando ele partiu de regresso à casa principal, ela sentou-se na cadeira. Não precisava de ajuda — dele ou de quem quer que fosse — porque não se passava nada de errado. Com as mãos firmes, tirou o papel amarrado do bolso e leu-o novamente.

Respirando fundo, levantou-se e começou a colocar as coisas no tableiro. Confiar nas pessoas era sempre um erro... que não cometeria. Mas queria que Paul Winthrop tivesse encontrado outra forma de perder uma hora da sua tarde.

Enquanto Brandon chapinhava na banheira, no piso superior, Julia serviu-se de um copo de vinho Pouilly Fumé que Eve lhe enviara. Já que a

sua anfitriã desejava que ela se sentisse à vontade, Julia decidiu fazer-lhe a vontade. Mas enquanto bebia o vinho dourado do copo de cristal, não conseguia deixar de pensar no papel que trazia no bolso.

Teria sido deixado por Paul? Ponderou um pouco a hipótese, mas rejeitou-a. Seria uma jogada demasiado indirecta para um homem como Paul Winthrop. De qualquer das formas, não fazia ideia de quantas pessoas teriam atravessado os portões da propriedade naquele dia e qualquer uma delas podia ter deixado o bilhete no degrau.

E não sabia o suficiente sobre as pessoas que moravam dentro desses mesmos portões de ferro.

Espreitando pela janela da cozinha, conseguia ver as luzes no apartamento por cima da garagem. Lyle, o motorista de ombros largos e anca estreita. Julia depreendera automaticamente que o homem se considerava o borracho daquela zona. Será que ele e Eve... Não. Eve gostava de homens, mas não do estilo de Lyle.

Travers. A governanta andava amuada pelos cantos e o seu mau humor acentuava as rugas já bem marcadas da sua boca. Não havia dúvidas de que decidira não gostar de Julia no primeiro momento. E uma vez que Julia duvidava que tal antipatia se devesse à sua escolha de perfume, era evidente que se explicava por alguma objecção ao trabalho que estava a fazer. Talvez Travers pensasse que um bilhete críptico e anónimo a enxotasse para o Connecticut. Se assim fosse, pensava Julia enquanto bebia o seu vinho, teria uma grande desilusão.

E havia Nina. Eficiente e elegante. Por que motivo uma mulher assim se sentiria feliz em se deixar subjugar por outra mulher? As informações que Julia tinha conseguido reunir sobre Nina eram poucas. Uma veterana de quinze anos no mundo de Eve, nunca se tinha casado e não tinha filhos. Ao jantar, conseguira manter a paz entre os convidados de forma subtil. Estaria preocupada que a publicação da história da vida de Eve transtornasse essa mesma paz irreversivelmente?

Pensando em Nina, Julia divisou-a a caminhar decididamente pelo caminho, transportando uma caixa de cartão grande.

Julia abriu a porta da cozinha.

— Entrega especial?

Com uma gargalhada cansada, Nina transportou a caixa pesada para dentro.

— Eu disse-lhe que era a mula de carga. — Gemeu um pouco ao pousar a caixa na mesa da cozinha. — A Eve pediu-me para juntar estas coisas e lhas entregar. Fotografias, recortes, imagens de filmes. Talvez lhe possa ser útil.

Imediatamente curiosa, Julia abriu a caixa.

— Oh, sim!

Deleitada, pegou numa fotografia publicitária de Eve — elegante, arrogante, nos braços de um Michael Torrent incrivelmente belo. Começou a vasculhar a caixa.

Nina manifestou apenas levemente algum desagrado por ver Julia a desorganizar todos os documentos.

— Isto é maravilhoso. — Julia tirou uma fotografia, um pouco desbotada e gasta nos cantos. O seu coração de mulher deu um salto. — Oh, meu Deus, é o Gable!

— Sim. Foi tirada aqui, na piscina, numa das festas da Eve. Foi imediatamente antes de filar *Os Inadaptados*. E antes de morrer.

— Diga-lhe que isto tudo não só ajudará o livro, mas que me divertirá muito. Sinto-me como uma criança numa loja de doces.

— Então, deixo-a a saboreá-los.

— Espere. — Julia obrigou-se a afastar-se da caixa de guloseimas antes que Nina abrisse a porta. — Tem uns minutinhos?

Por hábito, Nina verificou o relógio.

— Claro. Quer ver algumas fotografias comigo?

— Não. Na verdade, queria uma entrevista. Pequena — acrescentou apressadamente, quando detectou uma expressão algo evasiva no rosto de Nina. — Sei que está ocupada e não queria nada interrompê-la durante o seu horário de expediente. — Julia sorriu, satisfeita consigo mesma. Era uma inspiração dar a volta à situação para que fosse ela que estivesse a ser incomodada. — Vou buscar o meu gravador. Por favor, sirva-se de um copo de vinho.

Saiu depressa, sabendo que não dera tempo a Nina de concordar ou recusar.

Quando voltou, Nina tinha servido um copo, reabastecera o de Julia e sentara-se. Sorriu, como uma mulher jovem habituada a ver o seu tempo manipulado em função dos desejos dos outros.

— A Eve pediu-me que colaborasse, mas para ser franca, Julia, não me ocorre nada que possa ser interessante para si.

— Deixe isso comigo. — Julia abriu o bloco e ligou o gravador. Sabia que Nina estava relutante, o que significava apenas que teria de investigar com mais cuidado. Mantendo o tom suave, perguntou: — Nina, deve imaginar que as pessoas ficariam fascinadas com a rotina diária da Eve Benedict. O que ela toma ao pequeno-almoço, a música que prefere, se come qualquer coisa em frente à televisão, à noite. Mas posso descobrir esses pormenores sozinha sem lhe tomar o tempo.

O sorriso simpático de Nina não se alterara.

— Como disse, a Eve pediu-me que colaborasse.

— Agradeço-lhe. Gostaria de saber o que pensa dela enquanto pessoa. Como alguém que colaborou de perto com ela nos últimos quinze anos, é capaz de a conhecer melhor do que ninguém.

— Gosto de pensar que partilhamos uma amizade, além de uma relação profissional.

— É difícil viver e trabalhar na mesma casa com alguém que, por definição, é exigente?

— Nunca me pareceu difícil. — Nina inclinou a cabeça enquanto bebia o vinho. — Um desafio, certamente. Ao longo dos anos, a Eve proporcionou-me diversos desafios.

— E qual diria ter sido o mais memorável?

— Ora, isso é fácil — riu-se Nina. — Há cerca de cinco anos, quando estava a filmar o *Heat Wave*, decidi que queria fazer uma festa. Não parece nada de inédito. A Eve adora uma boa festa. Mas tinha ficado tão encantada com o local das filmagens em Nassau, que insisti que a festa fosse organizada numa ilha... e queria-a pronta daí a duas semanas. — A memória transformara o sorriso delicado num mais genuíno. — Alguma vez tentou alugar uma ilha nas Caraíbas, Julia?

— Na verdade, não.

— Tem as suas implicações. Sobretudo se quisermos ter instalações modernas como abrigo, electricidade, canalização. Consegui encontrar uma ilha, um cantinho lindo a cerca de trinta e cinco milhas da costa de St. Thomas. Encomendámos geradores, para o caso de haver tempestades tropicais. E, claro, tínhamos de levar comida para lá, bebidas, louça, pratos, divertimento. Mesas, cadeiras. Gelo. — Fechou os olhos. — Muito, muito gelo.

— Como conseguiu?

Nina abriu novamente os olhos.

— Por mar e pelo ar. E com suor e lágrimas. Passei lá três dias com os carpinteiros, porque a Eve queria umas cabanas dispersas pelo espaço. Com os jardineiros, porque queria um visual mais rico e tropical. E com alguns fornecedores de comida muito irritadiços. Bem... foi uma das suas ideias mais interessantes.

Fascinada, deixando que a imagem se formasse na sua mente, Julia apoiou o queixo na mão.

— E como correu a festa?

— Foi um sucesso. Havia rum suficiente para fazer navegar um navio de guerra. E a Eve parecia a rainha da ilha com o seu páreo de seda azul.

— Diga-me, como se aprende a alugar uma ilha?

— Por tentativa e erro. Nunca sabemos com que contar com a Eve, por isso, temos de estar preparados para tudo. Tirei cursos em direito, con-

tabilidade, decoração, mediação imobiliária e danças de salão... entre outros.

— E em todos esses cursos, nunca se sentiu tentada em ir mais longe, em procurar outro ritmo?

— Não. — A resposta não acusava qualquer hesitação. — Nunca deixaria a Eve.

— Como começou a trabalhar para ela?

Nina fitou o copo de vinho. Lentamente, circundou a orla do copo.

— Sei que vou parecer melodramática, mas a Eve salvou-me a vida.

— Literalmente?

— Bastante literalmente. — Moveu os ombros como se tentando decidir se haveria de avançar ou não. — Não há muitas pessoas que conheçam o meu passado. Preferia não falar disso, mas sei que a Eve está decidida a contar a história toda. Acho que é melhor que o saiba por mim.

— Normalmente, é assim.

— A minha mãe era uma mulher fraca, que saltava de homem para homem. Tínhamos muito pouco dinheiro e vivíamos em quartos alugados.

— E o seu pai?

— Deixou-nos. Era muito nova quando voltou a casar, com um camionista que passava metade do tempo fora. O que acabou por ser pelo melhor. — O sofrimento no tom de voz era cada vez mais intenso. Nina começou a apertar nervosamente o copo nos dedos, fitando o vinho como se ele escondesse um segredo. — A situação financeira melhorou um pouco e tudo ficou bem... por uns tempos... até que deixei de ser uma menina.

— Com esforço, ergueu o olhar. — Tinha treze anos quando ele me violou.

— Oh, Nina. — Julia sentiu uma pontada de dor, do tipo que qualquer mulher sente quando ouve falar de uma violação. — Lamento muito. — Instintivamente, pegou na mão de Nina. — Lamento mesmo muito.

— Fugi algumas vezes depois disso — continuou Nina, aparentemente reconfortada com o toque de Julia. — Das primeiras vezes, voltei sozinha para casa. — Sorriu timidamente. — Não tinha para onde ir. Das outras vezes foram eles que me encontraram.

— E a sua mãe?

— Não acreditava em mim. Não queria acreditar em mim. Não lhe apetecia pensar que a filha fosse sua concorrente.

— Isso é horrível.

— A realidade é frequentemente assim. Os pormenores não são importantes — avançou. — Acabei por fugir de vez. Menti sobre a minha idade, arranjei emprego a servir às mesas, trabalhei muito e cheguei a gerente. — Começou a falar rapidamente, não como se o pior já tivesse passado, mas como se tivesse de dar início rapidamente ao que se seguia. — A minha

experiência anterior ajudara-me a manter-me concentrada no trabalho. Nada de namoros, de distrações. E depois cometi um erro. Apaixonei-me. Tinha quase trinta anos e atingiu-me com força.

Algo cintilou no olhar de Nina — memórias antigas ou lágrimas — rapidamente disfarçado pelas pestanas, quando ela levou o copo aos lábios.

— Ele era maravilhoso comigo, generoso, cuidadoso. Meigo. Queria casar, mas eu deixei que o meu passado estragasse tudo. Uma noite, furioso por eu não conseguir comprometer-me, saiu do meu apartamento. E morreu num acidente de viação.

Nina retirou a mão da de Julia.

— Fui-me abaixo. Tentei o suicídio. Foi então que conheci a Eve. Ela estava a fazer pesquisa para o seu papel de esposa suicida no *Darkest at Dawn*. Eu tinha estragado tudo, não tinha ingerido comprimidos suficientes e estava internada no hospital, em observação. Ela falou comigo e ouviu-me. Pode até ter sido motivada pelo seu interesse de atriz, mas voltou. Muitas vezes me perguntei sobre o que a teria levado a voltar para me ver. Perguntou-me se queria passar a vida a lamentar-me ou se queria tirar proveito dela. Gritei com ela, insultei-a. Ela deixou-me o número e disse-me que lhe telefonasse se quisesse fazer alguma coisa da minha vida. E depois saiu, com aquele jeito de vai-à-merda que ela tem. Acabei por lhe ligar. Deu-me uma casa, um emprego e a minha vida. — Nina terminou o vinho. — E é por isso que lhe alugo ilhas ou faço tudo o que ela me pedir.

Horas mais tarde, Julia ainda não tinha conseguido adormecer. A história de Nina atormentava-a. A Eve Benedict em privado era muito mais complexa do que em público. Quantas pessoas seriam capazes de ajudar um estranho a encontrar o seu rumo? Sem se limitarem a passar um cheque. Era fácil, havendo dinheiro. Mas com discursos, porque as palavras não custam dinheiro e abrem aquele recanto mais íntimo: o coração.

A ambição de Julia em relação ao novo livro ameaçava seguir novo caminho. Já não era simplesmente uma história que queria contar, mas que tinha de ser contada.

E pensando nos seus planos a longo prazo, Julia lembrou-se do papel que guardava no bolso. Agora preocupava-a ainda mais pela forma como Brandon respondera à sua pergunta casual, dizendo-lhe que o tinha encontrado pousado no degrau da frente. Passou os dedos pelo papel mas retirou-os de imediato, resistindo ao desejo de o ler novamente. Era melhor esquecer tudo.

A noite estava mais fria. Uma brisa impregnada de rosas agitava as folhas das árvores. Ao longe piava a pavo. Embora reconhecesse o som,

sentiu-se tremer. Precisou de se recordar que o único perigo que corria era o de se habituar demasiado ao luxo.

Se bem que havia poucas hipóteses de isso acontecer, pensou ela, vergando-se para pegar numa das suas sandálias esquecidas. Julia não se via como o tipo de mulher que se adaptasse bem a arminhos e a diamantes. Algumas nasciam para isso, outras não, ponderava, atirando o calçado de couro gasto para dentro do armário.

Só de pensar no número de vezes que perdia brincos ou deixava um casaco encorilhado na mala do carro, forçava-a a reconhecer que se dava melhor com tecido e pedras de fantasia.

Além disso, tinha saudades de casa. Da sua simplicidade, da rotina elementar de arrumar as suas próprias coisas, de varrer a neve da entrada. Escrever sobre os famosos e os garbosos era uma coisa. Viver como eles era outra.

Espreitando para o interior do quarto de Brandon, demorou-se um pouco. Estava deitado de barriga para baixo, com o rosto bem repousado na almofada. O seu mais recente projecto de construção estava bem arrumado no meio do quarto. Os carros em miniatura estavam alinhados numa fila de trânsito perfeitamente orquestrada no tampo da secretária. Para Brandon, tudo tinha o seu lugar. Aquele quarto, onde os ricos e famosos tinham dormido, pertencia agora completamente ao seu filho. Tinha o seu odor — o dos lápis de cor e aquele perfume doce e algo selvagem que o suor de uma criança produz.

Encostada ao vão da porta, Julia sorriu. Sabia que quer o levasse para o Ritz, quer para uma cave, em menos de um dia Brandon teria ocupado o seu território e estaria feliz. Não sabia onde teria ele conquistado tamanha confiança e capacidade de tornar qualquer sítio sua propriedade.

Não herdara essas características dela, certamente. Nem do homem que o concebera com ela. Era em alturas como esta que ponderava no sangue que correria nas suas veias e que tinha transmitido ao filho. Não sabia nada sobre os seus pais biológicos, nem queria saber... senão à noite, quando estava sozinha, a contemplar o filho... e a imaginar.

Deixou a porta aberta, um hábito antigo que nunca conseguira perder. Caminhando para o quarto, sabia que estava demasiado inquieta para se deitar ou trabalhar. Depois de vestir umas calças de fato-de-treino, desceu as escadas e saiu para a noite escura.

O luar estava vivo, enchendo a superfície de intensos pratas. E tudo estava silencioso, numa quietude que aprendera a apreciar depois dos anos que vivera em Manhattan. Conseguia ouvir o vento a agitar as árvores, o fluido zumbir e esvoaçar que fazia a música dos insectos. Fosse qual fosse

a qualidade do ar em Los Angeles, ali, cada fôlego era como beber flores e pó lunar.

Passou pela mesa onde estivera sentada naquela mesma tarde, numa picardia verbal com Paul Winthrop. Era estranho ter partilhado tanto da sua vida íntima numa conversa com um homem, algo que não fazia há muito tempo. E continuava a achar que, ainda assim, não se conheciam melhor.

Era sua função saber mais sobre ele, na medida em que estava relacionado com Eve. E estava certa de que era ele o rapazinho de que Eve falara a seu filho, Brandon. O rapazinho que gostava de miniaturas. Julia sentia dificuldade em imaginar Paul em criança, à espera de uma guloseima.

Que tipo de figura maternal teria sido Eve Benedict? Julia ponderava seriamente a questão. Essa era uma abordagem que precisava de explorar. Teria sido indulgente, descuidada, dedicada ou distraída? Afinal de contas, nunca tivera um filho seu. Como teria ela reagido ao batalhão de enteados que tinham entrado e saído da sua vida? E como se recordariam eles dela?

E o seu sobrinho, Drake Morrison? Havia um laço de sangue a uni-los. Seria interessante falar com ele enquanto sobrinho e não agente.

Só quando escutou as vozes é que Julia percebeu que tinha entrado no jardim. Reconheceu de imediato a voz grave de Eve, assim como alguma diferença no tom. Era agora mais suave, mais meiga, com a ternura que se insinua na voz de uma mulher quando fala com o amante.

E a outra voz era também distinta como uma impressão digital. Aquele vozeirão fundo e áspero parecia produzido por cordas vocais raspadas com lixa.

Victor Flannigan — o lendário protagonista dos anos quarenta e cinquenta, o romântico perigoso e sedutor dos sessenta e até dos setenta. Actualmente, embora o seu cabelo estivesse branco e a pele profundamente enrugada, continuava a emprestar estilo e sensualidade ao ecrã. Mais ainda, era considerado um dos melhores actores do mundo.

Fizera um trio de filmes com Eve, filmes brilhantes e destemidos que tinham provocado uma série de boatos sobre a relação na vida real. Mas Victor Flannigan era casado com uma católica devota. Os boatos sobre Eve e ele apareciam ocasionalmente, mas nenhum dos dois os alimentava.

Julia escutou o ruído da gargalhada de ambos e soube sem dúvida que se tratava de amantes.

A sua primeira intenção fora voltar-se rapidamente e regressar a casa. Era jornalista, sem dúvida, mas não podia invadir um momento tão evidentemente privado. As vozes estavam mais próximas. Por instinto, Julia recuou no caminho e escondeu-se nas sombras para os deixar passar.

— Alguma vez duvidaste dos meus actos? — perguntava-lhe Eve. Seguia de braço cruzado com o dele e a cabeça inclinada no seu ombro largo. Nas sombras, Julia percebeu que nunca tinha visto Eve mais bela ou mais feliz.

— Sim. — Parou para tomar o rosto de Eve nas mãos. Era apenas alguns centímetros mais alto do que ela, mas forte com um touro, uma parede sólida de músculos. O seu cabelo branco era uma juba de prata ao luar. — Suponho que seja o único no mundo capaz de dizer isso e sobreviver.

— Vic, meu querido Vic. — Eve fitou o rosto que conhecera e amara a vida toda. Olhando para ele agora, vendo a idade acumulada, recordando a juventude, sentia vontade de chorar. — Não te preocupes comigo. Tenho os meus motivos para fazer este livro. Quando estiver pronto... — Apertou com força o pulso dele, sentindo uma ânsia brutal pela vida que lhe vibrava nas veias. — Vamos aninhar-nos diante da lareira e ler um para o outro.

— Mas para quê reavivar tudo, Eve?

— Porque é chegado o momento. Nem tudo foi mau. Na verdade... — Riu-se e encostou o rosto ao dele. — Na verdade, desde que decidi fazê-lo, tenho pensado, recordado, avaliado. Agora percebo o prazer que é apenas viver.

Ele tomou-lhe as mãos e levou-as aos lábios.

— Nada na vida me proporcionou mais do que tu. Desejarei sempre...

— Não. — Abanando a cabeça, interrompeu-o. Julia apenas conseguia ver as lágrimas nos olhos de Eve. — Não desejes. Tivemos o que tivemos. Eu não o mudaria por nada.

— Nem as discussões embriagadas?

Eve riu-se.

— Nem uma. Na verdade, às vezes fico irritada por teres deixado a Betty Ford secar-te. Eras o bêbedo mais sexy que conheci.

— Lembras-te quando roubei o carro do Gene Kelly?

— Era do Spencer Tracy, Deus o valha.

— Ah, ora, somos todos irlandeses. Fomos para Las Vegas e telefonámos-lhe para lhe contar.

— Acho que a questão foi mais o que ele nos disse a nós. — Encostou-se mais, absorvendo os aromas que faziam parte dele. Tabaco, hortelã e o *aftershave* intenso que usava há décadas. — Foram bons tempos, Victor.

— Sem dúvida. — Afastou-se dela, buscando-lhe o rosto, achando-o fascinante como sempre. Seria o único a conhecer as suas fraquezas, os pontos fracos que escondia de um mundo tão ávido? — Não quero que te magoes, Eve. O que estás a fazer vai deixar muita gente... muita gente desdenhosa... muito pouco satisfeita.

Victor viu o brilho no olhar de Eve quando sorriu.

— Foste o único que me chamou gaja matulona e te safaste, lembra-te disso?

— Não. — A voz dele endureceu. — Mas és a *minha* gaja matulona, Eve.

— Confia em mim.

— Em ti, sim. Mas na escritora, nem por isso.

— Ias gostar dela. — Encostou-se a ele, fechando os olhos. — Tem classe e integridade a rodos. Foi a escolha certa, Vic. Suficientemente forte para terminar o que começou e orgulhosa a ponto de fazer um bom trabalho. Acho que vou gostar de ver a minha vida pelos olhos dela.

Ele esfregou as mãos nas costas dela e sentiu a velha chama reavivar. Com ela, o desejo nunca envelhecia nem perdia intensidade.

— Já sei que não adianta convencer-te a não fazeres algo que tenhas decidido fazer. Deus sabe que tentei o melhor que pude quando casaste com o Rory Winthrop.

A gargalhada dela era suave e sedutora, como os dedos que lhe acariciavam a nuca.

— E tu ainda sentes ciúmes por eu ter tentado amá-lo tanto como a ti. Victor sentiu o espigão, mas apenas parte era ciúme.

— Não tinha o direito de te prender. Como não tenho agora.

— Nunca me prendeste. — Agarrou o que sempre quis e nunca conseguiu ter completamente. — Por isso é que nunca ninguém me importou senão tu.

A boca dele investiu sobre a dela, como fizera já milhares de vezes, com leveza, paixão e desespero.

— Meu Deus, amo-te, Eve. — Riu-se ao sentir-se enrijecer por completo. — Há dez anos, tomava-te aqui mesmo. Hoje em dia, preciso de uma cama.

— Então, vem para a minha.

De mãos dadas, correram juntos.

Julia ficou algum tempo escondida nas sombras. Não sentia vergonha, nem sequer a emoção de ter descoberto um segredo. As lágrimas escorriam-lhe no rosto, lágrimas como as que chorava quando ouvia uma música especialmente bonita ou observava um pôr-do-sol perfeito.

Aquilo era amor. Duradouro, satisfatório, generoso. E percebeu que, para além da beleza, sentia inveja. Não havia ninguém com quem passear ao luar. Ninguém que levasse a sua voz àquela imensidão de ternura. Ninguém.

Sozinha, voltou para casa para passar mais uma noite inquieta numa cama vazia.

## 5.

A mesa do canto no Denny's não era propriamente o melhor local para um bom pequeno-almoço, mas, pelo menos, Drake sabia que não encontraria ninguém conhecido. Ninguém importante. Já na sua segunda caneca de café, pediu um prato de panquecas com fiambre e ovos à parte. Quando se sentia nervoso, comia. E Delrickio estava atrasado.

Drake mexeu o seu café com três pacotes de açúcar e olhou para o relógio pela terceira vez nos últimos cinco minutos. Estava a tentar não transpirar.

Se ousasse sair da mesa, teria ido à casa de banho arranjar o cabelo. Passou a mão pelo penteado, para se certificar de que cada fio estava no sítio certo. Com os dedos, procurou o nó da gravata, confirmando que a seda estava bem composta. Sacudiu vigorosamente as mangas do casaco Uomo. Os seus botões de punho em ouro cintilavam no impecável linho cor de marfim da sua camisa com monograma.

A imagem era tudo. No seu encontro com Delrickio teria de parecer descontraído, confiante, composto. Por dentro, contudo, não era mais do que aquele rapazinho com joelhos trémulos, arrastado pela mãe para o castigo.

Por mais dolorosas que essas agressões tivessem sido, não se comparariam minimamente ao que lhe aconteceria se não conseguisse sobreviver àquele encontro. Afinal, quando a sua mãe terminava o castigo, ele continuava vivo.

A filosofia da mãe implicava manter sempre rédea curta com o filho e apertara essa mesma rédea com o fervor religioso espelhado nos olhos.

A filosofia de Delrickio enquadrava-se mais no espírito de “amigos, amigos, negócios à parte”, sendo capaz de arrancar partes vitais a Drake com a mesma habilidade tranquila com que um homem corta as unhas.

Drake verificava as horas pela quarta vez quando Delrickio entrou.

— Bebes demasiado café. — Sorriu quando se sentou. — Faz-te mal à saúde.

Michael Delrickio tinha quase sessenta anos e levava o colesterol tão a sério como o negócio que herdara do pai. Como resultado, era tão rico quanto saudável. A sua pele morena era mimada com tratamentos faciais semanais e contrastava dramaticamente com um bigode farto e grisalho. As mãos eram macias, apresentando dedos longos como os de um violinista. A única jóia que usava era uma aliança em ouro. Tinha um rosto fino, bem desenhado e uns olhos castanhos grandes capazes de sorrir pacientemente aos netos, chorar durante uma bela ária de ópera ou não demonstrar qualquer expressão quando encomendava um homicídio.

Os negócios raramente interferiam nas emoções de Delrickio.

Gostava de Drake, de uma forma algo paternal, embora o achasse um tolo. Fora essa afeição que o levava a encontrar-se com ele pessoalmente, em vez de enviar alguém para lhe remodelar o rosto.

Delrickio chamou a empregada. O restaurante estava apinhado e barulhento com gritos de crianças e choques de talheres, mas o serviço era rápido. O poder assentava-lhe tão bem quanto o seu fato italiano.

— Sumo de romã — pediu, no seu sotaque de Boston. — Uma taça de bolas de melão, muito frias, e uma tosta integral sem nada. Então — começou, quando a empregada se afastou. — Estás bem?

— Sim. — Drake sentiu-se transpirar profusamente. — E o senhor?

— Saudável como um touro. — Delrickio recostou-se e tamborilou na barriga lisa. — A minha Maria ainda faz o melhor *linguini* do Estado, mas eu doseio, como apenas uma salada ao almoço e vou ao ginásio três vezes por semana. O meu colesterol está a cento e setenta.

— Que bom, Sr. Delrickio.

— Só temos direito a um corpo.

Drake não queria o seu único corpo talhado como um peru.

— Como passa a sua família?

— Maravilhosa. — Sempre orgulhoso, sorriu. — A Angelina deu-me mais um neto na semana passada. Agora tenho catorze netos. — A lembrança humedeceu-lhe os olhos. — Aqui está a imortalidade de um homem. E tu, Drake, tinhas de casar com uma boa menina e fazer bebés. Sempre assentavas. — Inclinou-se para a frente, como um verdadeiro pai preocupado e preparado para transmitir os seus valiosos conselhos. — Comer meia dúzia de mulheres bonitas é uma coisa. Afinal de contas, um homem é um homem. Mas não há nada melhor do que a família.

Drake conseguiu sorrir, ao pegar na caneca.

— Ainda ando à procura.

— Quando deixares de pensar com a gaita e começares a pensar com o coração, encontra-la. — Suspirou quando a refeição foi servida e depois arqueou uma sobrancelha ao fitar Drake e a concentração de gordura no seu prato. — Ora... — Quase arrepiando-se ao ver a quantidade de caramelo que Drake vertia nas suas panquecas, Delrickio picou uma bola de melão com o garfo. — Estás pronto para pagar a tua dívida?

O pedaço de fiambre ficou retido na garganta de Drake. Num esforço para o engolir, sentiu um fio fino de suor escorrer-lhe da testa.

— Como sabe, tive uns azares. E neste momento estou a passar por alguns problemas de liquidez. — Mergulhou as panquecas em mais cara-

melo enquanto Delrickio ingeria solenemente a sua fruta. — Estou preparado para lhe oferecer dez por cento, como prova de boa-fé.

— Dez por cento — ponderou Delrickio, enquanto espalhava um pouco de doce de morango na sua torrada. — E os restantes noventa mil?

*Noventa mil.* Aquelas duas palavras ribombavam como dois trovões na cabeça de Drake.

— Assim que as coisas melhorarem. Só preciso de ganhar uma vez. Delrickio limpou os lábios com o guardanapo.

— Isso foi o que disseste da última vez.

— Eu sei disso, mas desta vez...

Delrickio precisou apenas de erguer a mão para interromper o rol de desculpas de Drake.

— Gosto de ti, Drake, por isso digo-te que o jogo é uma brincadeira parva. Para mim, faz parte do negócio. Mas custa-me ver-te a arriscar a tua... saúde em estatísticas.

— Vou conseguir na Super Taça. — Drake começou a comer muito rapidamente, tentando encher à força o buraco que o medo lhe deixara no âmagô. — Só preciso de uma semana.

— E se perderes?

— Não vou perder — respondeu, com um sorriso desesperado e o suor a escorrer-lhe pelas costas.

Delrickio continuou a comer. Uma porção de melão, outra de tosta e um gole de sumo. Na mesa ao lado, uma mulher instalava uma criança na cadeira. Delrickio piscou o olho à criança e depois voltou à rotina — melão, tosta, sumo. Drake sentiu os ovos talharem-se no estômago.

— A tua tia está bem?

— A Eve? — Drake humedeceu os lábios. Ele sabia, como poucos, que a sua tia e Delrickio tinham tido um caso breve e bastante tórrido. Drake não sabia se poderia contar com isso a seu favor. — Está ótima.

— Ouvi dizer que decidiu publicar as suas memórias.

— Sim. — Ignorando os protestos do seu estômago, Drake bebeu mais café. — Isto é, trouxe uma escritora da Costa Leste para preparar a sua biografia autorizada.

— Uma jovem.

— Julia Summers. Parece competente.

— E quanto da sua vida deseja a tua tia tornar público?

Drake sentiu uma onda de alívio com a mudança de assunto. Espalhou manteiga numa torrada.

— Quem sabe? Com a Eve, tudo depende do que lhe apetecer num dado momento.

— Mas vais descobrir.

O tom de voz do homem fez com que Drake parasse, ainda com a faca no ar.

— Ela não discute esses assuntos comigo.

— Mas vais descobrir — repetiu Delrickio. — E terás a tua semana. Uma mão lava a outra. — Delrickio sorriu. — É assim entre amigos. E com a família.

Mergulhar na piscina fazia-a sentir-se jovem. A noite passada com Victor deixara-a feliz como uma rapariga jovem. Eve acordara mais tarde do que o habitual e com uma dor de cabeça lancinante. Mas a medicação e agora a água fresca e límpida tornavam a dor suportável.

Fez algumas piscinas devagar, com método, apreciando os movimentos precisos dos braços e das pernas. Parecia coisa pouca usar o seu corpo. Mas aprendera a apreciá-lo.

E a noite anterior não tinha sido nada insignificante, pensava, voltando-se para mais uma braçada. O sexo com Victor sempre fora incrível. Apaixonado ou suave, lento ou frenético. E ao longo dos anos tinham feito amor de todas as maneiras possíveis.

A noite passada fora linda. Abraçaram-se depois da paixão consumida, ficaram deitados a dormir como dois cavalos de guerra cansados, para depois acordarem novamente e ela senti-lo deslizar dentro de si, mais uma vez.

De todos os homens, de todos os amantes, não havia nenhum como Victor. Porque de todos os homens e de todos os amantes, ele fora o único que soubera prender-lhe o coração.

Em tempos, há muitos, muitos anos, chegara a desesperar com os seus sentimentos por ele, amaldiçoando, insultando e gritando ao destino por não lhes ser possível ficarem juntos. Esse tempo tinha passado. Agora, ficava grata por cada hora que tinham.

Eve saiu da piscina, arrepiando-se quando sentiu o ar fresco na pele molhada, e vestiu um roupão turco vermelho. Como se à espera da deixa, Travers aproximou-se com um tabuleiro de pequeno-almoço e um frasco de hidratante.

— A Nina telefonou-lhe? — perguntou Eve.

Travers assobiou pelo nariz, lembrando uma chaleira ao lume.

— Vem a caminho.

— Ainda bem. — Eve pegou no frasco, agitando-o enquanto fitava a empregada. — Não precisas de demonstrar assim tanto a tua discordância.

— Penso o que penso.

— E sabes o que sabes — acrescentou Eve com um sorriso. — Quem te pode censurar?

Travers apressou-se a colocar o pequeno-almoço na mesa branca brilhante.

— É melhor mandá-la embora e esquecer tudo. Está a pedir sarilhos. Ninguém lhe vai agradecer.

Com dedos experientes, Eve espalhou o creme no rosto.

— Preciso dela — explicou, simplesmente. — Não consigo fazer isto sozinha.

A boca de Travers ficou tensa.

— Sempre fez tudo o que lhe apeteceu a vida toda. Mas está errada quanto a isto.

Eve sentou-se e comeu uma amora.

— Espero que não. É tudo.

Travers voltou para dentro de casa. Ainda a sorrir, Eve colocou os óculos de sol e esperou por Julia. Não precisou de aguardar muito. Protegida pelas lentes escuras, observou e avaliou os sapatos práticos, as calças azuis e a impecável blusa às riscas que compunham o visual da jovem. Mais descontraída, embora ainda cautelosa, ponderava Eve, baseando-se na linguagem corporal e na roupa.

Quando forjariam um laço de confiança? Se é que isso era possível.

— Espero que não se importe de falarmos aqui.

Eve apontou para a cadeira almofadada a seu lado.

— Não, de forma alguma. — Quantas pessoas teriam visto aquele célebre rosto sem maquilhagem? E quantos teriam sabido apreciar a beleza daquela pele e estrutura óssea sem artifícios? — Onde quer que se sinta mais à vontade.

— O mesmo digo eu. — Eve serviu sumo e arqueou a sobrancelha quando Julia recusou a adição de champanhe. — Consegue? — perguntou. — Estar à vontade?

— Claro que sim. Mas não quando estou a trabalhar.

Pensativa, Eve bebeu a sua mimosa e, gostando do sabor, voltou a beber.

— E o que costuma fazer? Para descontrair?

Surpresa, Julia gaguejou.

— Bem, eu... eu...

— Apanhei-a — comentou Eve, com uma gargalhada suave e rápida. — Deixe-me dizer-lhe umas coisas sobre si, sim? É invejavelmente jovem e bonita. É uma mãe dedicada cujo filho é o centro da sua vida e está decidida a educá-lo como deve ser. O seu trabalho vem em segundo lugar, embora o encare com muita seriedade. Etiqueta, propriedade e boas maneiras são o seu lema, sobretudo tendo em conta a mulher rija e apaixonada por detrás de toda essa compostura. A ambição é um vício secreto que quase tem

vergonha de ter. Os homens estão no fundo das suas prioridades, algures, diria, depois de dobrar as meias do Brandon.

Julia sentiu imensa dificuldade em manter o seu rosto sério. Mas não conseguia disfarçar o fogo no seu olhar.

— Faz-me parecer muito aborrecida.

— Admirável — corrigiu Eve, voltando a dedicar-se às amoras. — Embora por vezes as duas palavras sejam sinónimas. A verdade é que gostava muito de saber mexer consigo, de tirar-lhe alguma dessa compostura.

— Porquê?

— Gostava de sentir que estou a abrir o meu coração com um ser humano. — Com um encolher de ombros, Eve partiu um canto de um croissant. — Pude ver pela sua conversa com o Paul no outro dia ao jantar que tem um belo temperamento. Admiro temperamentos.

— Nem todos podemos dar-nos ao luxo de o demonstrar. — Mas o dela era evidente no olhar. — Eu sou um ser humano, Menina Benedict.

— Eve.

— Sou um ser humano, Eve, humana a ponto de me irritar quando me tentam manipular. — Julia abriu a pasta para tirar o bloco e o gravador. — Foi a Eve que o mandou ir visitar-me ontem?

Eve sorria.

— Mandei quem?

— O Paul Winthrop.

— Não. — A surpresa e o interesse manifestaram-se de imediato no rosto dela, mas Julia sabia que a mulher era uma excelente actriz. — O Paul visitou-a?

— Sim. Parece que está preocupado com o livro e com a forma como tenciono escrevê-lo.

— Ele sempre se sentiu muito protector em relação a mim. — O apetite de Eve andava um pouco inconstante, pelo que substituiu o pequeno-almoço por um cigarro. — E imagino que se sinta intrigado consigo.

— Duvido que seja pessoal.

— Não duvide. — Eve riu-se novamente, mas estava já a magiciar algo. — Minha querida, a maior parte das mulheres cai-lhe aos pés depois de cinco minutos na sua presença. Ele é mimado. Com aquele aspecto, o encanto, aquela promessa latente de sexualidade bruta, não se pode esperar outra coisa. Eu que o diga — acrescentou, exalando fumo do cigarro, — apaixonei-me pelo pai dele.

— Fale-me disso. — Julia aproveitou a abertura e pôs o gravador a gravar. — Fale-me do Rory Winthrop.

— Ah, o Rory... rosto de anjo, alma de poeta, corpo de um deus e

pensamento de um doberman a correr atrás de uma cadela com cio. — Quando se riu novamente, não se detectava qualquer malícia, apenas boa disposição. — Sempre tive pena de não conseguirmos que a nossa relação funcionasse. Eu gostava daquele sacana. O problema do Rory era que sempre que tinha uma erecção, sentia-se obrigado a dar-lhe seguimento. Criadas francesas, cozinheiras irlandesas, protagonistas de filmes e flausinas oportunistas. Se com um olhar Rory o pusesse de pé, sentia ser seu dever de homem enfiá-lo em qualquer lado. — Sorriu, enchendo novamente o seu copo de sumo e champanhe. — Podia ter tolerado a sua infidelidade, pois não havia nada de pessoal no acto. O erro do Rory foi achar necessário mentir. E não podia estar casada com um homem que me achava estúpida o suficiente para acreditar nas petas idiotas que inventava.

— A sua infidelidade não a incomodava?

— Eu não disse isso. O divórcio é uma forma muito limpa e pouco inspirada de nos vingarmos de um homem por andar a enganar-nos. Acredito na vingança, Julia. — Saboreou a palavra como saboreava o gole de champanhe. — Se eu tivesse gostado mais do Rory e menos do Paul, bem, digamos que as coisas podiam ter terminado de forma mais explosiva.

Uma vez mais, Julia compreendeu. Também ela tinha gostado demasiado de uma criança para não prejudicar o pai.

— Embora a sua relação com Rory tenha terminado há alguns anos, ainda tem uma relação próxima com o filho dele.

— Adoro o Paul. É o mais próximo que tenho de um filho. — Deixou-se dominar pelo sentimento, mas de imediato o afastou, acendendo um cigarro, logo após ter apagado um. Como tinha sido difícil reconhecê-lo. — Não sou propriamente uma figura maternal normal — comentou, com um sorriso tímido. — Mas quis ser a mãe daquele rapaz. Tinha pouco mais de quarenta anos, precisamente o momento em que uma mulher sente que já não vai a tempo de responder ao apelo biológico. E ali estava aquele rapaz lindo e inteligente, da mesma idade que o seu Brandon. — Bebeu novamente, para ter tempo de dominar as suas emoções. — O Paul foi a minha única oportunidade de ser mãe.

— E a mãe do Paul?

— A Marion Heart? Uma atriz linda. Um pouco empertigada quando chegou a Hollywood. Afinal, ela vinha do *teatro*. Ela e o Rory atiravam a criança de Los Angeles para Nova Iorque e Los Angeles novamente. A Marion era um pouco desligada do Paul, como se fosse um animal de estimação que tinha comprado e agora era obrigada a alimentar e a passear.

— Mas isso é horrível.

Pela primeira vez, Eve detectava emoção nas palavras de Julia, que se manifestava igualmente no seu olhar.

— Há muitas mulheres assim. Não acredita em mim — acrescentou — por causa do Brandon. Mas garanto-lhe que nem todas as mulheres encaram bem a maternidade. E não houve maus tratos. Nem o Rory nem a Marion fariam mal ao rapaz. Nem sequer houve negligência. Apenas uma espécie de desinteresse benigno.

— Mas deve ter-lhe custado — murmurou Julia.

— Nem sempre sentimos falta do que nunca tivemos. — Reparou que Julia parara de tirar notas para ouvir, ouvir simplesmente. — Quando eu conheci o Paul, era uma criança inteligente e autónoma. Não ia conseguir fazer o papel de mãe-galinha nem que quisesse muito. Mas podia prestar atenção e aproveitar. A verdade é que às vezes penso que me casei com o Rory porque estava apaixonada pelo filho dele.

Eve recostou-se, saboreando a memória.

— É claro que já conhecia o Rory há algum tempo. Frequentávamos os mesmos locais. Houve uma atracção, uma chama, mas o momento era sempre errado. Quando eu estava disponível, ele estava comprometido e vice-versa. E depois fizemos um filme juntos.

— *Fancy Face*.

— Sim, uma comédia romântica. E muito boa. Foi uma das minhas melhores experiências. Um argumento inteligente e engraçado, um realizador criativo, um guarda-roupa elegante e um actor que sabia fazer saltar aquelas faúlhas sexuais. Às duas semanas das filmagens já as fazíamos saltar longe dos ecrãs.

Algo bêbeda, algo incauta, Eve entrou na casa de praia de Rory, em Malibu. As filmagens tinham durado até tarde e depois tinham-se escondido num restaurante obscuro, a beber cerveja e a comer comida gordurosa. Rory tinha inserido várias moedas na *jukebox*, de modo que as suas gargalhadas e a provocação sexual tinham sido sempre acompanhadas pelas canções dos Beach Boys.

O *flower power* começava a agitar as ruas da Califórnia. A maior parte dos clientes eram adolescentes e alunos da faculdade com cabelo comprido e camisolas de cores tingidas.

Uma rapariga, completamente consumida por erva, colocara um colar de contas ao pescoço de Rory quando ele deixou dois dólares na *jukebox*.

Ambos eram celebridades, mas tinham conseguido passar despercebidos. Os restantes jovens não gastavam dinheiro a ver filmes com Eve Benedict e Rory Winthrop. Gastavam-no em concertos, drogas e incenso. Woodstock seria daí a três anos e só ficava do outro lado do continente.

Eve e Rory não estavam assim tão interessados no Vietname ou na música de citara.

Tinham deixado o restaurante para passear por Malibu com a capota do Mercedes de Rory descida, animados pela cerveja e expectativa. Eve tinha planeado a noite com cuidado. Não haveria filmagens no dia seguinte, por isso, não teria de se preocupar com olheiras. Podia estar com vontade de uma noite de sexo, mas era, acima de tudo, uma estrela de cinema.

Decidira assumir Rory como seu amante em perfeita consciência. A sua vida tinha espaços em branco que sabia nunca mais poder preencher. Mas podia tentar tapá-los, pelo menos, por algum tempo.

Com o seu cabelo agitado violentamente pelo vento e os sapatos esquecidos no carro, Eve deu uma vista de olhos rápida à sala de estar. Tectos altos revestidos a madeira envernizada, paredes de vidro e o som das ondas. Ali, pensava, baixando-se para o tapete diante da enorme lareira de pedra. Ali e naquele momento.

Sorriu-lhe. À luz das velas que ele tinha acendido rapidamente, tinha um aspecto fantástico. A pele bronzeada, o cabelo da cor do mogno, os olhos da cor de safiras. Já lhe saboreara a boca, enquanto os técnicos pairavam em torno deles. Ela queria-o, sem argumento ou realizador.

Queria sexo selvagem e perigoso, para esquecer por algumas horas aquilo com que teria de viver pelo resto da sua vida.

Ele ajoelhou-se a seu lado.

— Sabes há quanto tempo te desejo?

Eve sabia que não havia nada de mais poderoso do que uma mulher disposta a ceder a um homem.

— Não.

Ele acariciou-lhe o cabelo.

— Há quanto tempo nos conhecemos?

— Há cinco, seis anos.

— Então, é isso. — Baixou a cabeça para lhe morder o lábio. — O problema é que tenho passado demasiado tempo em Londres, quando podia estar aqui, a fazer amor contigo.

Era parte do seu encanto a capacidade de fazer uma mulher acreditar que pensava apenas nela. Aliás, para a mulher com que estivesse no momento, a fantasia era bem real.

Eve deslizou as mãos pelo rosto dele, fascinada com os traços, covinhas e recantos que desenhavam uma beleza masculina tão cativante. Fisicamente, Rory Winthrop era perfeito. E, pelo menos por aquela noite, era dela.

— Então, possui-me agora.

Fez acompanhar o convite por uma gargalhada grave enquanto lhe despiu a camisa. À luz das velas, os seus olhos brilhavam de fome e promessa.

Ele pressentiu que ela não queria uma dança mas uma corrida. Em-

bora preferisse um pouco mais de romance e antecipação para a primeira vez, Rory estava sempre mais do que disposto a ceder a uma mulher. E isso também era parte do seu encanto... e parte da sua fraqueza.

Tirou-lhe a roupa, encantado e estupefacto pela forma com as unhas dela lhe cravavam trilhos nas costas. O corpo de uma mulher excitava-o sempre, fosse magro ou farto, jovem ou maduro. Saboreou a pele de Eve, afundando-se nas suas curvas voluptuosas, seduzido pelos aromas, as texturas, gemendo quando ela lhe empurrou as calças e o sentiu, duro e preparado.

Não foi suficientemente rápido. Ela ainda conseguia pensar. Ainda conseguia ouvir o morrer das ondas na areia, o bater do seu coração, a sua respiração ofegante. Queria o vazio do sexo onde não havia nada, nada senão a sensação. Desesperada, subiu para cima dele, movendo o corpo tão ágil e perigosamente como um chicote. Ele tinha de a fazer esquecer. Não queria lembrar-se da sensação de outras mãos no corpo dela, dos sabores de outra pessoa, do cheiro da pele de outro homem.

A fuga seria a sua sobrevivência e tinha prometido a si mesma que Rory Winthrop seria essa escapatória.

A luz das velas dançava-lhe na pele enquanto ela se arqueava sobre ele. O cabelo dela escorria para trás, com uma cascata de ébano. Quando o tomou dentro de si, libertou um gemido que era mais uma oração. Montou-o violentamente até que, finalmente, alcançou a libertação no esquecimento.

Exausta, deixou-se cair sobre ele. O coração de Rory batia desalmadamente contra o seu e ela sorria, de gratidão. Se ela se conseguisse entregar a ele, descobrir prazer e paixão com aquele homem, então, ficaria novamente curada e completa.

— Ainda estamos vivos? — murmurou Rory.

— Acho que sim.

— Ainda bem. — Conseguiu convocar a energia necessária para lhe acariciar as costas e, lentamente, palpar-lhe o rabo. — Mas que bela montaria, Evie.

Ela sorriu. Nunca lhe tinham chamado Evie, mas decidiu que gostava da forma como ele o dizia, na sua voz treinada para o teatro. Erguendo a cabeça, olhou para ele. Tinha os olhos fechados e um sorriso tolo de pura satisfação. Fê-la rir-se e então beijou-o, sentindo-se novamente grata.

— Queres tentar a segunda volta?

Os olhos dele abriram-se novamente. Eve conseguia ler-lhes o desejo e o afecto. Até àquele momento, não tinha percebido quanto precisara de ambos. *Gosta de mim, apenas de mim, pensava, e eu darei o meu melhor para gostar de ti.*

— Fazemos assim. Tenho uma cama enorme lá em cima e uma banheira grande ao lado. Porque não lhes damos uso?

E assim fizeram, salpicando a água quente, arrancando os lençóis de cetim. Como crianças gananciosas, alimentaram-se um do outro até os corpos de ambos implorarem por descanso.

No dia seguinte, quando Eve acordou depois do meio-dia, era um outro tipo de fome que a atormentava. A seu lado, Rory dormia, esparramado na cama enorme, de barriga para baixo, como um moribundo. Ainda flutuando de satisfação, deu-lhe um beijo rápido no ombro e seguiu para o chuveiro.

Havia uma vasta selecção de roupões femininos no seu armário — fossem eles comprados por conveniência ou esquecidos pelas suas amantes. Eve escolheu um em seda azul, porque lhe apeteceu, e começou a descer as escadas com ideias de preparar um pequeno-almoço leve para ambos tomarem na cama.

Eve seguiu o murmúrio de uma televisão. A empregada, pensou. Melhor ainda. Agora, podia simplesmente pedir o pequeno-almoço em vez de o cozinhar. A cantarolar, pegou no pacote de cigarros que guardara no bolso do roupão.

Não estava minimamente à espera de encontrar um menino no balcão da cozinha. Onde estava, à entrada da divisão, vislumbrou uma cópia do pai. O mesmo cabelo escuro e farto, a boca suave, os olhos azuis intensos. Enquanto o rapaz espalhava com um cuidado religioso a manteiga de amendoim numa fatia de pão, a televisão alternava de anúncios para desenhos animados. O Bugs Bunny saltava da sua toca, desbastando avidamente a sua cenoura.

Antes que Eve conseguisse decidir entrar ou sair em silêncio, a cabeça do rapaz ergueu-se, como uma cria de lobo que fareja algo no ar. Quando os seus olhares se cruzaram, ele parou de untar o pão e estudou-a.

Eve tinha já sido avaliada por muitos homens ao longo da sua vida, mas aquele rapaz deixou-a sem palavras com o seu escrutínio implacável e desconcertante. Mais tarde, Eve rir-se-ia da situação, mas naquele momento sentiu que ele tinha descoberto a verdadeira mulher dentro de si, a Betty Berenski, a rapariga sedenta e sonhadora que se transformara em Eve Benedict.

— Olá — cumprimentou ele num eco infantil da voz trabalhada do pai. — Eu sou o Paul.

— Olá. — Sentiu uma urgência ridícula de ajeitar o roupão e o cabelo. — Eu sou a Eve.

— Eu sei. Já vi a sua fotografia.

Eve sentiu-se envergonhada. Ele fitava-a como se fosse tão engra-

çada como o Bugs Bunny a enganar o Elmer Fudd. Sabia que ele tinha conhecimento do que se passara no quarto do pai. O sorriso dele era quase cínico.

— Dormiu bem?

*Ai, o sacaninha*, pensou Eve, à medida que a atrapalhação se convertia em divertimento.

— Muito bem, obrigada. — E então entrou na divisão, com porte de rainha. — Lamento, mas não sabia que o filho do Rory vivia com ele.

— Às vezes. — Pegou num frasco de geleia e recomeçou a untar o pão. — Não gostei da última escola, por isso, os meus pais transferiram-me para a Califórnia por um ano ou dois. — Uniu as duas fatias, alinhando as extremidades. — Estava a levar a minha mãe à loucura.

— Estavas?

— Oh, sim. — Voltou-se para o frigorífico e escolheu uma garrafa grande de Pepsi. — Sou bastante bom nisso. No Verão já terei conseguido dar cabo da cabeça ao meu pai e por isso voltarei para Londres. Gosto muito de andar de avião.

— Gostas? — Fascinada, Eve observou-o a instalar-se à mesa de tampo de vidro. — Também posso preparar uma sanduíche para mim?

— Claro. Está a fazer um filme com o meu pai.

O comentário era assertivo, como se contasse que o seu pai levasse todas as suas actrizes a tomar o pequeno-almoço numa tarde de sábado, na sua cozinha, vestidas apenas com um roupão.

— É verdade. Gostas de filmes?

— De alguns. Vi alguns seus na televisão. Na TV — corrigiu, querendo impressionar. — Fazia de cantora num *saloon* e os homens matavam-se para chegar a si. — Deu uma trinca na sanduíche. — Tem uma voz muito agradável.

— Obrigada. — Olhou para ele, para confirmar que estava a ter aquela conversa com uma criança. — Queres ser actor?

O olhar dele iluminou-se num sorriso enquanto continuava a comer.

— Não. Se alguma vez entrasse no cinema, seria como realizador. Acho que ia gostar muito de dizer às pessoas o que fazer.

Eve *decidiu* não tomar café e tirou outro refrigerante do frigorífico, sentando-se ao lado da criança. Já tinha posto de lado a ideia de levar um lanche a Rory e passar a tarde a brincar com ele.

— Que idade tens?

— Dez. Quantos anos tem?

— Sou mais velha. — Experimentou a sua sanduíche de manteiga de amendoim com geleia e foi recompensada com um repente de memória sensorial. Ainda não há muito tempo tinha conhecido Charlie Gray e so-

brevivido à custa de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia e sopa enlatada. — De que gostas mais na Califórnia?

— Do sol. Chove muito em Londres.

— Parece que sim.

— Viveu sempre aqui?

— Não, mas por vezes parece que sim. — Deu um longo gole na sua Pepsi. — Então, diz-me, Paul, porque não gostaste da tua outra escola?

— Por causa dos uniformes — respondeu de imediato. — Detesto uniformes. É como se nos quissem vestir de forma igual para pensarmos de forma igual.

Porque sentiu que se ia engasgar, Eve pousou a garrafa.

— Tens a certeza de que tens dez anos?

Com um encolher de ombros, Paul comeu o que faltava da sanduíche.

— Tenho quase dez. E sou precoce — respondeu ele, com tamanha sobriedade, que ela teve de engolir a gargalhada. — E faço muitas perguntas.

Debaixo do leve tom de arrogância, vivia um rapazinho muito sozinho. Um peixe fora de água, concluía Eve, controlando a vontade de lhe acariciar o cabelo. Conhecia muito bem aquele sentimento. — As pessoas costumam dizer que fazemos muitas perguntas quando não sabem o que lhes responder.

Ele observou-a com um novo olhar, directo e adulto. E depois sorriu, transformando-se num rapaz com quase dez anos e sem um dente.

— Eu sei. E ficam doidos quando, ainda assim, não paro de perguntar.

Desta vez, Eve não resistiu a acariciar-lhe o cabelo. E não conseguia parar de sorrir.

— Tu vais longe, rapaz. Mas, por agora, apetece-te dar um passeio na praia?

Ele fitou-a durante trinta longos segundos. Eve apostaria todo o seu dinheiro em como nenhuma das amantes de Rory perdera tempo com ele. E apostaria também que Paul Winthrop precisava desesperadamente de um amigo.

— Está bem. — Passou o dedo pela garrafa de Pepsi, desenhando na condensação. — Se quiser. — Não podia parecer demasiado ansioso.

— Ótimo. — Ela sentia-se precisamente da mesma forma e levantou-se casualmente. — Deixa-me só arranjar alguma roupa.

— Passeámos durante algumas horas — acrescentou Eve. Agora sorria e o cigarro tinha-se consumido até ao filtro, sem ser fumado, esquecido no cinzeiro. — Até fizemos castelos de areia. Foi uma das tardes mais... ínti-

mas da minha vida. Quando voltámos, o Rory estava acordado e eu estava completamente apaixonada pelo filho dele.

— E o Paul? — perguntou Julia, em voz baixa. Tinha conseguido imaginá-lo completamente, um rapazinho solitário a preparar uma sanduíche numa tarde de sábado.

— Oh, ele teve mais cuidado do que eu. Percebi mais tarde que ele suspeitava que eu o estava a usar para chegar ao pai dele. — Com um movimento inquieto, Eve endireitou-se na cadeira e pegou num cigarro novo. — Quem o podia censurar? O Rory era um homem muito desejável e poderoso na indústria cinematográfica e rico, tanto por seu mérito como pela família.

— A Eve e o Rory Winthrop casaram antes mesmo que o filme em que trabalhavam fosse lançado.

— Um mês depois daquele sábado em Malibu. — Por alguns momentos, Eve fumou em silêncio, observando o laranjal. — Reconheço que corri atrás dele. O homem não teve grandes hipóteses. O romance era a sua fraqueza. E eu explorei-a. Queria aquele casamento e aquela família pronta-a-usar. Tinha os meus motivos.

— Que eram...

Concentrando-se novamente em Julia, Eve sorriu.

— Por agora, digamos que Paul era grande parte desses motivos. É verdade e não tenciono mentir. Naquele momento da minha vida, ainda acreditava no casamento. O Rory sabia fazer-me rir. Ele era... é... inteligente, meigo e suficientemente louco para ser interessante. Precisava de acreditar que podia funcionar. Não funcionou, mas dos meus quatro casamentos, foi o único de que não me arrependo.

— E houve mais motivos?

— Não lhe escapa nada — murmurou Eve. — Sim. — Sacudiu o cigarro com golpes rápidos. — Mas essa é outra história para se contar noutro dia.

— Muito bem. Então, fale-me dos seus motivos para contratar a Nina.

Era raro Eve deixar-se surpreender. Resolveu permitir-se um momento, pestanejou e sorriu secamente.

— Desculpe?

— Conversei com a Nina na noite passada. Ela contou-me que a encontrou num hospital depois da sua tentativa de suicídio e lhe ofereceu, não apenas um emprego, mas vontade de viver.

Eve pegou no copo e estudou os restos de sumo e champanhe.

— Estou a ver. A Nina não me contou que tinham conversado.

— Falámos quando ela me levou as fotografias.

— Sim. Hoje ainda não a vi. — Mudando de ideias, Eve pousou o copo sem beber. — Os meus motivos para ter contratado a Nina têm dois

ângulos e são complexos, por isso, não me apetece pensar neles agora. Mas digo-lhe que detesto desperdícios.

— Ocorreu-me — insistiu Julia, mais interessada em observar o rosto de Eve do que em escutar a sua resposta — que talvez fosse uma oportunidade de saldar uma dívida antiga. O Charlie Gray tinha cometido suicídio e a Eve não pôde fazer nada para o impedir. E desta vez, com a Nina, podia. E assim fez.

A tristeza que se insinuara nos olhos de Eve perdurou. Julia observou o verde dos seus olhos a escurecer e a tornar-se mais denso.

— É muito perspicaz, Julia. Parte do que fiz foi para recompensar a memória do Charlie. Mas desde então conquistei uma funcionária eficiente e uma amiga dedicada, por isso, podemos dizer que não me custou nada.

E foram os seus olhos e não a resposta que levaram Julia a estender o braço e pousar a mão na de Eve, antes mesmo que ela se apercebesse de que o tinha feito.

— Independentemente do que tenha conseguido com esse gesto, a compaixão e a generosidade têm mais valor. Toda a vida a admirei como actriz. Nos últimos dias, tenho vindo a admirá-la mais como mulher.

Eve observava as mãos unidas e no seu rosto desenhava-se uma confusão de emoções. Lutou uma guerra árdua e rápida para as controlar antes de falar.

— Vai ter muito tempo para formar outras opiniões sobre mim enquanto pessoa, enquanto mulher, antes de isto terminar. Nem todas serão admiração. Entretanto, tenho uns assuntos para tratar. — Levantou-se e acenou para o gravador. Hesitante, Julia desligou-o. — Hoje à noite haverá um baile de caridade. Tenho um bilhete para si.

— Esta noite? — Julia cobriu os olhos para se proteger do Sol quando olhou para cima. — Acho que não vou poder ir.

— Se vai escrever este livro, não pode fazer tudo a partir de casa. Sou uma figura pública, Julia — recordou-a Eve. — Quero-a comigo em público. Esteja pronta às sete e meia. A CeeCee fica com o Brandon.

Julia levantou-se também. Preferia lidar com os imprevistos de pé.

— É claro que vou. Mas aviso-a de que não me misturo muito bem. — Carregando as palavras de ironia, continuou: — Nunca abandonei aquele hábito de levar as pessoas à loucura, fazendo demasiadas perguntas.

Eve riu-se e, satisfeita, caminhou em direcção à casa. Estava certa de que ia ser uma noite interessante.

## 6.

Se havia coisa que Julia detestava ainda mais do que receber ordens era ter de lhes obedecer. A questão não era não ser capaz de apreciar uma sa-

ída à noite, sobretudo num evento elegante. Se a fizesse sentir demasiado hedonista, podia justificá-lo como pesquisa. Mas não lhe agradava o facto de lhe terem dito na manhã do evento que teria de participar. Não fora convidada nem aliciada. Mas obrigada. E tinha-se permitido a humanidade de perder um bom pedaço de tempo dessa tarde arreliada com o assunto. Um período de tempo que ela acreditava ter de passar a trabalhar. Precisamente no momento em que a sua irritação com Eve atingiu o auge, Nina entrou porta adentro com um trio de vestidos. Vestidos que, segundo ela, Eve tinha seleccionado pessoalmente do seu guarda-roupa, para o caso de Julia não ter incluído nas suas malas algo minimamente adequado a uma festa formal.

Era, de facto, uma atitude ditatorial, mas simpática. Tinha-se sentido tentada, muito tentada, a escolher um dos vestidos cintilantes. A dada altura, Julia distribuiu-os na cama, agora coberta por milhares de dólares em seda e cristais. Cedera à fraqueza de experimentar um deles, um modelo de seda coral elegante e sem alças. Ficava apenas ligeiramente acima do seu número no peito e nas ancas, pelo que imaginava que a Eve assentasse como uma luva.

Naquele momento, enquanto se observava ao espelho com o vestido da estrela, a sua pele parecia estranhamente mais suave e sedosa em contacto com o material. Julia sentia-se encantada com o toque do tecido.

Se a vida dela não tivesse levado aquela reviravolta, viveria agora em Beverly Hills? Teria um armário cheio de roupas elegantes? O seu rosto e nome deixariam milhões de fãs sem fôlego à medida que a sua imagem desfilava por um ecrã de cinema?

Talvez sim ou talvez não, ponderava Julia, permitindo-se algumas voltinhas diante do espelho. Mas a sua vida assumira um caminho inteiramente diferente e dera-lhe algo bem mais importante e mais duradouro do que a fama.

No final, o seu pragmatismo saiu vencedor. Decidiu que seria melhor recusar os vestidos do que passar uma noite fingindo ser alguém que não era.

Vestiu o único vestido de noite que trouxera com ela, uma coluna simples em azul-marinho, com um pequeno bolero cravejado de lantejoulas. Nos dois anos desde que o comprara em saldo no Saks, usara-o apenas uma vez. Enquanto colocava uns brincos de cristal em forma de gota, escutou os risinhos do filho. Ele e CeeCee, amigos automáticos, estavam profundamente envolvidos num jogo de cartas.

Julia estudou novamente o conteúdo da sua bolsa, calçou uns bonitos mas tremendamente desconfortáveis sapatos de noite e começou a descer as escadas.

— Olá, mamã. — Brandon observou a mãe a descer as escadas. Es-

tava tão bonita, tão diferente. Sentia-se sempre orgulhoso e um pouco esquisito na barriga quando percebia como ela era bonita. — Estás mesmo gira.

— Está linda — corrigiu CeeCee. Mudou a sua posição deitada de barriga para baixo, onde ela e Brandon estavam a brincar, e colocou-se de joelhos. — Não é um vestido da Menina B.

— Não. — Atrapalhada, Julia alisou o vestido. — Não me senti bem. Espero que sirva.

— Claro que sim — disse-lhe CeeCee com um aceno de cabeça. — Uma elegância clássica. E com o seu cabelo penteado assim, tem *sex appeal*. Que mais se pode desejar?

*Invisibilidade*, pensou Julia de imediato, mas apenas sorriu.

— Não devo vir tarde. Espero conseguir sair logo depois do jantar.

— Porquê? É um acontecimento muito importante. — CeeCee sentava-se agora. — *Toda a gente* vai estar lá. E é tudo por uma boa causa. Sabe, o Fundo dos Actores. Esteja à vontade. Eu durmo no quarto de visitas, se me sentir mais cansada.

— Podemos fazer pipocas? — perguntou Brandon.

— Claro. Mas não te esqueças... — Julia foi interrompida por um bater na porta e, quando olhou, viu Paul à entrada.

— De pôr muita manteiga — terminou ele, piscando o olho a Brandon ao entrar.

CeeCee arranhou imediatamente o cabelo.

— Olá, Sr. Win...

— Olá, CeeCee, tudo bem?

— Bem, obrigada.

O seu coração de vinte anos estava completamente descontrolado. Paul vestia um *smoking* com a graça casual que se traduzia instantaneamente em sexo. CeeCee duvidava que houvesse mulher no mundo que não sonhasse em lhe desfazer aquele laço tão apertado.

— A Eve disse que seria pontual — comentou Paul. Julia parecia atrapalhada. Decidira já que era precisamente assim que gostava dela.

— Não tinha percebido que ia. Pensava que eu ia no carro da Eve.

— Ela seguiu com o Drake. Tinham assuntos pendentes. — Sorriu-lhe lentamente. — Somos só nós dois, Jules.

— Estou a ver. — Aquele comentário deixara-a completamente tensa. — Brandon, na cama às nove. — Agachou-se para o beijar no rosto. — Lembra-te que quem manda aqui é a CeeCee.

Ele sorriu, imaginando que isso implicaria que conseguisse convencer a CeeCee a deixá-lo ir para a cama às nove e meia.

— Podes demorar o tempo que quiseres. Não nos importamos.

— Muito obrigada. — Endireitou-se. — Não o deixes abusar da confiança, CeeCee. Ele é espertinho.

— Já o topei há muito. Divirta-se.

CeeCee exalou um pequeno suspiro quando os viu sair.

Nada corria como planeado, pensava Julia, atravessando o parque de gravilha estreito onde o Studebaker de Paul estava estacionado. De manhã decidira passar uma noite tranquila a trabalhar. Então, fora obrigada a adaptar o dia ao facto de ter de sair, embora apenas quisesse duas horas a fazer pesquisa *in loco*, num canto discreto do espaço do evento. Agora, tinha um acompanhante que provavelmente se sentia na obrigação de a fazer passar um bom bocado.

— Lamento que a Eve o tenha obrigado a isto — começou Julia a explicar quando ele lhe abriu a porta.

— Em que sentido?

— Talvez tivesse outros planos para esta noite.

Paul apoiou-se na porta aberta, apreciando a forma como ela deslizava para dentro da viatura, revelando o joelho fino pela abertura do vestido, as pernas tonificadas que se elevavam ligeiramente e uma mão por beijar que segurava a bainha do vestido. Muito suave.

— Na verdade, tinha planeado beber demasiado café, fumar demasiados cigarros e ir à luta com o capítulo dezoito. Mas...

Ela olhou para cima, num olhar muito sério à luz crepuscular.

— Detesto que me interrompam o trabalho. Deve sentir o mesmo.

— Sim, detesto. — Embora, estranhamente, não se sentisse assim naquela noite. — Por outro lado, nestas alturas tenho de pensar que não é cirurgia ao cérebro. O meu paciente pode aguardar tranquilamente até ao dia seguinte. — Depois de fechar a porta, deu a volta ao carro e sentou-se no lugar do condutor. — E a Eve não está a pedir muito.

Julia exalou um pequeno suspiro quando o motor começou a trabalhar. Tal como o vestido de Eve, aquele carro fazia-a sentir-se outra pessoa. Desta vez, uma debutante mimada, com um casaco de arminho, a descer os degraus de mármore branco para correr para os braços do seu rapaz preferido e dar uma volta em alta velocidade. *Era o que faltava*, pensou Julia, mas depois disse:

— Agradeço-lhe muito. Mas não era mesmo necessário. Não preciso de acompanhante.

— Não, estou certo que não. — Paul dirigiu o carro pela estrada que se afastava da casa principal. — Parece-me o tipo de mulher que prefere andar sempre competentemente sozinha. Já lhe disseram como isso intimida as pessoas?

— Não. — Obrigou-se a descontraír. — As pessoas acham a sua competência intimidante?

— Provavelmente. — Tranquilamente, Paul ligou o rádio, mais pelo ambiente do que pela música. Ela tinha aquela mesma fragrância a romance à moda antiga. O ar que entrava pelas janelas oferecia-lho como uma dádiva. — Se bem que gosto sempre de surpreender as pessoas. — Moveu a cabeça apenas para a observar rapidamente. — E a Julia?

— Nunca pensei nisso. — Imaginando-se capaz de deter tamanho poder, sorriu. Passava cerca de seis meses de cada ano dedicada a Brandon e afastada das outras pessoas. — Este evento de hoje — continuou. — Costuma frequentar muitos?

— Alguns por ano... normalmente, por insistência da Eve.

— Mas não porque os aprecia?

— Oh, divirto-me bastante.

— Mas vai porque iria sempre que ela lho pedisse?

Paul fez uma pausa, esperando que os portões da propriedade se abrissem.

— Sim, por ela, ia.

Julia mudou ligeiramente de posição para estudar o perfil do acompanhante, discernindo a semelhança com o pai, visualizando o rapazinho que Eve descrevera. Descobrimdo alguém completamente diferente.

— Esta manhã, a Eve falou-me da primeira vez que se encontraram.

Ele sorriu, conduzindo pela rua silenciosa e coberta de palmeiras.

— Na casa de praia em Malibu, ao pequeno-almoço e de pijama.

— Importa-se de partilhar a sua primeira impressão dela?

O sorriso dele desvaneceu enquanto tirava um cigarro do bolso.

— Ainda em horário de expediente?

— Sempre. Devia compreender isso.

Ele acendeu o isqueiro e depois encolheu os ombros. Compreendia, de facto.

— Muito bem, então. Sabia que uma mulher tinha passado lá a noite. Tinha encontrado algumas peças de roupa reveladoras espalhadas pelo chão da sala de estar. — Surpreendendo a expressão no rosto de Julia, arqueou a sobrancelha. — Chocada, Julia?

— Não.

— Mas não aprova.

— Limite-me a imaginar o Brandon nas mesmas circunstâncias. Não queria que ele pensasse que eu...

— Tinha sexo?

O divertimento dele fê-la sentir-se tensa.

— Que era promíscua ou descuidada.  
— O meu pai era – é – ambas as coisas. Quando tinha a idade do Brandon, já estava habituado. Não me deixou marcas.  
Julia não estava tão certa disso.  
— E quando conheceu a Eve?  
— Estava preparado para a ignorar logo à partida. Era bastante cíni-  
co para a minha idade. — Confortável, exalou uma baforada de fumo. —  
Reconheci-a quando entrou na cozinha, mas fiquei surpreendido. A maior  
parte das mulheres que o meu pai levava para a cama, enfim, tinham muito  
mau aspecto na manhã seguinte. A Eve era linda. É claro que isso é apenas  
físico, mas impressionou-me. E tinha uma tristeza no olhar... — Parou e  
sorriu. — Não vai gostar disso. O mais importante para mim naquela fase  
da minha vida foi ela não ter sentido necessidade de me bajular como a  
maior parte delas fazia.  
Compreendendo perfeitamente, Julia riu-se.  
— O Brandon odeia que as pessoas lhe dêem palmadinhas na cabeça  
e lhe digam como é fofinho.  
— É irritante.  
O comentário de Paul fora proferido com tamanho sentimento que  
ela se riu novamente.  
— E dizia que não tinha deixado marcas.  
— Sempre achei que era uma espécie de maldição... até chegar à  
adolescência. Em todo o caso, a Eve e eu conversámos. Ela estava interessa-  
da. Ninguém consegue detectar más intenções mais depressa do que uma  
criança e não havia nada de falso na Eve. Passeámos pela praia e consegui  
conversar com ela de uma forma que nunca tinha conseguido com nin-  
guém. Do que gostava, do que não gostava. Do que queria e não queria. Foi  
muito generosa comigo naquele primeiro dia, e depois, e eu alimentei uma  
paixoneta monumental por ela.  
— Você...  
— Calma. Estamos quase a chegar e tem feito as perguntas todas.  
— Fumou preguiçosamente e apagou o cigarro. — Porquê biografias sobre  
celebridades?  
Com um esforço, Julia mudou de disposição.  
— Porque não tenho imaginação para ficção.  
Paul parou num semáforo, tamborilando no volante ao ritmo da música.  
— Essa resposta foi demasiado rápida para ser verdade. Tente novamente.  
— Muito bem. Admiro as pessoas que não só toleram a ribalta como  
a acolhem. Uma vez que sempre me dei melhor nos bastidores, gosto de  
conhecer bem as pessoas que vingam no palco.  
— Ainda demasiado ensaiada, Julia, e apenas parcialmente verda-

de. — Deixou o carro arrancar suavemente quando o semáforo ficou verde. — Se isso fosse mesmo verdade, como explicaria o facto de em tempos ter ponderado seguir carreira como actriz?

— Como sabe disso?

O tom da sua voz tinha sido mais acutilante do que desejara e isso agradara a Paul. Era mais do que altura de lhe penetrar naquela camada exterior.

— Fiz questão de descobrir isso e muito mais. — Lançou-lhe um olhar. — Eu faço a minha própria pesquisa.

— Quer dizer que andou a investigar-me? — Cerrou as mãos em punhos no colo, num esforço por controlar a fúria. — O meu passado não lhe diz respeito. O meu compromisso é com a Eve e apenas com ela, e não gosto nada da ideia de ter andado a meter o nariz na minha vida privada.

— Não quero saber se gosta ou não. Mas também pode agradecer-me. Se tivesse descoberto alguma coisa de que não gostasse, já a tinha posto com dono.

Foi a gota de água. Julia voltou-se.

— Seu sacana arrogante.

— Sim. — Depois de estacionar diante do Beverly Wilshire, voltou-se para a enfrentar. — Lembre-se que, no regresso a casa, quem faz as perguntas sou eu. — Pousou-lhe a mão no braço antes que ela escancarasse a porta do carro. — Se sair daqui furiosa e bater com a porta, as pessoas vão reparar. — Observou-a a compor-se, lutando para se controlar e conseguindo. — Eu sabia que era capaz. Meu Deus, é boa.

Ela respirou fundo e quando se sentiu novamente controlada, voltou-se e disse-lhe calmamente:

— Vá-se foder, Winthrop.

Ele arqueou a sobrancelha de espanto, mas riu-se rapidamente.

— Quando quiser. — Saiu do carro e entregou as chaves ao empregado. Julia estava já no passeio. Paul tomou-lhe o braço tenso e conduziu-a para dentro. — A Eve quer que se misture — instruiu em voz baixa, enquanto atravessavam uma imensidão de repórteres com máquinas fotográficas. — Muita gente quererá vê-la esta noite e talvez tentar saber que tipo de coisas a Eve lhe anda a contar.

— Sei fazer o meu trabalho — retorquiu Julia entre dentes.

— Oh, Jules, estou certo de que sim. — O arrastar de voz sibilante fazia-lhe ferver o sangue. — Mas aqui encontrará pessoas que adoram mastigar gente decente e depois cuspir.

— Já o tentaram.

Julia queria libertar-se dele, mas sabia que pareceria mal, sobretudo quando dois repórteres se concentraram no casal.

— Eu sei — murmurou Paul e, deliberadamente, puxou-a pelo outro

braço para a obrigar a enfrentá-lo. — Não vou pedir desculpa por me ter metido na sua vida, Julia, mas queria que soubesse que o que descobri foi admirável e muitíssimo fascinante.

O contacto fora demasiado íntimo, quase um abraço, mas ela queria que ele a libertasse.

— Não quero a sua admiração nem o seu fascínio.

— Ainda assim, tem ambos.

Depois, ele voltou-se para sorrir para a câmara.

— Sr. Winthrop, é verdade que o Mel Gibson foi escolhido para interpretar o papel principal na versão cinematográfica do seu *Chain Lightning*?

— Será melhor perguntar aos produtores... ou ao Sr. Gibson.

Paul instou Julia a avançar, à medida que os repórteres começavam a concentrar-se em torno deles.

— E o seu noivado com a Sally Bowers terminou?

— Não lhe parece uma pergunta indelicada quando tenho a meu lado uma bela mulher? — À medida que os repórteres apertavam o cerco, o sorriso de Paul mantinha-se afável, embora sentisse que Julia tremia. — Esse noivado foi produto da comunicação social. A Sally e eu nem sequer somos bons amigos. Somos apenas conhecidos.

— Podemos saber como se chama?

Alguém espetara um microfone na cara de Julia. Sentiu-se nervos, mas tentou descontraí-lo.

— Summers — respondeu calmamente. — Julia Summers.

— A escritora que está a preparar a biografia de Eve Benedict?

Antes que ela conseguisse responder, várias outras perguntas lhe caíram em catadupa.

— Comprem o livro — sugeriu, aliviada por estar a ser encaminhada para o salão.

Paul inclinou-se para lhe perguntar ao ouvido:

— Está bem?

— Claro.

— Está a tremer.

Recriminou-se por isso e afastou-se do braço protector de Paul.

— Não gosto de multidões.

— Então, ainda bem que não chegou com a Eve. Seria atropelada por dezenas deles.

Depois de chamar um empregado que passava, pegou em duas taças de champanhe que transportava no tabuleiro.

— Vamos procurar a nossa mesa?

— Minha cara Jules, ninguém se vai sentar ainda. — Tocou a taça na dela antes de beber. — Assim ninguém nos vê.

Ignorando o encolher de ombros dela, colocou o braço à sua cintura.

— Tem de ter sempre as mãos em mim? — perguntou ela, em voz baixa.

— Não. — Mas Paul não retirou o braço. — Agora, diga-me: quem gostaria de conhecer?

Como a fúria parecia não estar a funcionar, Julia tentou a frieza.

— Não precisa de me entreter. Safo-me muito bem sozinha.

— A Eve dava-me cabo da cabeça se a deixasse sozinha. — Conduziu-a pela animação e conversa dos convidados. — Sobretudo quando decidiu alimentar um romance.

Julia quase se engasgou com a espuma do champanhe.

— Desculpe?

— Deve ter percebido que ela meteu na cabeça que se nos unir algumas vezes, acabaremos por nos colar um ao outro.

Julia ergueu o olhar, inclinando a cabeça.

— Que pena termos de a desiludir.

— Sim, seria uma pena.

Era evidente que as intenções dele chocavam com as de Julia. Ela vira o desafio no olhar dele, sentira o ambiente subitamente tenso. E não sabia como reagir. Ele continuava a sorrir, descendo o olhar até à boca dela, ali permanecendo, tão real como um beijo.

— O que aconteceria...

Uma mão prendeu o ombro de Paul, interrompendo-o.

— Paul, meu sacana. Como te arrastaram até aqui?

— Victor. — O sorriso de Paul enterneceu quando apertou a mão a Victor Flannigan. — Só precisei de duas mulheres bonitas para me convencerem.

— É sempre assim. — Voltou-se para Julia. — E esta é uma delas.

— Julia Summers, Victor Flannigan.

— Reconheci-a — comentou Victor, apertando a mão a Julia. — Está a trabalhar com a Eve.

— Sim. — Julia recordava-se nitidamente do sentimento e intimidade que testemunhara no jardim inundado pelo luar. — É um prazer conhecê-lo, Sr. Flannigan. Admiro muitíssimo o seu trabalho.

— Que alívio, sobretudo se conseguir figurar numa nota de rodapé da biografia da Eve.

— Como está a Muriel? — perguntou Paul, referindo-se à mulher de Victor.

— Um pouco em baixo. Hoje estou sozinho. — Ergueu um copo cheio de um líquido transparente e suspirou. — Refrigerante. Juro-lhe que

é difícil passar por estes eventos sem um pouco de álcool. O que lhe parece esta reunião, Menina Summers?

— Ainda é cedo para dizer.

— Diplomática. — Eve dissera-lhe que assim seria. — Volto a perguntar-lhe daqui a umas horas. Sabe Deus o que nos vão servir. Não vale a pena esperar por bife com batatas. Não suporto aquelas mistelas francesas. — Contemplou a expressão solidária em Julia e sorriu. — Podem arrancar o parolo da Irlanda, mas não arrancam a Irlanda do parolo. — Piscou o olho a Julia. — Depois venho cá cobrar uma dança.

— Terei muito gosto.

— Impressões? — perguntou Paul quando Victor se afastou.

— É comum um actor parecer menos grandioso fora do ecrã. Ele parece ainda maior. Ao mesmo tempo, sinto que estaria melhor a conversar com ele, diante de uma lareira e a jogar às cartas.

— Tem um poder de observação fantástico. — Levou o dedo ao rosto dela para a obrigar a olhar para ele. — E já não está zangada.

— Estou sim. Mas guardei para mais tarde.

Paul riu-se e ao mesmo tempo pousou um braço amigável nos ombros dela.

— Meu Deus, Jules, começo a gostar de si. Vamos procurar a nossa mesa. Talvez consigamos jantar antes das dez.

— Caramba, Drake, detesto que me chateiem.

O tom de Eve era impaciente quando se sentava à mesa, mas o seu rosto estava plácido. Não queria que os coscuvilheiros comentassem o facto de ela estar a repreender o seu assessor de comunicação.

— Não teria de te chatear se me desses uma resposta definitiva. — Ao contrário da sua tia, Drake não era actor e resmungava para a bebida. — Como posso promover alguma coisa se não me dás a informação de que preciso?

— Não há nada para promover nesta altura. — Ergueu a mão para saudar os rostos familiares que se sentavam à sua mesa e sorriu para Nina, que se ria com um grupo, no centro da sala. — Em todo o caso, se as pessoas souberem o que vai aparecer no livro, não haverá ansiedade e mãos suadas. — Só de pensar, Eve sorria com vontade. — Concentra-te em promover este projecto que estou a preparar para a televisão.

— A mini-série.

Eve não gostava do termo. Não conseguia, simplesmente, contemplá-lo.

— Espalha a notícia de que a Eve vai participar num *evento* televisivo.

— Mas o meu trabalho...

— É fazer o que te digo — terminou ela. — Nunca te esqueças disso.  
— Impaciente, terminou o champanhe. — Traz-me outro copo.

Com esforço, Drake controlou um ímpeto de impropérios. Também ele estava ciente do valor da imagem em público. Assim como conhecia a acidez do temperamento de Eve. Fervendo, levantou-se e viu Paul e Julia atravessarem o salão. *Julia*, pensou, com o olhar agora livre de ressentimento. Obteria a informação que Delrickio lhe solicitara. Ela seria a solução dos seus problemas.

— Ah, aqui está. — Eve ergueu as mãos e Julia aceitou-as, sentindo um ligeiro aperto no estômago ao perceber que era esperado que se inclinasse e beijasse a face de Eve. Sentindo-se um pouco tola, acedeu. — E Paul. — Bem ciente de que vários olhares curiosos se tinham voltado na sua direcção, Eve repetiu a cerimónia com o seu ex-enteado. — Mas que casal espantoso os dois formam. — Olhou por cima do ombro. — Drake, providencia mais champanhe para todos.

Olhando para cima, Julia detectou o retesar dos lábios de Drake e o brilho rápido, mas letal, do seu olhar. Até que o homem o substituiu por um sorriso imenso.

— É um prazer rever-te, Paul. Julia, está muito bonita. Esperem um pouco enquanto faço de empregado de mesa.

— Está realmente muito bonita — comentou Eve. — O Paul já a apresentou às pessoas?

— Não vi grande necessidade disso. — Sentando-se, Paul observou a sala. — Quando a virem contigo, vão perceber e apresentar-se pessoalmente.

E estava certo. Antes de Drake regressar com o vinho, as pessoas começaram a aproximar-se. E durante o jantar, Eve manteve-se sentada, qual rainha concedendo uma audiência, enquanto outras celebridades saltavam de mesa em mesa, sempre com destino ao trono. Quando o creme queimado foi servido, um homem de pouco cabelo e surpreendentemente gordo aproximou-se da mesa.

Anthony Kincade, o segundo marido de Eve, não tinha amadurecido bem. Nas passadas duas décadas, engordara tanto que lembrava uma montanha instável entalada num *smoking*. Cada fôlego que tomava provocava uma avalanche de gordura que se lhe agitava na cintura. A viagem através do salão até à mesa deixara-lhe o rosto vermelho como se acabasse de sofrer uma queimadura solar. As bochechas dançavam e o trio de queixada acompanhava-as.

Deixara de ser um realizador garboso e intelectual de filmes importantes, para se tornar um realizador obeso e medíocre de películas bem

menores. A sua riqueza perdera-se essencialmente nos anos cinquenta e sessenta, em negócios imobiliários. Preguiçoso por essência, ficava feliz por passar o dia sentado na sua poltrona a comer.

Só de olhar para ele, Eve tremia, perante a recordação de ter estado casada cinco anos com aquele homem.

— Tony.

— Eve. — Inclinou-se pesadamente sobre a cabeça dela, esperando que o ar conseguisse voltar a circular nos seus pulmões. — Que treta é esta sobre um livro?

— Não sei, Tony. Diz-me tu. — Recordava-se dos olhos bonitos que em tempos tivera. Agora pareciam enterrados em camadas intermináveis de pele. O homem apoiava a mão nas costas da cadeira de Eve, uma espécie de lombo com cinco salsichas espetadas nas extremidades. Em tempos, aquelas mãos tinham sido grandes, fortes e exigentes. Tinham conhecido e saboreado cada centímetro do corpo dela. — Conheces o Paul e o Drake. — Pegou num cigarro para aliviar alguma da bília que lhe afluía à boca, com a ajuda do fumo. — E esta é a Julia Summers, a minha biógrafa.

Ele voltou-se.

— Tenha cuidado com o que escreve. — Com o seu fôlego restabelecido, a voz denunciava um pouco do poder da sua juventude. — Eu, por exemplo, tenho dinheiro e advogados para a enfiar no tribunal para o resto da sua vida.

— Não ameaces a rapariga, Tony — interveio Eve, com calma. Não a surpreendia o facto de Nina se ter aproximado da mesa e assentado arraias a seu lado, pronta a defendê-la. — É de mau tom. E lembra-te — libertou intencionalmente uma baforada de fumo no rosto dele — que a Julia não pode escrever aquilo que eu não lhe contar.

Anthony prendeu a mão no ombro de Eve, com força suficiente para fazer com que Paul ensaiasse levantar-se da cadeira, até que Eve lhe acenou para que se sentasse novamente.

— Estás a pisar território perigoso, Eve. — Kincade inspirou mais uma lufada custosa de ar. — És demasiado velha para correr riscos.

— Sou demasiado velha para não os correr — corrigiu ela. — Descansa, Tony. Não tenciono que a Julia escreva uma palavra que seja que não corresponda à mais pura verdade. — Embora tivesse a certeza de que o ombro lhe doeria no dia seguinte, Eve ergueu o copo. — Uma boa dose de honestidade nunca fez mal a ninguém que não a merecesse.

— Verdade ou mentira — murmurou ele. — Costuma ser comum matar-se o mensageiro.

Dito isto, Kincade afastou-se, voltando a abrir caminho por entre a multidão.

— Está bem? — murmurou Nina. Embora mantivesse um sorriso plácido no seu rosto ao inclinar-se, Julia conseguiu decifrar a preocupação no seu olhar.

— Claro. Credo, que homem nojento. — Eve bebeu mais champanhe e sorriu perante o creme queimado. A visita tinha-lhe estragado o apetite. — Custa a crer que há trinta anos ele tenha sido um homem vital e interessante. — Um olhar para Julia fê-la rir-se. — Minha querida, parece que já vejo essas engrenagens literárias a trabalhar. Falaremos do Tony — prometeu, dando uma palmadinha na mão da escritora. — Em breve.

A engrenagem estava, de facto, a trabalhar. Julia ficou quieta a escutar as conversas que se proporcionaram ao jantar, o número de comediantes e a produção elegante que se seguiu. Anthony Kincade não ficara aborrecido com a possibilidade de Eve revelar os seus segredos. Ele ficara furioso. E ameaçara. E não havia qualquer dúvida de que a sua reacção agradara imensamente a Eve.

As reacções dos homens da mesa tinham sido igualmente reveladoras. Paul estivera pronto a arrancar a cabeça de Kincade pela queixada. A idade e saúde do homem não teriam feito qualquer diferença. O repente de violência tinha sido bem real e chocante, sobretudo vindo de um homem que bebia champanhe de uma taça e vestia um *smoking*.

Drake observara a cena, tomando nota de cada pormenor. E sorria. Julia ficara com a impressão de que continuaria sentado e a sorrir, mesmo se Kincade apertasse o pescoço a Eve.

— Pensa demasiado.

Julia pestanejou, concentrando-se em Paul.

— Como?

— Pensa demasiado — repetiu. — Vamos dançar. — Levantando-se, ajudou-a a pôr-se de pé. — Dizem-me que quando tomo uma mulher nos braços, ela tem dificuldade em pensar, sequer.

— Como conseguiu arrumar esse seu ego no *smoking* sem ninguém notar?

Paul aproximou-se dos outros casais na pista de dança e puxou Julia para si.

— Com muita prática. Anos de prática. — Ele sorriu para ela, encantado com a forma como ela se encaixava nos seus braços, feliz porque o vestido dela descaía nas costas, o suficiente para ele subir a mão e tocar-lhe na pele. — Leva-se muito a sério. — Ela tinha um queixo adorável, pensava ele. Muito firme e levemente arrebitado. Se estivessem a sós, permitir-se-ia

o prazer de lho morder levemente. — Quando vivemos numa terra de fantasia, temos de nos deixar ir com a corrente.

Não havia forma digna de Julia lhe dizer que parasse de lhe acariciar as costas. E não havia forma segura de admitir a sensação que lhe causava no corpo. Sentia pequenos choques eléctricos que a agitavam, fazendo-lhe ferver o sangue.

Sabia o que era desejar alguém. E não queria desejar alguém novamente.

— Porque fica aqui? — perguntou. — Podia escrever noutra sítio.

— Pelo hábito. — Olhou por cima do ombro dela, em direcção à mesa. — Pela Eve. — Quando ela ia começar a falar novamente, ele abanou a cabeça. — Mais perguntas. Devo estar a fazer isto mal, porque ainda consigo pensar. — A solução seria puxá-la ainda mais para si, de tal forma que ela se sentiu forçada a voltar o rosto para evitar os lábios dele. — Dá-me a sensação de estar a tomar chá num terraço de uma propriedade no campo inglês. Devon, talvez.

— Porquê?

— Pelo seu aroma. — Acariciou-lhe o cabelo com os lábios, electrificando-lhe o corpo. — Erótica, etérea, extraordinariamente romântica.

— Que imaginação — murmurou ela, com os olhos semicerrados. — Não sou nada disso.

— Certo. Mãe solteira muito pragmática. Porque estudou poesia na Universidade de Brown?

— Porque gostava. — Conteve-se para não entrelaçar os dedos no cabelo dele. — A poesia é algo com muita estrutura.

— Metáforas, emoção e romance. — Paul afastou-se ligeiramente para a fitar, embora se mantivesse tão próximo que Julia conseguia ver o seu próprio reflexo no olhar dele. — É uma fraude, Jules. Uma fraude complexa e fascinante.

Antes que conseguisse congeminhar uma resposta, Drake aproximou-se e tocou no ombro de Paul.

— Não te importas de partilhar, pois não?

— Por acaso, sim.

Mas Paul afastou-se.

— Como se está a dar? — perguntou Drake ao retomar o ritmo da dança.

— Muito bem.

Julia sentiu um alívio imediato, percebendo quão diferentes os braços de um homem poderiam ser dos de outro.

— A Eve contou-me que está a avançar muito. Ela teve uma vida fabulosa.

— Sim, colocar tudo em papel será um desafio.

Drake passeou graciosamente pela pista, sorrindo e cumprimentando conhecidos.

— Que tipo de ângulo lhe quer dar?

— Ângulo?

— Todos têm um ponto de vista.

Julia estava certa de que Drake também teria um, mas apenas inclinou a cabeça.

— As biografias costumam ser bastante unívocas.

— Então, o tom. Vai assumir uma abordagem ano a ano à vida de uma estrela?

— Ainda é cedo para saber, mas acho que farei a abordagem evidente, escrevendo sobre a vida de uma mulher que escolheu uma carreira exigente e conseguiu ser bem-sucedida e por muito tempo. O facto de a Eve ainda ser uma força da natureza nesta indústria, ao fim de quase cinquenta anos, fala por si mesmo.

— Então, apenas se concentrará no aspecto profissional.

— Não. — Ele estava a tentar sacar nabos da púcara, com cuidado, mas com determinação. — A vida pessoal e a profissional estão interligadas. As suas relações, o casamento, a família, tudo isso é vital na visão global da sua vida. Não só precisarei das memórias de Eve, como dos factos documentados, as opiniões, as historietas contadas pelas pessoas de quem foi ou é mais próxima.

Teria de tentar de outra maneira.

— Sabe, Julia, tenho um problema. Se pudesse manter-me a par do livro, do seu conteúdo, à medida que vai avançando, estaria mais preparado para tratar dos comunicados de imprensa, da atenção e da promoção. — Sorriu. — Todos queremos que o livro seja um sucesso.

— Claro. Mas lamento ter muito pouco para lhe dizer.

— Mas vai ajudar à medida que o livro começar a tomar forma?

— Tanto quanto puder.

Julia esqueceu a conversa, à medida que a noite foi avançando. Ainda havia muito de menina sonhadora dentro de si para se deixar encantar quando Victor a convidou para dançar, assim como outros exemplares reais das sombras que se habituara a ver projectadas nas telas de cinema.

Havia uma série de impressões e observações que queria anotar antes de a noite se perder num sonho. Ensonada, mais descontraída do que imaginara ser possível, entrou no carro de Paul às duas da manhã.

— Divertiu-se — comentou ele.

Ela encolheu um ombro. Não ia permitir que o tom de divertimento na voz dele lhe estragasse a noite.

— Sim, porque não?

— Foi apenas uma afirmação e não uma crítica.

Olhou para ela e viu que os seus olhos estavam semicerrados e os lábios desenhavam um pequeno sorriso. As perguntas que lhe queria fazer pareciam-lhe desapropriadas no momento. Haveria outras oportunidades. Em vez disso, deixou-a dormir durante a viagem.

Quando estacionou diante da casa de hóspedes, Julia estava completamente a dormir. Com um pequeno suspiro, Paul tirou um cigarro e ficou sentado a observá-la.

Julia Summers era um desafio. Ora, era um paradoxo. E não havia nada que Paul apreciasse mais do que esmiuçar as teias de um bom mistério. Tencionara aproximar-se dela, para se certificar de que os interesses de Eve estavam acautelados. Mas... Sorriu enquanto atirava o cigarro pela janela. Mas não havia regra que impedisse de aproveitar essa proximidade.

Acariciou-lhe o cabelo e ela murmurou. Percorreu-lhe o rosto com um dedo e ela suspirou.

Abalado pelo agitar das suas entranhas, afastou-se, tentando raciocinar. Então, como era já seu hábito, fez o que queria fazer. Cobriu-lhe a boca com a sua enquanto ela dormia.

Suaves e perdidos no sono, os lábios dela cederam aos seus, abrindo-se levemente quando ele lhes traçava o contorno com a língua. Agora sentia-lhe o suspiro além de o ouvir. A intensidade da sensação abalou-lhe as entranhas, deixando-o desejoso de mais. Sentia vontade de a tocar, de a tomar, mas cerrou as mãos em punhos e contentou-se com a sua boca.

Algumas regras não podiam ser quebradas.

Julia sonhava um sonho glorioso e paradisíaco. Boiava num rio comprido e longo. Seguia com a corrente, adormecida numa água cristalina e fresca. O Sol brilhava sobre o seu corpo com raios dourados, quentes, regeneradores e compassivos.

A sua mente, dispersa com o cansaço e o vinho, fez apenas um pequeno esforço para dissipar as névoas. Estava demasiado confortável no seu sonho.

Mas o Sol aquecia, a corrente agitava-se. A excitação investia como pequenas gotas quentes na sua pele.

A sua boca continuava a mover-se debaixo da dele e depois abriu-se, produzindo um gemido que o convidava a entrar. Sem qualquer hesitação, ele deslizou a língua dentro dela e quase perdia a cabeça com a reacção indolente e sedutora de Julia. Com um arquejar intenso, mordeu-lhe o lábio inferior. Julia acordou de repente, espantada e desperta.

— Mas que raio pensa que está a fazer? — Afastou-se e empurrou-o com uma força puramente indignada. Quando ele sentiu a base da mão

dela a acertar-lhe em cheio no seu peito, percebeu que ela era muito mais forte do que dava a entender.

— A satisfazer a minha curiosidade. E a meter-nos aos dois em sarilhos.

Ela pegou na bolsa pousada no colo, mas conseguiu controlar-se e não lha atirar à cara. As palavras funcionariam melhor.

— Não sabia que estava assim tão desesperado ou com tão pouca noção das medidas. Atacar uma mulher enquanto dorme exige uma perversidade especial.

Os olhos dele estreitaram-se, relampejando de fúria. Quando falou, a sua voz saiu estranhamente calma.

— Não a ataquei de forma nenhuma, mas é capaz de ter razão. — Colocando as mãos nos ombros dela, puxou-a para si. — Mas agora estás acordada.

Desta vez, a boca dele não era suave nem sedutora, mas quente e exigente. Julia conseguia sentir a fúria e a frustração. E uma onda de desejo sacudiu-lhe o corpo todo.

Ela precisava daquilo. Esquecera-se do que era realmente desejar. Ter sede por um homem como se tem sede de água. Com as defesas em estilhaços, foi assaltada por emoções, saudades, desejos. O abraço deixara-a com forças apenas para se agarrar a ele e com fome suficiente para mergulhar avidamente no beijo e deixar-se ser beijada.

Envolvia-o com os braços, prendendo-os como cordas. A boca dela, meu Deus, a boca dela era intensa e energética e quente. Ele conseguia sentir os tremores rápidos e impotentes que lhe assomavam o corpo e escutar a respiração em frangalhos. Esqueceu-se de que estava zangado e a frustração desfez-se em chamas de paixão. Deixando apenas o desejo.

Mergulhou no cabelo dela com os dedos, apertando com força. Queria-a ali, no lugar da frente do carro. Ela fazia-o sentir-se como um adolescente desesperado por alguma experiência, como um ganhão a tremer antes do acasalamento. E como um homem a correr pelo penhasco, prestes a atirar-se para o desconhecido.

— Dentro. — Conseguia ouvir o seu próprio sangue circular à medida que a beijava no rosto. — Deixa-me levar-te para dentro. Para a cama.

Quanto os dentes dele raspavam levemente no pescoço dela, ela quase gritou de desejo. Mas afastou-se. Responsabilidade. Ordem. Cautela.

— Não. — Invocou anos de contenção, agitando-os com recordações dolorosas, e resistiu. — Não é isto que eu quero.

Quando ele lhe tomou o rosto nas mãos, percebeu que também ele tremia.

— Mentas muito mal, Julia.

Julia tinha de recuperar o controlo. Apertando a bolsa nas mãos com força, olhou para ele. Parecia-lhe perigoso ao luar. Sedutor, incauto. Perigoso.

— Não é isto que quero para mim — disse ela. Tentou abrir a porta do carro e abanou o puxador duas vezes antes de conseguir destrancá-la. — Cometestes um erro, Paul.

Julia correu pelo caminho estreito na relva e entrou em casa.

— Disso não tenho dúvidas — murmurou ele.

Lá dentro, Julia encostou-se à porta. Não podia correr escadas acima naquele estado. Respirando profundamente para tentar acalmar o coração acelerado, desligou a luz que CeeCee deixara acesa para ela e começou a subir as escadas. Espreitou no quarto de hóspedes e viu que ela dormia. No quarto em frente, observou o filho.

A sua visão foi suficiente para se acalmar, suficiente para ela saber que tinha tomado a decisão certa ao afastar-se. Os desejos, por muito prementes que fossem, nunca seriam suficientemente fortes para deitar a perder o que construíra. Não haveria Paul Winthrops na sua vida. Nada de amantes ardilosos que excitavam, agitavam e partiam. Deu-se uns momentos para cobrir melhor o filho, antes de ir para o seu próprio quarto.

Tremeu novamente e praguejou, atirando a bolsa para cima da cama. Ela caiu, espalhando o seu conteúdo. Embora tivesse vontade de os deixar espalhados pelo chão, ajoelhou-se e pegou na base, no pente e na carteira fina. E no papel dobrado.

Que estranho, pensou. Não se lembrava de ter guardado um papel na bolsa. Quando o abriu, usou a cama para se amparar e levantar.

#### OLHA ANTES DE SALTAR.

Deixando o conteúdo da bolsa disperso, sentou-se na cama. Mas que raio era aquilo? E que raio ia ela fazer a propósito disso?

#### 7.

Julia despediu-se de Brandon antes de o deixar seguir para as aulas, grata por ver o filho partir num discreto Volvo preto, com Lyle atrás do volante. Brandon estaria seguro com ele.

É claro que não havia motivos para preocupação. Dissera-o a si mesma vezes sem conta durante a noite mal dormida. Dois bilhetes anónimos não poderiam magoá-la e certamente não poderiam magoar Brandon. Mas

sentir-se-ia melhor assim que conseguisse esclarecer o assunto. E isso era algo que tencionava fazer de imediato.

Os seus pensamentos perdiam-se agora na estranheza que sentia ao ver o seu menino ser conduzido para o seu mundo de aulas e recreios, onde ela não podia controlar nada.

Quando perdeu o carro de vista, fechou a porta, refugiando-se do fresco da manhã. Julia conseguia ouvir CeeCee cantarolar animadamente ao som do rádio, enquanto arrumava a cozinha. Sons felizes — o dos pratos e da voz jovem e entusiasta a competir com o profissionalismo da Janet Jackson. Julia não queria admitir que estava feliz com o cenário apenas porque significava que não estava sozinha. Levou a sua caneca meia vazia para a cozinha, para a reabastecer com café.

— Que belo pequeno-almoço, Menina Summers. — O cabelo dela estava apanhado atrás num rabo-de-cavalo titubeante. CeeCee limpava o balcão com um pano húmido, batendo com o pé ao ritmo do êxito do Top 40 que se seguira. — Não consigo imaginar alguém como a menina a cozinhar assim.

Ainda meio ensonada, Julia verteu mais café para a caneca.

— Alguém como eu?

— Bem, famosa e assim.

Julia sorriu. Era confortavelmente fácil afastar o peso vago da preocupação.

— Quase famosa. Ou talvez famosa por associação, depois da noite passada.

Com os seus olhos azuis intensos e uma cara acabada de lavar, CeeCee suspirou.

— Foi mesmo fabuloso?

Duas mulheres numa cozinha cheia de sol e nenhuma delas falava de uma festa apinhada de celebridades. Mas de um homem.

Julia pensou na sua dança com Paul, no acordar agitado quando ele a beijara. E, sim, de sentir aquela ânsia bruta por ele, com um ritmo muito mais primário do que o de qualquer música alguma vez gravada.

— Foi... diferente.

— O Sr. Winthrop é completamente lindo, não é? Sempre que falo com ele, fico com a boca seca e as palmas das mãos suadas. — Fechou os olhos enquanto passava o pano por água. — Totalmente louco.

— É o tipo de homem em que é difícil não repararmos — comentou Julia, num tom irónico de tão contida que fora a sua observação.

— Nem me diga nada. As mulheres ficam loucas por ele. Acho que nunca trouxe cá a mesma mulher duas vezes seguidas. Um garanhão, se é que me entende.

— Hum. — Julia tinha uma opinião formada sobre homens que namoriscavam tão arbitrariamente, saltando de mulher para mulher. — Parece ser muito dedicado à Menina Benedict.

— Claro. Acho que faria tudo por ela, excepto assentar e dar-lhe os netos que ela quer. — CeeCee afastou a franja dos olhos. — É engraçado pensar na Menina B. como avó.

*Engraçado* não seria a palavra que Julia utilizaria. Talvez *incrível*.

— Há quanto tempo trabalhas para ela?

— Tecnicamente, há uns dois anos, mas ando por aqui desde sempre. A tia Dottie costumava deixar-me vir para cá aos fins-de-semana e no Verão.

— A tia Dottie?

— Travers.

— A Travers? — Julia quase se engasgou com o café, tentando visualizar a governanta de boca séria e olhar desconfiado ao lado da expansiva CeeCee. — É tua tia?

— Sim, a irmã mais velha do meu pai. A Travers é uma espécie de nome artístico. Costumava representar nos anos cinquenta, acho eu. Mas nunca deu certo. Já trabalha para a Menina B. há anos. É até um pouco estranho se pensarmos que as duas foram casadas com o mesmo homem.

Desta vez, Julia teve o bom senso de pousar o café antes de tentar beber.

— Desculpa?

— O Anthony Kincade — explicou CeeCee. — Sabe, o realizador? A tia Dottie casou com ele primeiro. — A rapariga olhou para o relógio e endireitou-se num salto. — Ena, tenho de ir. Tenho uma aula às dez. — Correu pela sala de estar para pegar nos sacos e nos livros. — Amanhã passo por cá para mudar as camas. Posso trazer o meu irmão mais novo? Ele quer muito conhecer o Brandon.

Julia assentiu, ainda a tentar assimilar a informação.

— Claro. Será um prazer recebê-lo cá.

CeeCee sorriu em despedida e correu para a porta.

— Quero ver se ainda diz isso depois de duas horinhas com ele.

Quando a porta bateu, Julia ainda pensava e calculava. Anthony Kincade. Aquele monte de banha amargurado tinha sido casado com a glamorosa Eve e a monossilábica governanta. Cheia de curiosidade, Julia correu pela sala de estar em direcção ao seu escritório temporário para consultar os livros de referência. Durante alguns minutos, resmungou e murmurou para si mesma, tentando localizar um livro naquele que afinal se revelava não ter sido o último local onde o deixara.

Teria de se organizar. Fá-lo-ia, jurou, a um qualquer santo que velasse

secretamente pelos escritores. Mesmo depois de satisfazer a sua curiosidade, passaria uma hora — pronto, quinze minutos — a arrumar tudo. O voto parecia ter resultado. Com um guincho triunfal, congratulou-se. Encontrou a informação em *Quem é quem*.

*Kincade, Anthony*, leu. *Nascido em Hackensack, Nova Jérсия, a 12 de Novembro de 1920...* Julia saltou o percurso, acumulando sucessos e fracassos. *Casou com Margaret Brewster, em 1942, tendo dois filhos, Anthony Jr. e Louise, e divorciou-se em 1947. Casou com Dorothy Travers, em 1950, tendo um filho, Thomas, já falecido. Divorciou-se em 1953. Casou com Eve Benedict, em 1954. Divorciou-se em 1959.*

Havia indicação de mais dois casamentos que não interessavam a Julia. Era demasiado fascinante especular sobre o estranho triângulo. Dorothy Travers — e o nome fez agitar qualquer coisa na memória de Julia — tinha estado casada com Kincade durante três anos e dera-lhe um filho. No espaço de um ano após o divórcio, Kincade casara com Eve. Agora, Travers trabalhava como governanta de Eve.

Como podiam duas mulheres que tinham partilhado o mesmo homem partilhar agora a mesma casa?

Essa era uma questão que tencionava colocar-lhes. Mas, em primeiro lugar, mostraria os dois bilhetes anónimos que recebera a Eve, na esperança de obter uma reacção e, talvez, uma explicação. Julia afastou o livro, já esquecida do seu negócio com o santo.

Quinze minutos depois, Travers abria a porta da casa principal. Estudando a disposição da mulher, o seu ar insatisfeito e a constituição larga, Julia perguntava-se como poderia ela ter conseguido conquistar o mesmo homem que a escultural e maravilhosa Eve.

— No ginásio — murmurou Travers.

— Desculpe?

— No ginásio — repetiu ela, conduzindo Julia com relutância. Voltou para a ala este, seguiu por um corredor com vários nichos de parede trabalhados, cada um ocupado por uma estatueta da autoria de Erté. À direita, surgia uma janela em arco que abria para o jardim central, onde Julia divisou o jardineiro, de óculos e auscultadores a postos, moldando delicadamente o arbusto.

Ao fundo do corredor havia duas portas espessas pintadas num verde ousado. Travers não bateu à porta, limitando-se a abrir uma delas. Imediatamente, o corredor foi inundado por uma música animada e ritmada, acompanhada pelos impropérios de Eve.

Julia nunca chamaria àquela divisão algo tão insuficiente como *ginásio*. Apesar dos equipamentos, dos colchões, da parede espelhada e da barra para ballet, o espaço era elegante. Era autenticamente um palácio de

exercício, pensava Julia, estudando o tecto alto pintado com contornos de pinturas Art Déco. A luz entrava por três clarabóias em vitral, reflectindo uma imensidão de cores. Não era um palácio, afinal. Era, sim, um templo dedicado ao arrogante deus do suor.

O pavimento era em parquet envernizado, e um bar em vidro fumado com frigorífico e microondas ocupava uma das paredes. A música ribombava de uma aparelhagem de alta tecnologia, rodeada de vasos com begónias e enormes figueiras.

Ao lado de Eve que se encontrava deitada num banco de pesos tonificando os músculos das pernas estava o Mister Músculo. Temporariamente hipnotizada, Julia exalou um longo arquejo enquanto o fitava. Devia ter cerca de dois metros — um deus nórdico cujo corpo bronzeado vibrava num fato de lycra mínimo. A peça branca única estendia-se da base do seu peito brilhante, circundava-o pelas ancas, subindo orgulhosamente pelo belo par de nádegas.

O cabelo dourado do homem estava apertado num rabo-de-cavalo e os seus olhos azuis como o gelo sorriam, em aprovação dos impropérios emitidos por Eve que tornara o ar muito mais quente e intenso.

— Que se lixe isto, Fritz.

— Só mais cinco, minha querida — instruiu num inglês preciso e musical que produzira imagens de lagos frescos e montanhas na mente de Julia.

— Estás a dar cabo de mim.

— Estou a tornar-te mais forte. — Escutando-a a soprar de esforço nas últimas elevações, pousou a mão enorme na coxa dela e apertou-a. — Tens o tónus muscular de uma mulher de trinta anos. — De seguida, acariciou intimamente o rabo dela.

Encharcada em suor, Eve deitou-se.

— Se alguma vez conseguir voltar a andar, vou dar-te um pontapé em cheio nesse gancho enorme.

Ele riu-se, tornou a dar-lhe uma sapatada no rabo e sorriu para Julia.

— Olá.

Com dificuldade, Julia engoliu em seco. O último comentário de Eve atraíra o olhar de Julia tão para baixo que tivera oportunidade de comprovar que o adjectivo não era descabido.

— Desculpem, não queria interromper.

Eve conseguiu abrir os olhos. Se tivesse energia, teria rido. A maior parte das mulheres ficava com aquele ar embasbacado depois de ver Fritz pela primeira vez. Estava contente por Julia não ser imune.

— Graças a Deus. Travers, prepara qualquer coisa muito fria e põe um pouco de arsénico aqui para o meu amigo.

Fritz voltou a rir-se, emitindo um som profundo e animado que cobria facilmente os insultos criativos de Eve.

— Bebe um bocadinho e depois vamos trabalhar esses braços. Não queres essa pele pendurada como a de um peru.

— Posso voltar mais tarde — começou Julia, quando Eve se voltou.

— Não, fique. Ele está quase a terminar a tortura. Não estás, Fritz?

— Quase. — Pegou na bebida que Travers lhe oferecia e emborcou num gole único, antes mesmo de a governanta fechar a porta. Enquanto Eve limpava o rosto com uma toalha, ele estudava Julia. O olhar dele deixava-a inquieta. Brandon costumava ficar com a mesma expressão quando lhe davam um bom pedaço de barro para modelar. — Tens boas pernas. Fazes ginástica?

— Bem, não. — Um comentário perigoso no Sul da Califórnia, reflectia. Havia quem morresse por menos. Estava a ponderar pedir desculpa quando ele atravessou a sala e começou a palpar-lhe os braços. — Ei, escute...

— Braços magricelas. — Julia ficou de queixo caído quando ele lhe passou a mão pela barriga. — Bons abdominais. Podemos dar-te um jeito.

— Obrigada. — Os dedos dele pareciam de ferro e ela não queria irritá-lo. — Mas realmente não tenho tempo.

— Tens de arranjar tempo para o teu corpo. — O comentário fora feito com tamanha seriedade, que Julia precisou de engolir uma gargalhada nervosa. — Vem na segunda. Eu ajudo-te.

— Acho realmente que...

— Que ideia excelente — acrescentou Eve. — Detesto ser torturada sozinha. — Torceu o nariz quando Fritz colocou os pesos na máquina para lhe trabalhar os braços. — Sente-se, Julia. Pode falar comigo e fazer-me esquecer desta desgraça.

— Segunda-feira, pois sim — murmurou Julia.

— Desculpe?

Ela sorriu quando Eve se colocou na posição seguinte para mais um momento de sofrimento.

— Disse que espero que o tempo continue assim.

Eve, que ouvira muito bem da primeira vez, apenas arqueou a sobrancelha.

— Também me pareceu que era isso. — Já instalada, Eve respirou fundo e começou a puxar os pesos em direcção ao centro do corpo empurrando-os depois para fora. — Divertiu-se, ontem à noite?

— Sim, obrigada.

— Que educada. — Sorriu para Fritz. — Esta não te insultava.

Julia observou os músculos de Eve incharem e retesarem-se. Escorria novamente em suor.

— Ai isso é que insultava.

Eve riu-se, apesar do esforço que lhe era exigido do corpo.

— Sabe qual é o problema de se ser bonita, Julia? Todos reparam quando há uma pequena falha. Adoram procurar falhas. Por isso, temos de nos manter impecáveis. — Suportando o esticar e alongar dos músculos, sugava e expelia ar com intensidade. — É como uma religião. Estou decidida a fazer o melhor que posso pelo corpo que Deus e os cirurgiões me deram. E não vou dar a ninguém o prazer de dizer que em tempos *fui* bonita. — Interrompeu-se para insultar o treinador, sentindo o esforço dos braços. — Algumas pessoas dizem que são viciadas nisto. Eu só consigo achar que serão muito, muito doentes. Quantos mais? — perguntou a Fritz.

— Vinte.

— Filho da mãe. — Mas ela não abrandou o ritmo. — Que impressões retirou da noite passada?

— Que uma grande percentagem dos presentes se importa tanto com a caridade como com a publicidade. Que a nova Hollywood nunca terá a mesma classe que a velha. E que o Anthony Kincade é um homem desagradável e potencialmente perigoso.

— Não tinha a certeza se se deixaria encantar facilmente. Pelos vistos, não. Quantos mais, seu filho da mãe?

— Cinco.

Eve resmungou em cada um, arfando como uma mulher nos últimos segundos do parto. Quanto mais violentos eram os insultos, mais Fritz sorria.

— Espere aqui — ordenou a Julia, gemendo enquanto se punha de pé e depois saindo da sala.

— É uma mulher encantadora — comentou Fritz. — Forte.

— Sim. — Mas quando tentava imaginar-se a levantar pesos a caminhos dos setenta, Julia tremeu. Era bom que se desse bem com a flacidez. — Não acha que isto poderá ser de mais, tendo em conta a sua idade?

Ele arqueou uma sobrancelha quando olhou para a porta por onde Eve tinha saído. Sabia que se ela ouvisse aquilo, lhe faria muito mais do que insultar.

— Para outra pessoa qualquer, sim. Mas a Eve não. Sou um *personal trainer*. Este programa foi concebido para o corpo dela, para a mente dela. Para o espírito dela. E os três são fortes. — Aproximou-se de uma das janelas. Ao lado havia uma mesa de massagem e uma prateleira apinhada de óleos e cremes. — Para si, teria de conceber algo diferente.

Ora ali estava um tema de que ela queria fugir rapidamente.

— Há quanto tempo é o *personal trainer* da Eve?

— Há cinco anos. — Depois de escolher os seus óleos, usou o co-

mando para mudar a música. Agora soavam cordas clássicas e tranquilizantes. — Ela arranjou-me muitos clientes. Mas se pudesse ter apenas uma, seria a Eve.

O nome da celebridade fora proferido com alguma reverência.

— Ela inspira lealdade.

— É uma grande senhora. — Passou uma garrafa pequena debaixo do nariz, que Julia recordou como Ferdinand, o touro, a cheirar folhas. — Estás a escrever o livro dela.

— Sim, estou.

— Não te esqueças de dizer que é uma grande senhora.

Eve voltou a entrar, embrulhada num roupão branco curto, de cabelo húmido, rosto corado e feliz. Sem uma palavra, aproximou-se da mesa, despiu-se com a candura de uma criança e deitou-se de barriga para baixo. Fritz colocou um lençol dobrado sobre as ancas dela e começou a trabalhar.

— Depois do inferno, vem o céu — suspirou Eve. Pousou o queixo nas mãos e fitou Julia. — Pode querer tomar nota de que passo por isto três vezes por semana. E apesar de odiar cada minuto, sei que deixa o meu corpo suficientemente em boa forma para Nina recusar uma proposta anual da *Playboy* e que aumenta a minha resistência ao ponto de aguentar doze horas a filmar sem cair para o lado. Na verdade, vou levar o Fritz comigo, quando filmar na Geórgia. O homem tem as melhores mãos nos cinco continentes.

Ele corou como um menino ao escutar o elogio.

Enquanto Fritz usava as mãos para descontraír os músculos de Eve, Julia concentrou-se na conversa sobre saúde, exercício e rotinas diárias. Esperou, pacientemente, que Eve vestisse o seu roupão novamente e trocasse um beijo muito terno e íntimo com o seu treinador. Julia lembrou-se da cena a que assistira no jardim, sem saber como uma mulher tão obviamente apaixonada por um homem podia namoriscar tão descaradamente com outro.

— Segunda — disse ele a Julia com um aceno de cabeça, enquanto vestia as calças de fato-de-treino. — Começamos o teu programa.

— Ela virá — prometeu Eve antes que Julia pudesse recusar delicadamente. Estava a sorrir quando Fritz pegou no saco de ginástica e saiu porta fora. — Considere o exercício parte da sua pesquisa — sugeriu Eve. — Bem, o que achou dele?

— Estava a babar?

— Só um bocadinho. — Eve alongou os músculos cansados e depois tirou um pacote de cigarros do bolso do roupão. — Credo, estava a morrer por um destes. Não tenho lata, ou talvez seja coragem, de fumar à frente do Fritz. Prepare-nos outra bebida, sim? A minha com muito champanhe.

Quando Julia se levantou para lhe obedecer, Eve deu uma longa passa no cigarro.

— Não me ocorre outro homem no mundo que me obrigasse a deixar de fumar, nem mesmo por umas horas. — Exalou outra baforada quando Julia lhe passou o copo. A gargalhada de Eve era rica e rápida, como se tivesse ouvido uma piada privada. — Quanto mais a conheço, mais fácil sei interpretá-la, Julia. Agora está a tentar não me julgar, pensando na melhor forma de explicar um caso com um rapaz que podia ser meu filho.

— Não me compete julgar ninguém.

— Não, não lhe compete, e está determinada a fazer o seu trabalho. Mas, para que se saiba, eu não tentaria explicar, mas apenas saborear. Acontece que não estou a ter um caso com aquele pedaço de mau caminho, porque ele é bastante obstinadamente homossexual. — Riu-se e voltou a beber. — Agora ficou chocada e está a tentar não ficar.

Desconfortável, Julia ajustou a posição na cadeira e sorveu a sua bebida.

— O objectivo disto é eu explorar os seus sentimentos e não os meus.

— Mas funciona nos dois sentidos. — Eve saiu da mesa para se aninhar como um gato numa cadeira cheia de almofadas. Cada movimento era intensamente feminino e sedutor. Ocorreu a Julia que Betty Berenski escolhera bem o seu nome. Ela era completamente mulher, tão etérea e misteriosa como a primeira de todas. — Antes de este livro terminar, ficaremos a conhecer-nos tão bem quanto possível. Seremos mais íntimas do que amantes, mais completamente do que mãe e filha. À medida que formos confiando uma na outra, compreenderá o objectivo.

Para colocar o assunto novamente no nível que preferia, Julia pegou no gravador e no bloco de notas.

— Por que motivo não deveria confiar em si?

Eve sorriu através de um véu de fumo. Segredos, maduros como ameixas prontas a colher, cintilavam no seu olhar.

— Por que motivo, de facto? Avance, Julia, faça as perguntas que têm andado a passarinho na sua cabecinha. Estou com vontade de lhes responder.

— Anthony Kincade. Porque não me fala sobre o seu casamento com ele e como a sua segunda mulher passou de actriz em filmes B a sua governanta?

Em vez de responder, Eve fumou e reflectiu.

— Esteve a fazer perguntas à CeeCee.

A afirmação de Eve acusava uma certa irritação, suficiente para fazer Julia sentir um arrepio de satisfação. Talvez alcançassem um nível de confiança mútua, mas teria de ser em igualdade.

— Estive a falar com ela, certamente. Se havia alguma coisa que não queria que ela comentasse, não a avisou. — Vendo que Eve permanecia em silêncio, Julia bateu com o lápis no bloco. — Ela comentou esta manhã que passava muito tempo aqui com a tia Dottie. Naturalmente, acabou por vir à baila a identidade da tia.

— E a Julia investigou a partir daí.

— O meu trabalho é procurar informação — respondeu Julia, suavemente, registando a crescente irritação e saboreando-a. Talvez fosse mesquinho da sua parte, mas gostava de sentir que finalmente estalara um pouco das defesas de Eve.

— Precisava apenas de me perguntar.

— É precisamente isso que faço agora. — Julia inclinou a cabeça e o ângulo era tanto de desafio como de defesa. — Se queria guardar segredos, Eve, escolheu a biógrafa errada. Não trabalho com peneiras.

— A história é minha.

O olhar de Eve rasgava como uma foice verde. Julia sentiu o aviso, mas recusou-se a recuar.

— Sim, é. E, por escolha sua, é minha também. — Já lhe tinha cravado os dentes, apertando com força, como um lobo que prende um belo naco de carne. Estava decidida a fazer valer a sua opinião, enfrentando Eve. Estava ansiosa. Os nervos crepitavam no estômago. — Se quer alguém que se vergue sempre que puxar os cordelinhos, vamos ficar por aqui. Volto para Connecticut e deixamos os nossos advogados tratarem de tudo.

Julia começou a levantar-se.

— Sente-se. — A voz de Eve tremia de fúria. — Sente-se, caramba. Já percebi.

Com um aceno de cabeça vitorioso, Julia instalou-se novamente. Sub-repticiamente, levou a mão ao bolso e tirou uma pastilha elástica do pacote.

— Preferia que percebesse que não será possível trabalhar se continuar a bloquear-me sempre que toco num assunto que a deixa desconfortável.

Eve manteve-se em silêncio por um momento, enquanto a fúria cedia ao respeito.

— Vivi muitos anos — acabou por dizer. — Estou habituada a fazer tudo à minha maneira. Vejamos, Julia, vejamos se conseguimos fundir a minha maneira com a sua.

— Muito bem.

Levou a pastilha à boca, esperando que tanto ela como a pequena vitória ajudassem a acalmar o seu estômago nervoso.

Eve bebeu um pouco e preparou-se para abrir uma porta há muito fechada e enferrujada.

— Diga-me o que sabe.

— Foi relativamente fácil confirmar que a Dorothy Travers foi a segunda mulher do Kincade, de quem se divorciou apenas meses antes de se casar consigo. Não consegui enquadrá-la no cinema, a princípio, mas depois lembrei-me de que tinha participado numa dezena de filmes B nos anos cinquenta. Sobretudo filmes góticos e de terror, até que desapareceu. Posso assumir que o fez para trabalhar consigo?

— Não se passou nada de tão linear quanto isso. — Embora continuasse a irritá-la o facto de não ter esclarecido a ligação logo no início, Eve encolheu os ombros e continuou. — Ela veio trabalhar para mim alguns meses depois de o Tony e eu finalizarmos o divórcio. Isso deve ter sido, meu Deus, há mais de trinta anos. Acha isso estranho?

— Que duas mulheres possam ter uma relação duradoura de três décadas, depois de terem estado apaixonadas pelo mesmo homem? — A tensão foi substituída pelo interesse. — Acho que sim.

— Apaixonadas? — Eve sorriu, espreguiçando-se com luxúria. Sentia-se sempre cheia de luxúria após uma sessão com Fritz. Limpa, mimada e aprimorada. — Oh, a Travers é capaz de o ter amado por uns tempos. Mas o Tony e eu casámo-nos por luxúria mútua e ambição. É completamente diferente. Era bastante bonito, nesses tempos. Um homem grande e cativante e até um pouco malandro. Quando me dirigiu no *Separate Lives*, o casamento dele estava em colapso.

— Ele e a Travers tiveram um filho que faleceu.

Eve hesitou e depois bebeu um pouco mais. Julia talvez a tivesse posto na linha, mas havia apenas uma forma de contar a história: à sua maneira.

— A perda do filho destruiu a fundação do casamento deles. A Travers não conseguia, não queria esquecer. O Tony estava decidido a fazê-lo. Ele sempre foi muito egocêntrico. Era um dos seus muitos encantos. Não conhecia todos os pormenores quando começámos a andar. O nosso caso e conseqüente casamento foi um pequeno escândalo à época.

Julia tinha já anotado a necessidade de consultar números antigos da *Photoplay* e *The Hollywood Reporter*.

— A Travers não era uma celebridade suficientemente importante para granjear solidariedade ou indignação. Acha o meu comentário arrogante — observou Eve. — É a mais pura verdade. Aquele pequeno triângulo ocupou algum espaço nas colunas sociais, mas depois ficou esquecido. As pessoas ficaram muito mais arrelhadas quando a Taylor arrancou o Eddie Fisher dos braços da Debbie Reynolds. — Achando a comparação divertida, apagou o cigarro. — Aliás, posso ou não ter sido a última gota para o fim do casamento deles.

— Vou perguntar à Travers.

— Estou certa de que o fará. — Fez um gesto fluido com as mãos e depois parou. — É pouco provável que ela fale consigo, mas força. Por ora, pode ser-lhe útil que eu comece a história do princípio, o meu princípio com o Tony. Como disse, ele era um homem muito atraente, de forma bem perigosa. E respeitava-o muito como realizador.

— Conheceu-o durante o *Separate Lives*?

— Oh, já nos tínhamos cruzado antes, como é normal neste navio de tolos. Mas um *set* de cinema, Julia, é um mundo pequeno e íntimo, divorciado da realidade. Não, imune à realidade. — Sorriu para si mesma. — A fantasia, por mais difícil que seja o trabalho, é o seu próprio vício. E é por isso que muitos de nós se iludem e acreditam que se apaixonaram perdidamente por outra personagem naquela auréola cintilante, durante o tempo que demora a criar um filme.

— Mas não se apaixonou pelo protagonista — comentou Julia. — Apaixonou-se pelo realizador.

As pestanas de Eve baixaram, cobrindo o seu olhar à medida que recuava no passado.

— Foi um filme difícil, muito obscuro, muito exigente. Contava a história de um casamento condenado, com traição, adultério e esgotamento emocional. Tínhamos passado o dia todo a filmar a cena em que a minha personagem tinha finalmente tomado conhecimento da infidelidade do marido e ponderava o suicídio. Tinha de vestir uma camisa de renda preta, pintar os lábios com cuidado e colocar perfume. Ligar o rádio para dançar, sozinha. Abrir uma garrafa de champanhe e beber, à luz das velas, enquanto engolia um comprimido após o outro.

— Recordo-me dessa cena — murmurou Julia. Na sala bem iluminada e carregada de suor e óleos perfumados, a cena desenrolava-se vividamente na sua cabeça. — Era terrível, trágica.

— O Tony queria excitação, uma espécie de exaltação que acompanhasse o desespero. *Take após take*, nunca estava satisfeito. Sentia que todos os meus sentimentos eram arrancados à força, deixando-me em carne viva e a sangrar, para depois se desfazerem em pó. Hora após hora, aquela mesma cena. Depois de ver as gravações, vi que ele tinha conseguido exactamente o que queria de mim. A exaustão, a raiva, a infelicidade e aquela luz que surge nos olhos antes de sentirmos puro ódio.

Então, ela sorriu, triunfante. Tinha sido e ainda era um dos seus melhores momentos no cinema.

— Quando terminámos, fui para o meu camarim. Tinha as mãos a tremer. Porra, sentia a alma toda a tremer. Ele veio atrás de mim e trancou a porta. Meu Deus, lembro-me dele ali de pé, com o olhar aceso e fixo no

meu. Eu gritei e chorei, destilei veneno suficiente para matar dez homens. Quando ele me agarrou, bati-lhe. E fez sangue. Ele rasgou-me o roupão. Eu arranhei-o e mordi-o. Atirou-me para o chão, desfazendo-me a camisa preta em pedaços, sem proferir palavra. Meu Deus, viemo-nos como dois cães com cio.

Julia engoliu em seco.

— Ele violou-a.

— Não. Seria mais fácil mentir e dizer que sim, mas quando aterrámos no chão do camarim, eu estava mais do que disposta. Estava louca. E se não estivesse disposta, então sim, violava-me. Havia algo de incrivelmente excitante no facto de saber isso. Perverso — acrescentou quando acendeu outro cigarro. — Mas muito excitante. A nossa relação foi estranha desde o começo. Mas, durante os primeiros três anos do nosso casamento, usufruí do melhor sexo da minha vida. Era quase sempre violento, quase sempre no limite de algo impronunciável.

Rindo-se um pouco, levantou-se e preparou outra bebida.

— Bem, depois dos meus cinco anos de casamento com o Tony, nada nem ninguém me conseguirá chocar. Achava-me uma mulher experiente... — De lábios tensos, Eve serviu champanhe até à borda do copo e depois serviu um copo para Julia. — É humilhante saber que entrei naquele casamento inocente como um cordeiro. Ele conhecia tudo o que era desviante, coisas de que nem se falava na altura. Sexo oral, sexo anal, sado-masoquismo, voyeurismo. O Tony tinha um armário cheio de brinquedos terríveis. Alguns deles eram divertidos, outros nojentos e alguns eróticos. E depois havia as drogas.

Eve bebeu o suficiente para que o líquido não transbordasse enquanto caminhava. Julia pegou no segundo copo quando ela lho ofereceu. Naquele momento não lhe parecia muito estranho beber champanhe antes do almoço.

— O Tony estava muito à frente do seu tempo em matéria de drogas. Gostava dos alucinogénios. Eu também experimentei, mas nunca me atraíram muito. Mas, como em tudo, o Tony era um glutão e abusava. Comida, bebida, drogas, sexo. Mulheres.

Julia percebia que aquela memória feria Eve, e descobriu um instinto de a proteger. Tinham tido o seu braço-de-ferro, mas não gostava quando a vitória implicava o sofrimento.

— Eve, não precisamos de falar de tudo isto agora.

Eve esforçou-se por aliviar a tensão, sentando-se numa cadeira com a leveza de um gato que se aninha num tapete.

— Como entra numa piscina de água fria, Julia? Aos bocadinhos ou de uma vez?

Um sorriso desenhou-se nos seus lábios e depois no olhar.

— De cabeça.

— Ainda bem. — Eve bebeu um pouco mais, querendo sentir a frescura na garganta antes de mergulhar. — O começo do fim deu-se na noite em que ele me prendeu à cama. Com algemas de veludo. Nada que não tivéssemos feito antes. Chocada?

Julia não conseguia imaginar como seria estar tão indefesa, submeter-se inteiramente à vontade de outra pessoa. Seria *bondage* sinónimo de confiança? Nem podia imaginar uma mulher como Eve a desejar subjugar-se. Ainda assim, encolheu os ombros.

— Não sou pudica.

— É claro que é. É uma das coisas que mais aprecio em si. Por baixo de toda essa sofisticação, bate o coração de uma puritana. Não se arrelie — acrescentou Eve com um aceno de mão. — É refrescante.

— E eu a pensar que era um insulto.

— De forma alguma. Será preciso avisar, jovem Julia, que quando uma mulher sucumbe à sexualidade de um homem, será capaz de coisas que a fariam tremer de vergonha à luz do dia? Mesmo que esteja ansiosa por fazê-las de novo. — Recostou-se regiamente, segurando o copo com as duas mãos. — Mas chega de sabedoria feminina... terá de descobrir por si mesma. Se tiver essa sorte.

Se tivesse essa sorte, pensava Julia, a sua vida manter-se-ia tal como estava agora.

— Estava a falar-me do Anthony Kincade.

— Sim, estava. Ele gostava, ah, enfim, suponho que possamos chamar-lhe disfarces. Naquela noite vestia um colete de couro e uma máscara de seda. Começara já a ganhar algum peso e por isso o efeito estava pouco intenso. Acendeu velas, velas pretas. E incenso. Depois esfregou óleo pelo meu corpo até brilhar e tremer. Fez-me coisas, coisas maravilhosas, parando no limite do meu êxtase. E quando estava meia louca por ele... ou por quem quer que fosse... levantou-se e saiu do quarto. Deixou entrar um rapazinho.

Eve parou para beber. Quanto voltou a falar, a sua voz era fria e monocórdica.

— Não teria mais de dezasseis ou dezassete anos. Lembro-me de ter insultado o Tony, ameaçando-o e até implorando à medida que ele despia o rapaz. Enquanto ele o tocava com aquelas mãos assustadoramente hábeis. Descobri que mesmo quatro anos depois de estar casada com um homem como o Tony, ainda era inocente a respeito de algumas coisas, ainda era capaz de me espantar com algumas imagens. Porque não queria ficar a ver o que faziam um ao outro, fechei os olhos. Então, o Tony trouxe o rapaz até mim e disse-lhe que fizesse o que quisesse

enquanto nos observava. Percebi que o rapaz era muito menos inocente do que eu. Usou-me de todas as maneiras que uma mulher pode ser usada. E quando o rapaz ainda estava dentro de mim, Tony ajoelhou-se atrás dele e... — A mão de Eve não estava estável quando erguia o cigarro, mas a voz mantinha-se seca. — E tivemos sexo a três. Durou horas, com eles a mudarem de posição constantemente. Parei de os insultar, de implorar, de chorar e comecei a planejar. Depois de o rapaz sair e o Tony me libertar, esperei até que adormecesse. Desci e peguei na faca maior que encontrei. Quando o Tony acordou, tinha a gaita dele numa mão e a faca na outra. Disse-lhe que se me voltasse a tocar, o castrava, que íamos ter um divórcio rápido e discreto e que ele ia ceder-me a casa e o recheio, bem como o Rolls, o Jaguar e o pequeno refúgio que tínhamos comprado nas montanhas. Se ele não concordasse, daria cabo da vida dele ali mesmo.

Recordando a expressão no rosto de Anthony e a forma como balbuciara, Eve sorriu. Até olhar para Julia.

— Não vale a pena chorar — disse ela, suavemente, vendo as lágrimas correrem pelo rosto de Julia. — Tive o meu pagamento.

— Não há nada que pague isso. — A voz dela estava tolhida de uma raiva que nunca se atrevera a imaginar. Os seus olhos vibravam com esse sentimento. — Não pode haver.

— Talvez não. Mas vê-lo por escrito conceder-me-á alguma vingança, pelo menos. Esperei muito tempo por isso.

— Porquê? — Julia limpou as lágrimas do seu rosto com as costas das mãos. — Porque esperou?

— Quer a verdade? — Eve suspirou e terminou a bebida. Sentia a cabeça a latejar, coisa que detestava amargamente. — Por vergonha. Sentia vergonha por ter sido usada daquela maneira, humilhada.

— Foi usada, não tinha de sentir vergonha.

As longas pestanas negras agitaram-se. Fora a primeira vez que referira aquela noite, embora não tivesse sido a primeira em que a revivera, simplesmente a primeira que a repetira a alguém. Ainda a magoava. Não imaginava que pudesse ser assim. Nem sonhava que a compaixão podia ser tão tranquilizadora, redentora e incondicional.

— Julia. — As pestanas voltaram a erguer-se e, por baixo delas, os olhos mantinham-se enxutos. — Quer mesmo que acredite que não há vergonha em ser-se usado?

Perante aquele confronto, Julia não teve opção senão negar com a cabeça. Também ela fora usada. Não tão hediondamente, não daquela forma terrível, mas compreendia que essa mesma vergonha podia ser uma pedra no sapato durante anos. Muitos anos.

— Não sei como consegui conter-se e não usar a faca ou revelar a história.

— Por sobrevivência — retorquiu simplesmente Eve. — Naquela altura da minha vida, não queria que a história se soubesse, tal como o Tony. E depois havia a Travers. Fui visitá-la umas semanas depois do divórcio, depois de ter descoberto várias bobinas de filme que o Tony tinha escondido. Não só dele e eu em várias proezas sexuais, mas dele com outros homens, dele com duas meninas muito novas. Fez-me perceber que o meu casamento tinha sido uma doença. Acho que fui falar com ela para provar a mim mesma que tinha sido vítima de um engano, seduzida. Ela morava sozinha num apartamento na baixa. O dinheiro que o Tony era obrigado a pagar-lhe todos os meses mal cobria a renda, depois de pagar as outras despesas. Essas outras despesas eram os cuidados prestados ao filho.

— Ao filho?

— O filho que o Tony insistira dar a saber ao mundo que tinha morrido. O nome dele é Tommy. Tem um atraso mental considerável, uma imperfeição que o Tony se recusava a aceitar. Prefere pensar que o filho morreu.

— Ao fim destes anos todos? — Agora, Julia sentia-se abalada por um novo tipo de raiva, que a fizera levantar-se da cadeira e caminhar até à janela onde o ar pudesse ser mais limpo. — Ele voltou as costas ao próprio filho e nunca o ajudou nestes anos todos?

— Não é o primeiro homem, nem será o último, a fazê-lo, pois não?

Julia voltou-se. Reconheceu a solidariedade do comentário, a compreensão e, automaticamente, fechou-se.

— Essa escolha também foi minha. E não era casada com o pai do Brandon. A Travers era casada com o pai do Tommy.

— Sim, era. E o Tony já tinha dois filhos perfeitamente saudáveis e mimados do seu primeiro casamento. Apenas escolheu não reconhecer um filho com falhas.

— Devia ter-lhe cortado os tomates.

— Ah, bem. — Eve sorriu novamente, agradada por ver raiva e não infelicidade. — A minha oportunidade perdeu-se, pelo menos, literalmente.

— Fale-me sobre o filho da Travers.

— O Tommy tem quase quarenta anos. É incontinente, não se consegue alimentar nem vestir. Não se esperava que sobrevivesse até à idade adulta, se bem que o problema está na cabeça e não no corpo.

— Como pode ela ter dito que o filho morreu?

— Não a condene, Julia. — A voz de Eve era agora mais terna. — Ela sofreu. A Travers concordou com as exigências do Tony porque tinha medo do que ele pudesse fazer ao filho de ambos. E porque ela se culpa pelo esta-

do do Tommy. Ela convenceu-se de que as suas, digamos, práticas sexuais pouco saudáveis sobre as quais a criança foi concebida podem ter contribuído para o atraso. São tolices, claro, mas ela acredita nisso. Talvez precise de acreditar. Em todo o caso, recusou tudo o que considerava caridade, mas concordou em trabalhar para mim. Tem-no feito há mais de trinta anos e manteve-o em segredo.

Não, pensava Julia, não podia condená-la. Compreendia demasiado bem as escolhas que uma mulher sozinha era obrigada a fazer.

— Manteve-o até agora.

— Até agora.

— Porque quer tornar isto público?

Eve recostou-se na cadeira.

— Não há nada que o Tony possa fazer ao rapaz ou à Travers. Tomei precauções nesse sentido. O meu casamento com ele fez parte da minha vida que eu decidi partilhar... sem mentiras, Julia.

— Se ele souber o que me contou e desconfiar da possibilidade de ser publicado, tentará travá-la.

— Deixei de ter medo do Tony há muito tempo.

— Ele pode ser violento?

Eve moveu os ombros.

— Todos podemos ser violentos.

Não comentando, Julia pegou na pasta e tirou os dois bilhetes. Passou-os a Eve. Lendo-os, Eve empalideceu levemente. Depois, o olhar ficou tenso e ergueu-se de novo.

— Onde encontrou isto?

— Um foi deixado nos degraus da frente da casa de hóspedes. O outro colocaram na minha bolsa ontem à noite.

— Eu trato disso. — Guardou-os no bolso do roupão. — Se receber mais, entregue-mos.

Lentamente, Julia acenou com a cabeça.

— Não chega. Foram-me destinados, Eve, por isso, tenho direito a algumas respostas. Devo considerá-los ameaças?

— Considero-os mais avisos patéticos emitidos por um covarde.

— Quem poderá ter deixado um deles nos degraus?

— Isso é algo que tenho toda a intenção de descobrir.

— Muito bem. — Julia tinha de respeitar o tom e o brilho no olhar de Eve. — Responda-me a isto: há alguém além do Anthony Kincade que possa enervar-se o suficiente com esta biografia a ponto de escrever os bilhetes?

Agora, Eve sorria.

— Oh, minha cara Julia. Pode crer que há.